

TEXTOS PARA UM NOVO CONTEXTO



**VERSÃO REVISADA,
ATUALIZADA E ILUSTRADA**

PEDRO ARTURO ROJAS ARENAS

PREFÁCIO: PROF. DR. AILTON SIQUEIRA DE SOUSA FONSECA



Edições
UERN

PEDRO ARTURO ROJAS ARENAS

TEXTOS PARA UM NOVO CONTEXTO



Mossoró, RN, 2019

Os textos assinados, no que diz respeito à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Textos para um novo contexto/
Pedro Arturo Rojas Arenas – Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

253p.

ISBN: 978-85-7621-271-3 (E-book)

1. Educação. 2. Ciências humanas. 3. Desenvolvimento social. I. Arenas, Pedro Arturo Rojas. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/BC

CDD 301

Bibliotecário: Petronio Pereira Diniz Junior CRB 15 / 782

Reitor
Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Vice-Reitor
Fátima Raquel Rosado Morais

Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas
Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

Chefe da Editora Universitária – EDUERN
Anairam de Medeiros e Silva

UERN



Conselho Editorial das Edições UERN

Diego Nathan do Nascimento Souza
Ellany Gurgel Cosme do Nascimento
Emanoel Márcio Nunes
Isabela Pinheiro Cavalcante Lima
Jean Henrique Costa
José Cezinaldo Rocha Bessa
José Elesbão de Almeida
Wellington Vieira Mendes

Diagramação:
André Duarte da Silva

Endereço:

Campus Universitário Central, Rua Professor Antônio Campos, s/n, BR 110, km 48, Bairro Costa e Silva, CEP: 59600-000, Mossoró/RN

Contato:

Fone: (84) 3312-0518

E-mail: edicoes.uern@uern.br

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7	15. A VIOLÊNCIA NA COLÔMBIA: instrumento de um processo contínuo de re-organização territorial.....	113
Prefácio.....	9	16. Pedagogia e didática: a construção de uma arte...	141
Introdução.....	13	17. Paulo Freire: meu primeiro amigo brasileiro.....	157
1. Novos horizontes para um mundo em caos.....	15	18. Desafios do Brasil no cenário contemporâneo.....	169
2. A Terra é um só País.....	20	19. A institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e no Ceará.....	179
3. Brasil no desafiante cenário da nova ordem social.	25	20. A carreira profissional dos bacharéis em Ciências Sociais da UFC.....	193
4. A importância de aprender espanhol.....	30	ADENDO.....	230
5. A Mídia e a ética profissional.....	34	ANEXOS.....	238
6. Sobre o ensino universitário.....	37	THE LUMINOUS HORIZON OF THE UNITY OF THE HUMANITY.....	239
7. Elementos para uma sócio antropologia da saúde na sociedade contemporânea.....	43	GLOBAL RESEARCH AND SOCIAL INNOVATION: TRANSFORMING FUTURES”.....	245
8. O homem e a mulher.....	49	Carta convite da President do World Futures Studies. Federation - Jennifer Gidley.....	247
9. O Desenvolvimento de uma nova ordem social.....	52	Resenha sobre a Fé Bahaí.....	249
10. Megatendências do Mundo Contemporâneo.....	70	Posfácio.....	250
11. As dimensões do ser e as dimensões do saber.....	73		
12. Percepção das diferentes formas do espírito de vida na sociedade contemporânea.....	76		
13. Sobre o ensino da história na América Latina.....	79		
14. A construção do sujeito em J. Piaget e J. Habermas.....	82		

AGRADECIMENTOS

Nesta nova edição, quero resgatar a memória de pessoas relevantes em minha caminhada pelo mundo e que não tinha mencionado na primeira edição, entre elas: Pedro José Rojas Pinto, meu amado Pai; Paula e Emely Arenas Mantilla, minhas tias preferidas; Marta Cecilia Rojas Arenas, nossa irmã mimada; Gerardo Rojas Arenas o “Big brother” de nossa amada família; Jaime Reina Arenas e Leonor Sánchez de Reina, sempre de “nosso lado”; Julio César Rojas Patiño, sobrinho genial e afetuoso; à todas as “Lauritas” que nasceram quando minha amada filha, Laura Patricia Rojas Gutiérrez, ascendeu ao mundo espiritual e é, claro: à Charlie Rojas Horarau, meu amado netinho.

Aos meus colegas da Universidade Nacional da Colômbia, entre eles: Nicolás Boris Esquerro Pardo - quem redigiu o prefácio da edição de 2007-, Jaime Eduardo Jaramillo Jiménez; Jorge E. Arevalo; Uriel Gutiérrez, Mario Alvear; Clara González. Devo mencionar aos professores doutores da UFC: André Haguette; Silvia Porto-alegre; Elza Braga; Cesar Barreira; Henrique Beltrão; entre outros. Da UECE: Neuma Pereira Lopes; Arnaldo Parente; Beatriz Mattos. Da UERN: aos professores doutores: Ailton Siqueira de Souza; João Freire Rodrigues; Aécio Cândido; Karlla Christine Araújo; aos Mestres Giovani Rodrigues; Alexander Náder; aos prezados alunos: Daiane Dupratt e Denner Dantas. De forma especial, às doutoras Leni Andrade em Mossoró, RN e Silvia Raquel Dummar em Fortaleza. Ceará. Meus agradecimentos ao Professor Mestre José Romero Cardoso quem redigiu o Prefácio da primeira edição em 2005. Ao povo potiguar, aos colegas, funcionários e alunos da UERN pela oportunidade de compartilhar essa rica experiência que constitui a vida universitária. Mais recentemente, ao Helder pela sua primorosa diagramação. Não quero ficar em dívida com inúmeros amigos bahias de vários países que visitei ou nos quais morei por algum tempo. O Doutor Farzam Arbab e o doutor Gustavo Correa em Cali Colômbia. Evaristo Pinto e sua querida família; Simím Rezvani, seu amado esposo e filhas; a família Duque em Bucaramanga, Colombia. Doris Bretón de* Sánchez seu esposo e filhas em Bogotá, Colombia; Em Cabo Verde, de forma especial, ao Doutor Chong e sua querida esposa; o Conselheiro Kobina Finn; Olga Lopes e o Dr.

Pierre Martel. A família de Quentin Farran e a família Retana em San Salvador, América Central. A família Andrade Alvarenga; à Senhora Marisa Seabra e a Zenaide Santana, A Fatinha, Iramar, Irmina, Laura Victoria e Cláudio Moura Brasil, Ana Carla Ortiz, Luiz Gonzaga em Fortaleza, Brasil. Aos queridos e inumeráveis amigos bahias de tudo Brasil, em especial aos amigos bahaís de Natal, ao querido amigo, Gabriel Marques, a Keyvan Bueno Nikovin, a Sara Rutineia pela sua prestatividade e a André Duarte pela excelente diagramação desta obra.

PREFÁCIO

Todos os caminhos e uma mesma direção

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

O tempo da memória não é marcado pelos ponteiros do relógio ou pelas datas do calendário. Parece que foi ontem aquilo que aconteceu há mais de um ano: Pedro Arturo me procurou e pediu para eu ler uma coletânea de textos escrita por ele. Como um colega do Departamento de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e como membro do nosso Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN), eu logo me prontifiquei para tal desafio. Mas as palavras mansas de Pedro provocaram uma tempestade em minha mente, sobretudo quando ele me pediu para prefaciar essa coletânea.

Falar sobre aquilo que vemos à distância e sobre quem está perto de nós é um desafio tão simples como tentar ver estrelas em noites nubladas. Desafio aceito. Li os textos para saber em que territórios meus pensamentos iriam caminhar. Nada escrevi. Um ano se passou sem eu nada escrever para o prefácio. A paciência de Pedro para comigo foi maior do que esse tempo. Se é verdade como diz o Eclesiastes e toda sua sabedoria da lucidez que “há um tempo para todas as coisas e para todas as ações”, agora é meu tempo, aqui é meu lugar de ação. Passar um ano para começar a escrever foi um amadurecimento necessário para o desabrochar de pensamentos e ações em mim.

Como quem percorre caminhos, atravessa fronteiras, visita lugares longínquos e faz isso com o cuidado necessário para saber se situar e dar o próximo passo, assim fiz com os textos que recebi de Pedro: comecei a minha viagem pelas letras, palavras e ideias do autor. Algumas delas familiares, outras inovadoras e todas elas pertinentes.

Para mim isto foi motivo de entusiasmo, porque em um mundo fragmentado, individualista, narcisista, que tenta construir caminhos solitários, Pedro Arturo escreve textos e pequenos ensaios que tentam resistir a essa correnteza cultural líquida moderna.

Em cada texto, ele nos mostra o contexto necessário para repensarmos nossos pensamentos e revermos nossas visões. Talvez, somente

assim, possamos ensaiar novos passos e tentar novos caminhos, não mais caminhos feitos de solidão, mas abertos pela comunhão, pela solidariedade e perspectivas integrativas do ser e do mundo.

É importante percebermos que nessa sociedade marcada pela lógica mercadológica, marcada pelo quantitativo e instrumentalidade, abre também espaço para o desejo, difuso, do qualitativo e dos valores humanos.

Mesmo estando misturados e entrelaçados, os textos dessa coletânea transitam em dois grandes blocos temáticos. Em alguns momentos, o autor traz passagens de sua vida: experiências, afetividades e encontros pessoais como aquele que aconteceu com Paulo Freire, por exemplo, bem como suas visões sobre a vida e espiritualidade. São escritos mais soltos, leves e ensaísticos. Em outros, reflexões intelectuais de cunho mais analítico, conceitual e até mesmo didáticos sobre a realidade circundante. Nesse bloco mais acadêmico, ele transcorre por temáticas políticas, econômicas, educacionais, científicas, mas como guia da sua visão e da sua interpretação estão a espiritualidade, o amor, a ética, a sensibilidade e a aposta em um “mundo melhor, livre da utopia do melhor dos mundos”, como diria Edgar Morin. Ou seja: aqui encontramos uma dialogia entre a vida e as ideias do autor.

Os textos não são todos novos, mas é o novo contexto planetário que renovou a pertinência dos mesmos. À medida que avançamos na leitura percebemos que eles estão defendendo e construindo, no leitor, uma nova compreensão, mas é o próprio autor que está, como pessoa, vivendo o caminho da unidade. Sempre de forma calma e sutil, Pedro Arturo religa razão e paixão, ciência e espiritualidade, vida e ideias. Assim, ele defende não somente uma nova sociedade, mas um novo sujeito, uma nova civilização fomentada por aquilo que deixamos de lado ao longo desse caminho de desenvolvimento social: o amor, a amizade, a partilha, a fé, a solidariedade e a espiritualidade.

Textos para novos contextos, advoga um novo saber para um novo ser, um ser para um novo saber: “as dimensões do ser e as dimensões do saber eram semelhantes, porquanto o saber se constitui como ser, isto é: como parte do ser”, como ele mesmo afirma.

Nessa nova edição revisada, atualizada e ilustrada, a coletânea reúne as preocupações, interrogações e reflexões de um intelectual e mostra uma concepção filosófica, sensível e poética necessária para

enfrentar os desafios do nosso tempo. E deixa, de forma mais forte, a compreensão de que o desenvolvimento da ordem social e mundial deve ocorrer, simultaneamente, com o desenvolvimento da ordem do sujeito e da condição humana.

Uma das ideias mais caras e pertinentes encontradas nesses escritos é a reflexão seria da possibilidade viável e urgente de construirmos o que Pedro chama de “cidadania mundial”, algo que Edgar Morin chamaria de “cidadania planetária”. Essa é uma reflexão transversal nessa obra que nos coloca em um caminho da unidade e nos faz perceber que “A terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos” (Bahá u lláh). Na concepção do autor e no atual contexto, a cidadania é mais do que um conceito ou categoria de reflexão: é uma necessidade urgente e contemporânea, algo que se não for considerada, “uma nova primavera na história da humanidade” não irá acontecer.

Só se caminha para o outro quando se descobre a necessidade de rejuntar seus próprios passos deixados nas areias do tempo. Ao que parece, com esses textos, Pedro Arturo tenta reencontrar seus próprios passos, aqueles que levaram à ciência, às várias experiências culturais, à espiritualidade e aos amigos.

Ao caminhar para os outros, Pedro termina caminhando para si mesmo, ao buscar o caminho da unidade ele se reúne com seus próprios pensamentos e afetos, e nos une nessa busca que é de todos nós: a busca pela unidade do ser, do mundo, do pensar e do sentir. Como Sai Baba, ele sabe que “nós somos, todos, partes inseparáveis do mesmo corpo” e o bem que queremos para o mundo passa pela paz que cada um deve cultivar em si mesmo, aquilo que desejamos para o mundo deve começar a se realizar, antes, em cada um de nós, porque estamos, todos, carentes de novos valores sociais e de um novo sujeito, de um novo saber e de uma nova forma de viver-juntos.

No verão de 1990, Sai Baba disse: “Com o auxílio de um pequeno leme, podemos salvar de um feroz ciclone um grande barco. Com uma pequena fagulha, podemos acender uma imensa fogueira”. Talvez esses textos escritos por Pedro Arturo sejam um leme para quem deseja atravessar as correntezas desse mundo líquido ou uma fagulha para incendiar os corações que querem ver o dia de amanhã nascer com mais humanidade.

*Em memória da minha amada
filha, Laura Patrícia Rojas
Gutiérrez; da minha querida
sogra, Maria Suzana Pereira e de
Elvirita Patiño de Rojas.*

*À Charlie, Margarita María,
Christophe e a minha amada
esposa, Maria Valdelina Pereira
Rojas Arenas. Aos meus colegas
sociólogos da América latina e aos
meus queridos amigos baháís da
Colômbia e do Brasil.*

INTRODUÇÃO

Ao concluir o curso de sociologia na Universidade Nacional da Colômbia, em 1975, experimentava certo grau de desconforto com o paradigma predominante ao respeito do desenvolvimento social. O paradigma fundamentava-se em dois aspectos centrais do que tem se chamado de *modernidade*: a. o desenvolvimento e a consolidação dos estados nacionais no mundo todo e, b. a aplicação intensa e crescente da revolução científico técnica na sociedade humana.

Quando entrei em contato com a Revelação de Bahá u lláh, em 1984, e tive conhecimento do conceito de *Cidadania Mundial*, a compreensão deste conceito tornou-se o maior desafio espiritual e intelectual da minha vida. A partir de então, a análise clássica dos problemas sociais contemporâneos, tal como fora apresentada pelos acadêmicos da universidade, tornou-se ainda mais frágil e limitada. A necessidade dum modelo de interpretação holístico, inspirado num novo princípio renovador da civilização, resultada inquestionável.

Os textos aqui apresentados refletem uma série de esforços sistemáticos realizados, durante vários anos, querendo fornecer alguns elementos conceituais, na busca de respostas nesta nova direção. Reuni estes textos para sua divulgação em 2004, como uma primeira e amorosa homenagem, em memória da minha amada filha *Laura Patricia Rojas Gutiérrez*, ao aproximar-se um ano de seu retorno ao mundo espiritual. A primeira edição impressa em português foi publicada pela Coleção Mossoroense em 2005. Uma edição em espanhol foi publicada na Colômbia pela SYC Editorial de Bucaramanga, também em 2005. A primeira edição eletrônica foi publicada pela Editora Planeta Paz de

Mogi Mirim em 2007. Esta segunda edição acrescenta alguns textos mais recentes e outros anteriores à aceitação de da Fé Bahaí como guia espiritual de minha vida.

O autor.

1. Novos horizontes para um mundo em caos¹

Numa perspectiva histórica e social, quatro grandes eventos caracterizaram o Século XX:

- O deslocamento da sociedade industrial para o Continente Americano
- A revolução socialista na Rússia de 1917
- O desenvolvimento da Revolução Científico Técnica
- A crescente consciência da interdependência e unidade mundial

Os dois primeiros eventos constituem fatores fundamentais no processo de superação da hegemonia europeia no mundo e, contribuem a transcender -em grande parte os preconceitos de raça e nacionalidade. Com eles, poderia se dizer, culmina a consolidação dos estados nacionais no mundo.

O desenvolvimento da revolução científico técnica eleva a níveis jamais imaginados a produtividade *da força de trabalho humano, caracterizada com as seguintes palavras do físico Radovan RICHTA; *“uma nova e substancial transformação da estrutura e dinâmica das forças produtivas da vida humana”*.

A revolução-científico técnica reafirma a necessidade de um novo ordenamento da humanidade não só no aspecto econômico, mas também cultural, político e social, como resultado do amplo desenvolvimento do transporte e as comunicações e da crescente interdependência mundial.

Na introdução da História da Humanidade, organizada pela UNESCO, os autores afirmam sobre o Século XX:

1. Texto da palestra proferida no Centro Cultural Salvadoreño, Salvador, América Central. Agosto de 1989 no debate organizado pela Comunidade Bahá'í de São Salvador.

O mundo da metade do século em diante tinha-se tornado, em sentido genuíno numa sociedade mundial. Acontecimentos extraordinários no transporte e as comunicações aproximaram todos os povos. Todos compartilham o perigo comum que resulta dos efeitos radiativos das explosões nucleares.

Schaefer (1988), na obra *El Dominio Imperecedero*, assinalando o contraste entre o desenvolvimento da ciência e a deplorável situação da humanidade afirma:

Ainda que o conhecimento humano tem-se dobrado nos intervalos sucessivos de 1800 a 1900; de 1900 a 1950 e de 1950 até nossos dias, a pergunta de que se o ser humano é mais feliz deve-se responder negativamente.

O dilema do presente caracteriza-se pela crise de matérias primas, pela crescente destruição do entorno que ameaça com um desastre ecológico, pelo caos no sistema mundial atual, com o perigo duma catástrofe financeira que significaria o fim da nossa economia mundial e, acima de tudo, pelo perigo ameaçador dum suicídio coletivo, no caso de guerra nuclear entre as potências. Além disso, milhões de seres humanos estão excluídos dos benefícios do progresso tecnológico. Os estados industriais têm tomado posse da riqueza da terra e a exploram com inteligência e egoísmo brutal.

No segundo Informe do Clube de Roma sobre a situação mundial, Mesarovic e Pestel concluíram - a partir de análise científica- que os problemas do mundo só podem ser resolvidos mediante a cooperação mundial. Assim, propõem o desenvolvimento de uma consciência mundial mediante a qual cada indivíduo tome consciência de seu papel como membro dessa comunidade. Caso não conseguirmos

unir o mundo através dum sistema cooperativo global, só restam como alternativas o conflito, o ódio e a destruição....

A pesar das múltiplas diferenças culturais e diversidade de perspectiva política, os povos do mundo compartilham uma coisa em comum: estão submetidos ao mesmo destino, a mesma ameaça à existência perante a qual poderia se esperar que fossem deixados de lado todas as diferenças e conflitos. Se este destino comum não consegue fazer que os seres humanos vençam os antagonismos, então, não conseguiram afastar da calamidade que se aproxima.

Huschmand Sabet no seu livro, “O Conflito da paz” apresenta uma imagem da situação do mundo reduzido a uma pequena cidade:

Reduzamos pois, nosso planeta, com seus quatro mil setecentos milhões de habitantes a uma cidade, a uma pequena vila que conta com quatro mil setecentos habitantes. Dos mil e quinhentos desses quatro mil setecentos habitantes estão mal alimentados ou passam fome. Dois de cada três habitantes –geralmente os mesmos que passam fome- não sabem ler ou escrever. Quinhentos desses habitantes estão continuamente doentes pois não tem condições de higiene, faltam médicos e medicamentos.

As setecentas pessoas da parte norte da cidade são abastadas porque possuem instalações e fábricas em muitas localidades da cidade ou porque trabalham em áreas industriais mais desenvolvidas. Cada trabalhador que vive na parte norte ganha vinte vezes mais que os restantes quatro mil que vivem nos bairros pobres do sul. No entanto, o bem-estar do Norte é enganoso. De cada dois adultos, um confessa ter sentimento de medo. De cada quatro jovens, três temem a vida

cotidiana. Os médicos opinam que a maioria de seus pacientes não estão –absolutamente– doentes na sua parte física, mas principalmente, no nível psíquico. Cada família de nossa pequena cidade se preocupa principalmente pelo seu próprio bem-estar, segurança e poder. Para proteger-se das outras famílias –sejam pobres ou ricas- dedicam grande parte de sua renda para comprar armamentos e munições. Algumas famílias ricas, tem armazenado suficiente dinamite para arrasar a cidade em qualquer momento. Ainda que existe um conselho da cidade, ele tem pouca autoridade e poder de tal forma que não consegue se impor às famílias mais prósperas.

Tem-se calculado que até o final do Século XX o número de habitantes da nossa pequena cidade crescerá até seis mil cem. Mas, se hoje são dois mil e quinhentos que passam fome e não sabem ler nem escrever, para esse momento será de quatro mil. Os pobres serão cada vez mais pobres. O número de doentes e dos que vivem em péssimas condições chegará a duplicar. Mas, também, os ricos serão mais infelizes.

As grandes conquistas da civilização moderna, as quais devemos nosso alto nível de vida e bem-estar envenenaram a terra e a água, e contaminarão o ar, caso continuemos com a busca da prosperidade em prejuízo do meio ambiente. Nosso mundo no qual somos todos vizinhos necessita, urgentemente, uma nova ordem social.

Para finalizar, quero transcrever as seguintes palavras de Shoghi Effendi escritas em 1941:

Uma tempestade de violência sem precedentes, de rumo imprevisível, efeitos catastróficos imediatos, de resultados finais inimaginavelmente gloriosos, barre na atualidade a faze da terra. A força que a impulsiona aumenta inexoravelmente em extensão e ímpeto. Seu poder de purificação ainda inadvertido,

crece dia a dia. A Humanidade presa nesta força avassaladora está desconcertada perante as provas de sua irresistível fúria. Não consegue perceber sua origem, nem seu significado, nem discernir seus resultados. Perplexa, angustiada e impotente, vê como este grande e poderoso vento de Deus as mais distantes e formosas regiões da terra, sacude seus alicerces, transforma seu equilíbrio, arrasa suas cidades, envia para o exílio seus reis, derruba seus baluartes, desarraiga suas instituições, escurece sua luz e atormenta as almas dos seus habitantes.

2. A Terra é um só País²

*“Na civilização ocidental, e só nela, terem aparecido fenômenos culturais que apresentam uma linha de desenvolvimento de significado e valor universais. Apenas no ocidente existe uma ciência em um estágio de desenvolvimento que reconhecemos, hoje, como válida”.*³

A citação de Max Weber coloca explicitamente a idéia de que o desenvolvimento da ciência só atinge sua plenitude no ocidente, o que reflete uma visão eurocêntrica da história da sociedade humana. Se bem é certo que a história da humanidade girou em torno da Europa durante alguns séculos, isto não corresponde a nossa realidade atual.

Certamente, o mundo no começo do século XXI desafia a humanidade com novos problemas que são percebidos de forma crescente na sua extraordinária complexidade. Situação que ainda padece de uma limitada expressão teórica entre os cientistas sociais. Hoje, vivenciamos o processo de desenvolvimento e constituição de uma nova ordem social.

Alguns fatos sinalizam o caminho que a humanidade transitará neste incessante processo de desenvolvimento e renovação. Processo no qual o *estado nacional* deve se enquadrar num contexto maior: o *estado*

2. Texto apresentado no XI Congresso Mundial de Sociologia, realizado em Nova Delhi, do 18 ao 22 de agosto de 1986. Publicado na revista *Economia y Cultura* No. 3 FUSADER, Bucaramanga, Colômbia, julho de 1986 e na *Revista da Universidad de Córdoba*, Nº 4, Montería, Colômbia, fevereiro de 1988.

3. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Introdução.

mundial. Hoje, aparece evidente que a constituição dum estado mundial perpassa necessariamente pela conformação dos blocos regionais de nações.

O *estado nacional* expressa uma conquista fundamental da sociedade moderna. De forma progressiva, a partir da Europa, foram constituindo-se os estados nacionais pelo mundo todo. Esse processo lento e tortuoso da unificação territorial, econômica, jurídica, religiosa e também de centralização administrativa e militar, assim como o estabelecimento das línguas nacionais foi, na época, também considerado contrário a muitos interesses regionais. De forma semelhante, hoje, a constituição de uma comunidade de nações, sob o comando dum executivo e parlamento universais, assim como dum sistema administrativo e judiciário global, com uma língua auxiliar universal, para muitos, aparece uma empreitada utópica demais para ser realizada com sucesso.

Os grandes avanços científicos e técnicos, em particular, o avanço nas comunicações e a maior diversificação e interdependência das economias nacionais, assim como a constituição de organismos culturais, políticos internacionais, como a Organização das Nações Unidas e todas suas agências conexas para promover a paz e o desenvolvimento universais, são expressão desta singular e extraordinária época em que vivemos. Época tão grandiosa como o *renascimento europeu*, tão nova e promissória como nunca antes a humanidade tinha experimentado.

A percepção desta nova situação transcende a ortodoxia do materialismo histórico. Nela encontramos uma nova perspectiva do desenvolvimento da sociedade humana na qual, a história econômica, política e militar das nações e do mundo, é considerada como parte integrante de uma história geral do desenvolvimento do espírito humano, da cultura e de suas crenças religiosas.

Esta perspectiva não pretende desconhecer a importância do desenvolvimento material dos povos mas, principalmente, atingir uma mais complexa visão unificadora do desenvolvimento da religião e a ética com os diversos aspectos materiais da cultura. De igual forma, esta perspectiva pressupõe a adoção dum horizonte mais amplo que transcende a interpretação nacional dominante. Pretende-se com isto que o ser humano alcance um novo nível de consciência representado pela *cidadania mundial*.

Existem, no entanto, grandes obstáculos para o rápido desenvolvimento deste processo, entre eles: o racismo, o excessivo patriotismo, a falta de comunicação, o dogmatismo religioso, a excessiva desigualdade econômica entre os povos e entre as diversas classes sociais, a falta de educação, a discriminação contra a mulher e a falta de uma língua auxiliar universal

Apesar destas grandes dificuldades, o século XXI inaugura a aurora dum novo dia, o início de uma nova era, dum nova ordem mundial que se desenrolará plenamente no futuro. Ao finalizar o segundo milênio temos o grande privilégio de presenciar o início de uma nova primavera na história da humanidade.

O desenvolvimento dum nova ordem social internacional aparece como uma tendência no processo de desenvolvimento da sociedade humana. O princípio de soberania nacional, tal como o percebem alguns estados, constitui-se assim um sério obstáculo para a construção de um governo mundial, representado num estado mundial confederado, expressão dum nova razão, dum novo espírito da época que emerge como resposta apropriada aos desafios do mundo contemporâneo.

A aplicação do paradigma dual da modernidade, fundamentado no desenvolvimento científico técnico e no fortalecimento do estado

nacional, representa o cerne das sociedades capitalista e socialista atuais e torna-se um sério empecilho para o pleno desenvolvimento das potencialidades da raça humana. Ele deve ser revisto sob uma nova perspectiva na sociedade contemporânea.

O processo de unificação das diversas regiões num só território, constituindo as nações modernas, sobre a base de um sistema jurídico, uma cultura e uma economia nacionais, representa um avanço revolucionário de grande valor num período de vários séculos. Promotores destacados deste processo histórico e social tem sido os diferentes segmentos das classes sociais da modernidade.

O desenvolvimento da ciência e a tecnologia num nível jamais imaginado no passado, tem-se constituído o fundamento dum progresso material sem precedentes que permitiria a cabal satisfação das necessidades materiais, sociais e culturais da raça humana como um todo. O extraordinário avanço das comunicações, de outra parte, tem transformado o planeta numa aldeia global.

No entanto, a hipertrofia da racionalidade do capital e do estado tem chegado a um extremo alarmante. Como resultado desta situação, todos os povos da terra submetidos a voracidade insaciável do capital financeiro mundial e à desprestigiada ditadura do proletariado, suportam as mais diversas formas de uma inaudita violência. Em particular, é o homem comum dos grandes centros urbanos, quem padece o exercício direto ou sutil desta terrível violência, em todos os aspectos de sua vida cotidiana.

Ainda que o paradigma dual da revolução científico técnica e o fortalecimento do estado nacional tem-se constituído o eixo central duma época que hoje está findando, não se pode afirmar que tenha perdido toda sua significação, mas que deve ser revisto numa nova perspectiva, a perspectiva da unidade mundial. Assim, a modo

de exemplo, o desenvolvimento científico técnico no deve continuar alavancado exclusivamente no lucro econômico e na utilidade militar. Devem ser considerados igualmente, aspectos tais como a preservação do meio ambiente e o direito ao trabalho da população.

Para finalizar esta reflexão é preciso destacar que a unidade de todos os povos da terra constitui o fundamento sólido para alcançar uma paz permanente, tal como afirma Bahá u lláh , mestre espiritual da humanidade: *“O bem estar da humanidade, sua paz e segurança são irrealizáveis, a não ser que primeiro se estabeleça firmemente sua unidade”*.⁴

4. Seleção dos escritos de Bahá u lláh.

3. Brasil no desafiante cenário da nova ordem social⁵

“O bem-estar da humanidade, sua paz e segurança, são irrealizáveis, a não ser que, primeiro se estabeleça firmemente sua unidade”.

Bahá-u-lláh.

“O Brasil é a nona economia do mundo. O PIB brasileiro chegou, em 1993, a US\$ 446 bilhões. Contudo, o Brasil caiu do 50º para 70º lugar na classificação mundial das condições de vida. Enquanto isso, os bancos obtiveram ganhos superiores 30% acima da inflação. De uma lista de 120 países, o Banco Mundial classifica o Brasil em 74 lugar em termos de educação”⁶.

Como é que o Brasil se insere no cenário contemporâneo nessas condições e, quais são os desafios que deve encarar para participar de forma bem-sucedida no mundo da unidade em diversidade? A meu ver, o Brasil precisa, hoje, de uma profunda transformação de suas estruturas sociais, assim como de uma visão positiva de seu futuro.

O engajamento do Brasil em processos econômicos regionais como MERCOSUL, representa uma iniciativa louvável que responde de forma apropriada a um dos mais importantes desafios do mundo pós-moderno: a conformação de blocos regionais de nações. Para consolidar este processo, se faz necessário impulsionar uma nova visão da sociedade, novas atitudes e valores correspondentes a um conceito

5. Texto apresentado no IV Seminário da Rede Universitária de Pesquisadores sobre América latina, RUPAL UFC. Fortaleza, 2004.

6. Frei Betto, Neoliberalismo – a nova face do capitalismo In: Revista AEC no. 98 pp 13-14, 1996.

mais amplo de cidadania. De outra parte, a integração com os países vizinhos precisa transcender o plano puramente econômico (comercial, industrial e financeiro) e incorporar de forma significativa os aspectos sociais e culturais, dando consistência a uma autêntica consciência regional. Finalmente, resulta indispensável fortalecer os emergentes processos da democracia participativa na região, visando eliminar as gritantes desigualdades sociais.

Estes processos complexos de construção de uma nova sociedade ao nível local, nacional e internacional tornaram-se coerentes e possíveis quando fundamentados na justiça social, tal como afirma Bahá-u-lláh, mestre espiritual da humanidade: “O propósito da justiça e o estabelecimento da unidade entre os homens”⁷.

Alguns indícios nos falam do percurso que a humanidade deve seguir no seu inesgotável processo de desenvolvimento e renovação. Processo no qual, os estados nacionais são enquadrados em um novo contexto: os blocos regionais de nações no médio prazo e o estado mundial no longo prazo.

De forma similar como os estados nacionais se desenvolveram na Europa do renascimento em diversos projetos de nações, tais como Inglaterra, França, Holanda, Itália e, finalmente, Alemanha; a humanidade, hoje, intui com certo grau de dificuldade a necessidade de uma comunidade de nações autônomas, com uma língua auxiliar universal, um sistema legislativo e judiciário, assim como um executivo global.

Nesse contexto, a ONU (Organização da Nações Unidas), representa através de seus diversos organismos, um importante processo de desenvolvimento de instituições políticas, culturais e de

7. Bahá-u-lláh. Seleções dos escritos de Bahá-u-lláh. Rio de Janeiro: Editora Bahá'í do Brasil.

solidariedade que antecipam, de forma embrionária, associações e formas de governo correspondentes a um “*Civitas Universal*”. Tudo parece indicar, no entanto, que a conformação de um chamado “estado mundial”, transitará por um processo prévio de conformação de blocos regionais de nações.

O desigual avanço da ciência e da tecnologia nos diferentes países e o maior grau de interdependência das economias nacionais encaminham as nações do mundo a conformar blocos, na defesa de interesses regionais, através da complementariedade nos diversos setores de suas economias, procurando beneficiar-se mutuamente perante a concorrência de blocos mais poderosos.

A percepção da nova situação gerada na pós-modernidade está além da ortodoxia do materialismo histórico e do estrutural funcionalismo na sociologia contemporânea. Só uma nova e inspiradora visão permite compreender o desenvolvimento da sociedade humana de forma holística. Esta nova visão entende a história dos processos econômicos, políticos e militares, tão característicos na época da formação das nações, como parte integrante da evolução do espírito humano, no processo geral de planetanização da vida social.

A consideração de tão importante e complexo assunto não esquece, de modo algum, as dificuldades e obstáculos neste longo caminho de unificação da humanidade. O racismo, o excesso de nacionalismo, a injustiça social no relacionamento internacional e no interior de cada país, a carência de uma língua universal auxiliar, o fanatismo religioso e o atraso cultural de milhões de seres humanos que vivem na pobreza, além da discriminação de gênero, constituem as dificuldades mais evidentes.

No entanto, além das dificuldades assinaladas, no começo do século XXI fitamos a aurora de um novo dia, o início de uma nova era,

de uma nova ordem social que se desenrolará plenamente no futuro. Temos o privilégio singular de assistir o começo de uma nova primavera na história da sociedade humana.

Sobre este importante assunto quero lembrar as palavras de Vernadski, (*apud* MORIN, 2001) no início do capítulo IV de seu livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”:

Pela primeira vez, o homem compreendeu realmente que é um habitante do planeta e, talvez, deva pensar e agir sob novo aspecto, não somente como indivíduo, família ou gênero, estado ou grupo de estados, mas também sob o aspecto planetário (MORIN, 2001).

Herbert de Souza, o “Betinho”, conhecido sociólogo brasileiro, expressa o desafio e a oportunidade da sociedade contemporânea nestas palavras:

O resultado dos últimos cem anos de experiência nos obriga a rever radicalmente tudo: mercado, estado, sociedade e suas relações. Nos obriga a interpelar todas as teorias, instituições e estratégias à luz de uma questão simples, elementar, central e decisiva: como construir uma sociedade planetária, igualitária, participativa e solidária que seja capaz de colocar no centro de sua dinâmica o atendimento das necessidades básicas de todo ser humano, independentemente de gênero, etnia, sexo e idade? Como colocar o desenvolvimento humano no centro de todas as ações de todos os seres humanos e suas instituições: Como gerar a cultura mundial do desenvolvimento humano? (SOUZA e RODRIGUEZ, 1994)⁸

8. Herbert de Souza e Carla Rodriguez. *Ética e Cidadania*. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

A colocação de Betinho e Rodriguez convida-nos a refletir de forma radical, além de qualquer especificidade nacional ou continental. Ele nos leva a reconhecer a universalidade contida em cada país, em cada continente, confrontando-nos com a uni-dualidade do nacional de do universal. Brasil e América Latina devem ser pensados num contexto maior que permita um novo reconhecimento deles como objeto de reflexão. Esta perspectiva nos leva a considerar a consciência de cidadania mundial como um ponto focal na história contemporânea.

Fortaleza, Outubro de 2002.

4. A importância de aprender espanhol⁹

Vocês podem imaginar o que acontecerá a partir de aqui a cinco anos e visualizar as oportunidades profissionais, econômicas, e até emocionais, que resultaram do fato de vocês terem decidido estudar espanhol? O autor norte-americano, J. Baker afirma que o sucesso de indivíduos e comunidades humanas depende da visão positiva do seu futuro. Ele exemplifica através de diversas histórias individuais e de grupo a confirmação deste princípio realizador. Uma visão positiva do futuro é seguida pela sua realização. Para esclarecer o conceito ela encerra o texto com estas palavras: *ação sem visão é um passa tempo; uma visão sem ação não passa dum sonho e uma visão com ação pode transformar o mundo.*

No entanto, é necessário considerar outro fator que está relacionado com o processo crescente de unificação da sociedade humana.

A humanidade, ao longo do seu processo de evolução, atravessou várias etapas: a unidade da família, a da tribo, a da cidade-estado e a da nação. A unidade do mundo é agora a meta em direção à qual a humanidade aflita se encaminha. Nesta era multiplicam-se os meios de comunicação, de modo que os cinco continentes fundiram-se praticamente em um só. De modo semelhante, todos os membros da família humana, tanto povos como governos, cidades e aldeias, tem-se tornado cada vez mais interdependentes¹⁰.

9. Palestra preparada para alunos do curso Letras Estrangeiras da FALA/ UERN.

10. A promessa da paz mundial. Uma declaração da Casa Universal de Justiça. Haiffa, 1986.

Na segunda metade do século XIX, esta idéia já fora colocada na primeira parte do Manifesto Comunista de K. Marx e F. Engels. Também se faz presente na obra de poetas e músicos, como é o caso da Nona Sinfonia de Beethoven que, incorpora na parte coral trechos do Canto da Alegria de Schiller. Sem dúvida, também está presente nos escritos dos Profetas e Manifestantes de Deus quando falam da “*fraternidade universal*”.

Os terríveis sofrimentos causados pelas duas guerras mundiais no século passado, ajudaram para que a humanidade acordasse para a consciência da interdependência global. Foi assim que se criou a Liga das Nações e mais tarde a Organização das Nações Unidas, ONU. Outras instituições internacionais foram criadas: a Organização Mundial da Saúde, OMS; a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Ciência e da Cultura, UNESCO; a Organização Internacional do Trabalho, OIT; a Cruz Vermelha Internacional; a Organização dos Estados Americanos, OEA.....

Na época pós-moderna foram constituindo-se os blocos de nações, tais como, a Comunidade Europeia, a Comunidade Andina de Nações, o Mercado Comum Centro-americano, e esse importante processo de integração regional conhecido como MERCOSUR. Devemos questionar agora sobre as características destes processos, os desafios que representam e as oportunidades que nos oferecem.

Durante vários séculos Brasil e os países vizinhos tem mantido relações comerciais e diplomáticas. As relações comerciais, sociais e culturais nos territórios fronteiriços não obedeciam a um cuidadoso planejamento desde os centros de poder dos diferentes estados nacionais. Hoje, estamos observando um maior processo de integração promovida intencionalmente pelos governos e pelos grupos econômicos da região. Os investimentos financeiros e na atividade industrial se intensificam.

De igual forma, acordos de cooperação tecnológica e convênios acadêmicos entre as instituições de ensino superior são realizados com maior frequência.

Estes processos de integração devem-se consolidar porque eles representam uma resposta apropriada a uma nova realidade econômica internacional. O Brasil estreitará, cada vez mais, suas relações com os vizinhos hispano-falantes. Logicamente, existem dificuldades menores, assim como obstáculos maiores, neste complexo processo de integração regional. Um assunto não pode ser ignorado: só sobre o patamar da justiça a internacionalização da vida social humana poderá ser bem-sucedida. Sobre o particular Bahá u lláh -Mestre espiritual da humanidade, afirma: “*O propósito da Justiça é o estabelecimento da unidade entre os homens*”.

A integração do Brasil com seus vizinhos do sul do continente ibero-americano representa um maior campo de ação profissional para todos os países da área. Também representa um maior desafio, isto é, a necessidade de uma maior qualificação de seus profissionais. As instituições de ensino superior, em particular, assim como os governos e indivíduos de cada país, realizam esforços constantes para se adequar a esta nova realidade. Nesta perspectiva, as entidades que promovem o aprendizado do espanhol, podem ser consideradas pioneiras nesta caminhada da integração regional. As pessoas que estudam o espanhol também são pioneiras porque transitam pela trilha certa da história contemporânea.

Parabéns a vocês! Vocês interpretam o espírito da época: o espírito da unidade da humanidade, tal como o expressam as seguintes palavras: “*Bem-aventurado quem se levanta a promover os melhores interesses da raça humana. Não deve enaltecê-se quem ama a sua pátria, mas quem ama o mundo todo. A terra é um só país, e os seres*

Mossoró, janeiro de 2005.

5. A Mídia e a ética profissional

As redes e sistemas de comunicação, os jornais informativos e, em especial, a televisão, constituem um dos aspectos ou dimensões mais importantes da civilização moderna. Alvin Toffler, no seu livro “A terceira onda” afirma que junto com a esfera social e tecnológica, representam as dimensões fundamentais da sociedade contemporânea. A esfera social compreende as instituições sociais básicas: família, escola e empresa. A esfera da informação que ele chama de “infosfera” abrange o sistema de comunicações e os meios de informação ou, mídia.

Este importante fato não se deriva exclusivamente da presença cada vez mais intensiva da mídia, da expansão e crescente diversificação da rádio, os jornais e a TV, mas do princípio de que a linguagem é “*construtora de realidade*”. Os jornalistas ao informar ou descrever um evento estão oferecendo uma particular interpretação do mesmo. A forma como a notícia é apresentada, pelo jornalista ou comunicador social, revela aquilo que ele considera mais significativo.

A televisão, sim dúvida, ocupa um lugar de destaque dentre os meios de comunicação, uma importante fonte de informações para o público em geral. Daí a conhecida sentença: “*Uma imagem vale mais do que mil palavras*”. A televisão tem-se constituído num poderoso meio de formação da opinião pública. Na atualidade, ela decide o estilo de vida de milhões de seres humanos que incorporam as mensagens que a sociedade de consumo incute persistentemente através dela. Tem-se constituído um incomparável promotor da consciência violenta e agressiva, ocasionando irreparável dano à raça humana, em particular as crianças do mundo que constituem “*o precioso tesouro da humanidade*”, segundo palavras da Casa Universal de Justiça.

No entanto, a mídia pode cumprir um relevante papel educacional

11. Seleção dos escritos de Bahá u lláh. Buenos Aires: Bahaí, 1986.

e tornar-se um importante instrumento de desenvolvimento cultural. A mídia pode assumir a urgente tarefa de educar a humanidade para a mudança social e para a paz. Pode promover valores e atitudes em favor da justiça, a solidariedade e o entendimento entre todos as raças, povos e culturas do mundo, incentivando a consciência da cidadania mundial e difundindo ideias que combatam os preconceitos e todas as formas de discriminação.

Programas elaborados especialmente para destacar a riqueza cultural do mundo, incentivando a eliminação dos preconceitos de raça, nacionalidade, assim como o excessivo patriotismo e promovendo a igualdade de direitos e oportunidades entre o homem e a mulher devem ser sistematicamente divulgados. Também podem promover a tolerância e o entendimento entre as diversas religiões existentes no mundo.

Esta constitui uma missão realmente importante, como testemunham as seguintes palavras de Bahá u lláh, mestre espiritual da humanidade: “Bem-aventurado e feliz quem se levanta a promover os melhores interesses das raças e povos da terra. Não deve enaltecer-se quem ama seu país, mas que ama o mundo inteiro”.

A humanidade possui os meios técnicos para satisfazer todas as suas necessidades materiais. Hoje precisa desenvolver a consciência espiritual que a capacite para utilizar de forma adequada tais meios. O avanço científico e das comunicações, assim como a maior interdependência entre os povos e nações, tornaram o planeta numa vizinhança. Neste contexto, no exercício de sua profissão, os comunicadores sociais, se defrontam com um grande desafio e uma grande responsabilidade moral.

“As páginas dos jornais, de edição rápida, são em verdade o espelho do mundo. Os jornais são como um espelho dotado de ouvido, vista e fala. Este é um fenômeno assombroso e potente. Cumpre aos

escritores, no entanto, santificarem-se do preconceito, do egoísmo e da cobiça, e adornarem-se da equidade e da justiça; devem indagar acerca dos assuntos, tanto quanto lhes seja possível, a fim de se informar dos fatos reais e logo após transmitir-lhes por escrito”¹².

“A expressão humana é uma essência que aspira exercer sua influência e necessita de moderação. Cada palavra está dotada de espírito, portanto, o expositor deve emitir cuidadosamente suas palavras visando o momento e lugar apropriados, pois o efeito que produz a palavra é claro e evidente. O grande Ser diz: Uma palavra pode comparar-se com o fogo, uma outra com a luz, e a influência que ambas exercem no mundo está manifesta”¹³.

12. Epístolas de Bahá u lláh, Ornamentos 6.

13. Fragmento da Epístola de Maqsúd de Bahá u lláh.

6. Sobre o ensino universitário

O objetivo principal deste artigo é compartilhar a minha experiência como professor universitário nos cursos de Socioantropologia da Saúde do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Industrial de Santander e de Técnicas de Pesquisa no Curso de Especialização em Educação para a Democracia e o Desenvolvimento Social da Universidade de Pamplona, duas universidades estaduais da Colômbia, entre 1995 e 1997.

A sistematização dessa experiência permite estabelecer alguns critérios para alcançar a excelência no ensino universitário.

6.1. A formação profissional no mundo atual

No mundo contemporâneo, caracterizado pela universalização e descentralização, uma formação profissional de qualidade deve considerar pelo menos quatro níveis essenciais:

- O nível racional, conceitual e científico;
- O nível operacional, experimental e técnico;
- O nível emocional, ético e estético;
- O nível administrativo, de gestão e consulta.

Os dois primeiros níveis fazem referência às dimensões teórico-práticas no processo de construção e reconstrução do conhecimento, quer dizer, ao domínio dos elementos conceituais dos sistemas científicos e à capacidade de operacionalização desses conhecimentos teóricos em práticas eficazes e exatas no domínio experimental.

Não basta ter conhecimento teórico sobre os diversos processos da vida natural e da sociedade, senão que é preciso conhecer técnicas,

procedimentos e desenvolver destrezas para sua transformação e aperfeiçoamento. O nível operacional compreende também o domínio dos processos e técnicas da pesquisa em cada área particular das diferentes ciências. Esta convergência sinérgica de teoria e técnica -através da pesquisa- se constitui o patamar do verdadeiro desenvolvimento tecnológico das nações e comunidades.

O nível ético faz referência ao desenvolvimento de valores humanos que garantem a integridade profissional, tais como: veracidade, confiabilidade, imparcialidade, equidade, cortesia, sacrifício, amor e serviço à humanidade, busca da excelência no trabalho e eliminação de qualquer preconceito de raça, nacionalidade, sexo, crença religiosa ou ideais políticos.

A educação superior no mundo inteiro encara o desafio de uma alta qualidade na formação profissional para que seus concludentes possam concorrer com sucesso num mercado ampliado de blocos de nações. Neste contexto, promover uma forma de cidadania regional (transnacional) constitui-se no primeiro passo para atingir a consciência de cidadania mundial, tão indispensável para o bem-estar e prosperidade das nações. A promoção desta consciência de cidadania mundial é um aspecto essencial no processo educativo contemporâneo.

O nível administrativo, de gestão e consulta busca promover a capacidade do trabalho interdisciplinar e em grupo, desenvolver a capacidade de considerar os diversos problemas científicos num olhar holístico, e treinar na tomada de decisões através da consulta.

6.2. Observações Gerais sobre o Processo Educativo

É importante destacar, que no processo educativo não importa só a transmissão de conhecimentos (os conteúdos das disciplinas) senão

principalmente a identificação e promoção de capacidades científicas dos alunos e dos professores, melhorando o nível de análise e o domínio experimental ou técnico em conjunto.

Igualmente importante é o envolvimento emocional dos protagonistas do processo educativo. Trata-se da total e absoluta compreensão da transcendência existencial e social do ato de conhecer. Consciência que gera esse prazer, essa felicidade intrínseca da “descoberta” nas diversas leituras da realidade como objeto de reflexão.

Esse espírito deve possuir o professor para inspirar seus alunos na “alegria do saber”. O saber aparece assim como um poder libertador, como fonte de gozo, crescimento, autoafirmação e plenitude. O verdadeiro saber inspira um sentimento de liberdade. Aqui o saber não é um poder opressor ou para exercer um domínio dos outros, senão um poder que liberta potencialidades, capacidades e atitudes na perspectiva de servir à humanidade.

Em resumo:

- a) O processo educativo deve-se orientar na direção de servir à comunidade.
- b) O processo educativo deve ser lúdico, ativo e participativo.
- c) O processo educativo deve melhorar a nossa leitura do mundo.

6.3. Observações preliminares à operacionalização de um curso de nível superior

No começo do curso é importante demais que os alunos atinjam uma visão clara dos objetivos e do conteúdo da disciplina. O sucesso acadêmico está estreitamente relacionado com a identificação das metas que devem ser atingidas. De igual importância resulta o conhecimento mútuo, através de apresentações, oficinas de compreensão de textos e

atividades de pesquisa e durante o desenvolvimento do curso.

No caso, o curso do nível universitário seja direcionado para professores da rede pública ou privada do ensino fundamental -tais como cursos de aperfeiçoamento- deve-se realizar uma oficina de avaliação do ensino, antes do início do curso, com o objetivo de melhorar a proposta, tendo em consideração as falências e fortalezas do grupo. A oficina pode colocar as seguintes questões para resolver individualmente ou por grupos:

- a. Como está sendo o ensino? (O seu)
- b. Que importância tem?
- c. Fatores positivos e dificuldades.
- d. Sugestões concretas para melhorar o ensino aprendizagem.

6.4. Operacionalização de um curso de nível universitário

O esquema operacional de um curso de nível universitário compreende os seguintes aspectos:

- a) Área temática geral.
- b) Objetivo geral.
- c) Objetivos específicos.
- d) Subtemas.
- e) Metodologia e atividades.
- f) Material de apoio.
- g) Avaliação.

Um exemplo de uma área temática geral: Elementos para uma socio-antropologia da saúde no mundo contemporâneo.

O objetivo geral globaliza a meta do curso. Deve expressar os domínios teórico, prático, ético e de gestão a ser atingidos. Os objetivos

específicos resultam como desagregação ou operacionalização do objetivo geral.

Deve existir coerência e complementaridade entre os objetivos específicos da disciplina e os subtemas da mesma. Igualmente deve existir uma relação de correspondência entre as atividades e as formas de avaliação, por ex.:

Atividades	Formas de avaliação
Palestra do professor	Comentários e interrogações
Leitura individual e em grupo	Síntese e interpretação de textos
Apresentação-documentários (AV)	Escrever breve artigo
Micro-pesquisa	Relatório e ou produção de materiais

É importante destacar que o esquema operacional para o ensino universitário é só uma referência base sobre a qual se encaminha o processo de construção de conhecimento, em forma de aproximações progressivas e constantes. Assim poderia se considerar que a palestra do professor ou especialista convidado, os textos selecionados de leitura obrigatória, os filmes ou documentais e a micro pesquisa sobre um aspecto particular, constituem quatro formas de aproximar-se à compreensão da realidade dos diversos aspectos do objeto de reflexão.

6.5. A importância da pesquisa no processo educativo

A atividade de pesquisa no ensino é fundamental, porque ela viabiliza a articulação entre o nível conceitual e o experimental. É principalmente através dela que o aluno e o professor apropriam-se de uma leitura da realidade que é construída por eles mesmos.

A atividade de micro pesquisa sobre um aspecto específico dentro de um sub-tema da disciplina pode utilizar o esquema RAP (Rápida Avaliação de Processos) com os seguintes passos a seguir:

1. Problema o programa a pesquisar.
2. Identificação do tipo de informação necessária.
3. Identificação da população objeto de estudo.
4. Escolha dos instrumentos de coleta de dados.
5. Aplicação dos instrumentos de coleta de dados.
6. Sistematização e análise dos dados.
7. Conclusões e recomendações.
8. Apresentação do relatório.

Antes de apresentar o esquema RAP é conveniente rever alguns conceitos básicos da pesquisa: propósito da pesquisa, condições, etapas, processo de pesquisa, anteprojeto, projeto, técnicas de pesquisa, etc.

6.6. Visão holística do conceito da Avaliação

A avaliação não faz referência exclusivamente ao aproveitamento dos alunos e do professor, mas também sobre o sucesso do curso, no sentido de estabelecer o grau em que alcançou ou ultrapassou os objetivos do mesmo. Um bom sistema de avaliação permite estabelecer o nível de articulação entre os objetivos do curso, os temas tratados e as prioridades sociais em uma área de conhecimento particular.

Sobral, Ceará, outubro-dezembro de 1997.

7. Elementos para uma sócio antropologia da saúde na sociedade contemporânea

Durante dois anos lectionei a disciplina “sociologia da saúde” para estudantes que iniciavam cursos na área. O desenvolvimento dos diferentes núcleos temáticos da disciplina permitiu aos estudantes atingir uma percepção global da saúde. Essa percepção levou-lhes a relacionar a saúde com um conjunto de fatores socioeconômicos, educacionais, políticos, ambientais e éticos que destacam a saúde como uma área prioritária no “serviço à comunidade. ”

Três categorias básicas constituem o núcleo teórico sobre o qual se desenvolveram os diversos tópicos da disciplina: *doença e civilização; visão integral da saúde e formação profissional em saúde*. A construção dessas três categorias é o resultado dum processo de apropriação de uma visão holística em saúde, através das diversas atividades acadêmicas e de uma prática que poderia ser chamada “micro pesquisa sóciomédica”. Esta micro-pesquisa tratava algum aspecto específico do sistema de saúde local.

7.1. Doença e Civilização

O dualismo *doença e civilização* também pode ser apresentado de forma positiva; isto é: com o dualismo *saúde e civilização*. Em cada época histórica, tem prevalecido certo tipo de doenças ou epidemias. Pode-se então afirmar que existem doenças predominantes segundo o grau de desenvolvimento material da sociedade humana. Este fato nos permite observar dois aspectos do assunto em questão: O primeiro está relacionado aos estilos de vida da sociedade humana que estimulam um tipo de doenças que podem ser associadas a eles; vejamos um exemplo,

a doença predominante na sociedade contemporânea é caracterizada como *stress*, resultado da ansiedade que padecem os habitantes dos grandes centros urbanos. O segundo resulta do fato de que os problemas de saúde da época estimulam o desenvolvimento de conhecimentos científicos da área médica correspondente ao tratamento das doenças predominantes na sociedade humana.

Assim, um jovem que termina os estudos de medicina ou enfermagem e deve escolher entre trabalhar num grande centro urbano como São Paulo ou uma pequena cidade do interior do Amazonas, como Tefé ou Benjamim Constant, deve saber que enfrentará, como resultado dessa decisão, diferentes tipos de doenças no tratamento de seus pacientes. Conseqüentemente, a infraestrutura do sistema de saúde de cada uma dessas localidades será diferente.

Essa relação *doença e civilização* também nos permite identificar outra série de questões. Assim, podemos estabelecer uma relação entre nível de renda, ou estrato social e doenças predominantes, o que poderia ser chamado de *quadro epidemiológico diferencial*. De igual forma, o desempenho de determinadas profissões ou ofícios leva em consequência um determinado tipo de doenças predominantes. Para exemplificar, é conhecido que a consulta médica de professores do ensino fundamental e médio do sistema de educação pública, está relacionada principalmente com problemas da voz ou também com estafa física e emocional.

Voltando para a temática “*saúde e civilização*” é importante destacar que em cada época particular, a humanidade estabelece metas ou objetivos correspondentes aos desafios que a humanidade encara na área da saúde. No final do século XX, a Organização Mundial da Saúde, OMS, estabeleceu como meta “*saúde parar todos no ano 2000*” constituindo a APS (Atenção Primária em Saúde) sua estratégia

principal. A meta buscava atingir um estado de saúde para todos os cidadãos do mundo, compatível com a possibilidade de levar uma vida social e economicamente produtiva¹⁴.

7.2. Visão integral em saúde

A saúde -como temática de pesquisa e reflexão- pode ser considerada em diversas perspectivas. Não é o caso destacar uma perspectiva como a melhor senão de pensar a saúde em uma dimensão múltipla. A saúde torna-se assim uma construção social resultante da convergência enriquecedora dos diversos sistemas de cura. Em primeiro termo é preciso considerar como o “*enfoque biomédico*” fundamentado na unidade analítica da “*etiologia específica*” tem contribuído para o desenvolvimento de múltiplas especializações, no entanto, tem limitado a perspectiva científica ao deslocar os processos da saúde-doença de campos de interpretação multicausais mais complexos¹⁵.

Outra perspectiva limitada parte do pressuposto que o sistema nacional da saúde e, em particular, a medicina curativa, constituem o núcleo essencial dos serviços de saúde que a população pode usufruir. É importante destacar que a medicina preventiva (APS) ocupa o primeiro lugar no sistema nacional de saúde, constituindo-se a base de todo o sistema em cada país. É claro que, a infraestrutura hospitalar não constitui a única alternativa de cura disponível para uma população. Os sistemas de cura alternativos constituem opções reais e, às vezes, mais econômicas e eficazes que algumas tecnologias cirúrgicas ou

14. Estratègia Mundial de Salud para Todos en el año 2000, OMS, sèrie Salud para todos, 1981.

15. O Ponto de Mutacão, F Capra. São Paulo: Cultrix, 1997. Capítulo 5. O modelo biomédico.

farmacológicas. Tudo isto leva a um processo saudável de convergência dos diferentes sistemas de cura nas comunidades.

Uma perspectiva integral ou holística da saúde deve levar à modificação das relações médico paciente e também focalizar a pessoa na sua totalidade, no início do processo de cura, isto é, não magnificar o tratamento puramente físico, mas também, considerar os aspectos, sociais, mentais e espirituais do paciente.

Retornando à temática da medicina preventiva, resulta relevante destacar o papel que cumpre a educação da população na melhoria de suas próprias condições de saúde, estimulando o autocuidado e a prevenção de doenças, sobre a base de um maior conhecimento do corpo humano, da fisiologia e anatomia, assim como das práticas higiênicas e modos de vida que conservem e promovam a saúde individual e familiar. Neste assunto, a educação das mulheres atinge uma prioridade evidente pelo fato de que elas são as primeiras educadoras das novas gerações de cidadãos.

Para encerrar esta temática, quero sinalizar que a saúde se relaciona com processos sociais e, em particular, tem a ver com a equidade como foi expresso pelo doutor Carlyle Guerra de Macedo, Diretor da Organização Pan-americana da Saúde (OPS), em 1992. Segundo ele, existe uma correlação significativa entre o melhoramento das condições de justiça social, expressas numa melhor distribuição do Produto Interno Bruto (PIB) e as condições de saúde da população de um país¹⁶. A destinação de recursos de parte do estado, as políticas de saúde e a própria regulamentação do setor público e privado, de fato podem promover o melhoramento da saúde de uma sociedade em particular.

16. Salud y Equidad. Carlyle de Guerra Macedo. Conferencia Internacional sobre promoción de la salud. Santafè de Bogotá, 1992.

Resta mencionar dos aspectos de importância, na consideração desta perspectiva integral da saúde. Um tem a ver com o estímulo na produção de tecnologias apropriadas em saúde, sejam ao nível de produção de instrumental médico cirúrgico ou no estabelecimento de novos procedimentos de cura nas escolas ou faculdades de medicina dos países das diversas regiões do mundo. O segundo tem a ver com a comercialização e manipulação dos medicamentos. A comercialização e manipulação podem ser reguladas pelo estado visando o bem-estar da população.

7.3. Formação profissional em saúde

Os processos de planetização e descentralização da vida social contemporânea desafiam as instituições de educação superior, sejam elas públicas ou privadas, no sentido de colocar a necessidade de responder com um maior nível científico e com uma formação profissional que inspire nos novos profissionais uma visão global dos assuntos humanos e ao mesmo tempo, desenvolva em eles a capacidade de operacionalizar eficazmente os conhecimentos e técnicas apropriados a sua realidade local. É necessário promover também valores humanos, tais como responsabilidade, integridade, assim como atitudes de serviço à humanidade, fundamentadas no princípio da unidade da humanidade, evitando qualquer preconceito, seja ele racial, de nacionalidade ou sexo.

A formação em valores constitui um aspecto de especial importância na formação profissional em saúde. O senso ético deve ser promovido em função do compromisso de servir à comunidade. Esses valores e essa visão devem-se articular a uma sociedade em constante mudança e essencialmente interdependente, como é a nossa sociedade atual.

A formação profissional em saúde, tem a ver com mais dois aspectos fundamentais: a) Uma sólida formação científica que, permita ao estudante familiarizar-se com as teorias mais avançadas no que diz respeito as disciplinas básicas da formação em saúde, tais como: biologia, química, anatomia, fisiologia. B). Esse profundo domínio teórico deve ser acompanhado pelo desenvolvimento de capacidades e habilidades específicas que são indispensáveis no exercício profissional, seja na sala cirúrgica, no laboratório, ou no acompanhamento dos tratamentos de doenças diversas.

Cabe ressaltar que além das habilidades instrumentais através das quais são realizados os diferentes procedimentos de cura, existe uma competência particular que têm uma grande influência sobre o desempenho profissional e o avanço médico. Essa competência faz referência à capacidade de pesquisar e de consultar com outros colegas os diversos problemas advindos da prática médica. Essa competência é fundamental na busca de soluções que podem melhorar os sistemas de cura e, em consequência, a saúde dos indivíduos e da comunidade. Sobre o particular, Bahá u lláh, mestre espiritual da humanidade afirma: *“a consulta é uma luz que confere conhecimento e transforma as suposições em certeza”*.

Mossoró, RN, janeiro de 2005.

8. O homem e a mulher¹⁷

“A humanidade é como uma ave de duas asas. Uma asa é o homem, e a outra, a mulher. A ave não poderá voar se as duas asas não forem impulsionadas com o mesmo vigor. Em harmonia com o espírito desta época, a mulher deve progredir e cumprir sua missão em todos os setores da vida. Ela deve estar no mesmo nível que o homem e ter direitos iguais.... Enquanto as mulheres forem impedidas de atingir suas mais altas possibilidades, os homens não estarão habilitados a alcançar o máximo de sua capacidade e grandeza” (ABDUL BAHÁ).

Em muitos lugares do mundo, a posição da mulher na família e na sociedade reflete o predomínio de preconceitos fortemente arraigados contra a mulher. Em alguns casos, não se garantem para ela os direitos mínimos que a humanidade como um todo tem conquistado. No campo educativo, por exemplo, isto significa que as mulheres não devem aprender a ler e escrever porque elas não precisam duma capacitação intelectual.

Em muitas comunidades do *terceiro mundo*, o destino de uma menina não é promissor. Pelo contrário, a vida de uma menina está cheia de sofrimentos. Após de crescer sem educação elementar, ela entra muito jovem no casamento e deve suportar injustiça e crueldade de seu próprio marido.

Nos países mais desenvolvidos ou industrializados -onde as mulheres conquistaram alguns direitos- a discriminação assume formas mais sutis. As mulheres trabalham fora de casa para ajudar ao orçamento do núcleo familiar e ainda que trabalhem igual número de horas que seus parceiros, elas recebem trinta por cento a menos que eles. Além

17. Algumas das idéias aqui apresentadas foram tomadas duma conferência proferida pela Doutora Haleh Arbab na Câmara de Comercio de Bucaramanga, Colômbia, em 1991.

disto, elas carregam o extenuante trabalho doméstico.

Nas últimas décadas um forte movimento feminino tem-se levantado contra a opressão e discriminação das mulheres. A meta deste movimento é atingir a igualdade absoluta entre o homem e a mulher, mostrando que as mulheres são tão competentes, fortes e inteligentes quanto os homens. A palavra de ordem é: As mulheres devem fazer todo o que os homens fazem.

No entanto, num mundo onde os valores humanos estão desaparecendo e predomina o materialismo cultural, este processo tem levado à desintegração da família, gerando um ambiente de tensão e conflitos. Tanto o homem quanto a mulher têm perdido sua identidade. Estamos numa situação na qual eles não sabem o papel a desempenhar num mundo dinâmico e desafiador.

Ainda que o homem e a mulher são iguais nas suas capacidades, eles têm naturezas diferentes, tal como afirma Abdul Bahá nas seguintes palavras:

“O mundo até agora foi governado pela força, e o homem tem dominado a mulher em virtude de suas qualidades mais dominantes e agressivas, tanto físicas como mentais. Mas esta situação já esta mudando. A força está perdendo seu predomínio e a vivacidade mental, a intuição e as qualidades espirituais de amor e de serviço, nas quais a mulher é mais forte, torna-se ascendentes. Em consequência, a nova era será uma era menos masculina, mais permeada pelos ideais femininos, ou, falando mais exatamente, será uma era em que os elementos masculinos e os elementos femininos da civilização estarão em melhor equilíbrio”.

A humanidade tem duas asas
Fortes e formosas para voar
Asas de vida e esperança
Asas de luta e liberdade

O homem e a mulher vão de mãos dadas
Música das ondas sobre o mar
Razão e sentimentos harmonizados
Suas pegadas vão ficando ao caminhar

Amigos pela trilha da vida
Unidos na alegria e na dor
Ternura e tristeza entretrecidos
Eternos camaradas rumo ao sol.

(Paul e Lourdes González)

9. O Desenvolvimento de uma nova ordem social¹⁸

9.1. As sociedades moderna e contemporânea e os desafios do desenvolvimento

Berman (1982) na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, mostra como a tragédia faústica do desenvolvimento é típica da modernidade. No entanto, atingir o desenvolvimento com justiça social continua sendo o maior desafio da sociedade contemporânea. Este ideal, associado a uma visão de prosperidade de toda a humanidade, constitui-se uma importante força motivadora das atividades desenvolvidas pelos gestores de processos inovadores na construção de uma nova sociedade, sejam eles, cientistas sociais, de outras áreas da ciência ou simples cidadãos.

Considerando exclusivamente o desenvolvimento do processo produtivo, a sociedade moderna caracteriza-se pelo uso da máquina, a produção em série e a presença do trabalhador assalariado. “A sociedade pós-moderna ou contemporânea se define a partir de uma nova e substancial transformação da estrutura e dinâmica das forças produtivas da vida humana” (RICHTA, 1977). Nesta sociedade observamos transformações no nível do objeto de trabalho, fontes de energia, médios de trabalho e na própria força de trabalho. Desenvolvem-se as matérias primas artificiais, o uso da energia nuclear, a incorporação do computador na produção e uma demanda cada vez maior por trabalhadores especializados. A automação dos processos de trabalho

18. O presente artigo foi publicado, inicialmente, na Revista Cooperativismo y Desarrollo No. 51 da Universidade Cooperativa de Colômbia – Seccional Medellín Maio Junho 1990. Posteriormente, com algumas modificações, foi aprovado pela Comissão Científica do X Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Sociologia em 2000. Publicado, também, na Revista de Humanidades da UECE em 2002.

nos três setores do sistema econômico constitui a característica técnica distintiva da sociedade pós-moderna, entanto que, a mecanização faz referência à sociedade moderna, de forma predominante (TOFFLER, 1980)¹⁹.

9.2. O Cenário Contemporâneo

“As últimas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida, a saúde, e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade” (CAPRA, 1995).

As tendências para a internacionalização das relações sociais, econômicas, culturais, ecológicas e políticas resultam inegáveis. A maior interdependência entre as nações faz parte dum processo construtivo no rumo da unidade e converge com o processo de descentralização política administrativa, que conclamam as regiões e comunidades locais.

A ideia de cidadania, além dos limites da nação, foi colocada por Immanuel Kant na alvorada da sociedade moderna. Shiller, o famoso poeta alemão, no *Canto da alegria* tornou poesia o sentimento da fraternidade universal. K. Marx e F. Engels, no famoso *Manifesto*

19. Outros aspectos importantes sobre a diferença entre a sociedade moderna e pós-moderna são indicados por Capra (1997) no livro *Ponto de mutação* em que fala das três transições contemporâneas que incluem: o declínio do patriarcado, o esgotamento dos combustíveis fósseis e a mudança dos paradigmas interpretativos da realidade. No entanto, um aspecto essencial que está relacionado com a universalização e a descentralização da vida social humana está ausente no seu esquema interpretativo.

do Partido Comunista, colocam em termos da moderna teoria social o processo da internacionalização do mercado, a produção e a cultura. “Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países... No lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si mesmas, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma interdependência universal das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal” (obra citada p. 79-80).

Com a experiência da I e II guerra mundial a humanidade despertou para a consciência da necessidade de tratar os assuntos do planeta de forma consultiva. Foi criada a Liga das Nações e posteriormente as Nações Unidas que “procuram a paz e o desenvolvimento das nações”. Muitas outras instituições internacionais foram criadas: OMS, UNICEF, OIT, UPI, UNESCO, ...

9.3. A Sociedade Industrial e a Nova Civilização

O paradigma da sociedade industrial moderna fundamenta-se na formação dos estados nacionais e na consideração de que o desenvolvimento se mede fundamentalmente como incremento das forças produtivas da sociedade. Este modelo dá um papel preponderante à racionalidade econômica e pretende estabelecer indicadores eminentemente quantitativos para determinar o desenvolvimento dos países ou regiões tais como: renda per capita, produto interno bruto, etc...

A fundamentação filosófica que sustenta este modelo define o ser humano basicamente como um consumidor de mercadorias e como força de trabalho dos processos produtivos. Seu pleno desenvolvimento tem levado, por um lado, à massificação do mercado, do consumo e dos estilos de vida e, por outro, à centralização dos recursos, da riqueza e da tomada de decisões em poucas mãos.

As tendências que se vislumbram no começo deste novo século indicam o esgotamento deste modelo que tem levado a uma crise do sistema econômico mundial com o processo de empobrecimento da maior parte dos habitantes do planeta e o mais acelerado processo de destruição do entorno ecológico. A humanidade está encaminhando seus esforços na construção de uma nova ordem internacional fundamentada na justiça social e no reconhecimento da interdependência global.

Um novo conceito de desenvolvimento expressa-se nos discursos dos líderes das nações e afeta marginalmente as políticas das grandes corporações econômicas. Este conceito compreende não só uma visão de rentabilidade ou lucro, senão também fatores associados com o bem-estar social, tais como: emprego, melhoramento da qualidade de vida e proteção do entorno.

Um aspecto essencial deste conceito relaciona-se com a participação das comunidades na elaboração e execução de seus planos de desenvolvimento. Se no modelo industrial, o conceito de desenvolvimento está relacionado com incrementos quantitativos em indicadores econômicos, na nova sociedade, se estabelece a magnitude ou medida do desenvolvimento pelo bem-estar social e a participação das comunidades na gestão e suas decisões.

Nesse contexto, o desenvolvimento tem como pré-requisito a existência de organizações e a conquista de conhecimentos científicos.

9.4. Políticas de Desenvolvimento Como Experimento Social

Geralmente os planos de desenvolvimento elaborados pelas entidades nacionais e internacionais realizam-se sobre a base de que a mudança social não precisa de transformações profundas na estrutura da sociedade e limitam-se, no fundamental, a considerar o indivíduo como objetivo central do mesmo. Espera-se que com maior treinamento, assistência técnica e/ou crédito, etc., mudanças significativas no desenvolvimento das comunidades locais e nacionais podem ser atingidas.

De outro lado, os movimentos revolucionários consideram que só uma modificação radical das estruturas, especialmente das relações sociais de produção, através da conquista do poder político, permite a realização de mudanças sociais significativas.

Arbab(1986) afirma: “Meu ponto de vista é que o desenvolvimento compreende transformações fundamentais do indivíduo e da estrutura social... Vemos a transformação da sociedade humana como resultado de uma complexa série de interações entre mudanças profundas que devem acontecer dentro do indivíduo e intentos deliberados de mudar a estrutura da sociedade. Além disso, não compreendemos a mudança das estruturas sociais meramente como uma mudança política, senão como a mudança total das estruturas mentais, culturais, econômicas e sociais que, incluem uma mudança completa nos conceitos mesmos de liderança e poder político”.

9.5. Visão Participativa do Desenvolvimento

Um aspecto de especial interesse, na elaboração de uma proposta

alternativa de desenvolvimento, é a sua compreensão como um processo complexo, em oposição à ideia que considera o desenvolvimento como um pacote que se doa à comunidade. A percepção unilateral e assistencialista do desenvolvimento é superada por uma perspectiva multilateral e participativa.

O desenvolvimento só é possível com a participação efetiva dos indivíduos e das comunidades. Trata-se de uma participação não limitada ao desfrute de certos serviços indispensáveis ou básicos, nem relacionada só com o incremento ocasional da renda e, em caso nenhum, à simples consideração marginal das opiniões dos grupos afetados.

Trata-se de uma participação a todos os níveis no processo de desenho e realização dos objetivos de seu desenvolvimento. Essa visão estabelece duas condições básicas, sem as quais não pode dar-se a participação efetiva e autêntica das comunidades:

- a. As comunidades devem ter acesso real ao conhecimento mais avançado. No interior dos países é aceite como razoável que as comunidades rurais e as comunidades urbanas periféricas tenham acesso a um tipo de educação de segunda categoria. Muitos currículos das escolas rurais foram elaborados tendo como base o modelo da educação urbana moderna. No entanto algumas instituições estão experimentando novos conteúdos temáticos e novas metodologias adequadas ao meio rural e as zonas urbanas marginalizadas. Essas organizações acham que todas as habitantes do campo e da cidade tem direito ao conhecimento mais avançado nas ciências.
- b. Devem desenvolver formas organizacionais através das quais possam manter relações, em condições de igualdade e de uma suficiente autonomia frente a poderosas forças que operam do exterior das comunidades. Forças que procuram a submissão

da cultura e da economia das comunidades, em benefício das corporações ou monopólios nacionais e internacionais de produção e comercialização de bens manufaturados.

Entender o desenvolvimento como processo implica também uma nova perspectiva institucional na qual as entidades públicas ou privadas de desenvolvimento se percebem como parte do processo e suscetíveis de constantes reformulações. Mais que agentes externos, serão elementos catalisadores, promovendo a participação plena das comunidades através da consulta. Dessa forma podem sintetizar experiências e conhecimentos, assim como elaborar planos e programas em consenso com a população.

A nova visão do desenvolvimento também compreende estruturas, processos e conteúdos educacionais, buscando superar os esquemas tradicionais baseados no suposto que o conhecimento, assim como a ciência e a tecnologia, são originados sempre fora das comunidades. Trata-se aqui de estabelecer novos canais de transmissão e sistematização do conhecimento e da tecnologia, e novos processos de pesquisa, diferentes dos tradicionais ou clássicos. A educação não pode limitar-se só à transferência de informações, mas, encaminhar os seus esforços, principalmente, com o objetivo de elevar o nível de análise da comunidade no que diz respeito aos processos econômicos e sociais que lhe afeta direta ou indiretamente.

9.6. Sobre o Conceito Desenvolvimento Sustentável

A expressão desenvolvimento sustentável foi cunhada no documento Nosso Futuro Comum, publicado em 1987, igualmente denominado Relatório Brundtland, com a seguinte definição: ... O

desenvolvimento sustentável é a capacidade de atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades.

A construção de um modelo de desenvolvimento sustentável passa pela consideração de vários critérios teóricos que devem ser operacionalizados tanto para a realização de pesquisas ou na eventualidade de executar ações ou projetos específicos em um município, distrito, ou comunidade urbana ou rural.

Os critérios básicos de um modelo teórico-operacional de desenvolvimento sustentável podem ser definidos da seguinte forma:

- a) O projeto deve ser socialmente justo e essencialmente participativo;
- b) O projeto deve considerar a proteção e melhoramento do meio ambiente;
- c) O projeto deve ser economicamente viável.

9.6.1. Sobre o Conceito do Socialmente Justo

Pegoraro (1995) afirma que a justiça ilumina, ao mesmo tempo, a subjetividade humana e a ordem jurídica e social. A justiça consiste em realizar uma sociedade como sistema eqüitativo de cooperação entre cidadãos livres e iguais. No final da apresentação encerra o texto com um belíssimo elogio tomado de Aristóteles: “A justiça é a virtude perfeita que nos relaciona com os semelhantes”. Mais recentemente, *Bahá'u'lláh*, mestre espiritual da humanidade, afirmou: “A meu ver, a mais amada de todas as coisas é a Justiça” (COMUNIDADE INTERNACIONAL BAHÁÍ, 1995).

J. Rawls na sua obra “Teoria da Justiça” pensa a ética como um esforço de superação de conflitos sociais produzidos pela disputa dos bens materiais e culturais. Como os bens são quantitativamente

limitados, e sem limites o apetite de cada cidadão, torna-se necessária a intervenção de um princípio mediador. Este papel é exercido pelo princípio objetivo da justiça.

Nesse sentido, ética é a prática da justiça, ou, comportamento ético é, antes de tudo, comportamento segundo a justiça. No entanto, ninguém é justo para si, mas em relação aos outros. Aqui a justiça manda reconhecer o outro como igual a mim, portador da mesma dignidade e direitos.

Considerando o elevadíssimo conceito da justiça legal, Aristóteles deduz duas modalidades de justiça particular: distributiva e comutativa. A primeira, que regula as ações da sociedade política em relação ao cidadão, tem como objetivo a justa distribuição dos bens públicos: hortas, riquezas, encargos sociais e obrigações. A segunda forma de justiça a comutativa, regula as relações entre cidadãos. São as relações planejadas e voluntárias, como nos casos de contratos, compra e venda, salários, empréstimos etc.

Em nossos dias, o pensador americano J. Rawls enfoca a justiça como base de um novo contrato social, na esteira de Kant e Rousseau. O tema central das obras de J. Rawls é a justiça. Para evitar equívocos terminológicos e conceituais, convém afirmar, desde o início, que esta idéia não é tomada nem em sentido aristotélico e nem propriamente no sentido kantiano: a justiça não é uma virtude e nem um direito, mas sim um princípio fundador de uma sociedade bem ordenada.

Portanto, a partir da idéia de conflito social pode-se concentrar o movimento da ética-política de J. Rawls em três tempos: a) reconhecimento do conflito entre os bens disponíveis escassos e o desejo ilimitado de posse por parte dos indivíduos; b) intervenção da teoria da justiça instaurando a sociedade bem ordenada e justa; c) a consolidação da comunidade política onde prevalece a cooperação, o

senso da justiça e as virtudes da cidadania.

Desde o princípio aparece com clareza a tese principal do tratado: “A justiça é a primeira virtude das instituições sociais como a verdade o é para os sistemas de pensamento”. Não discute a justiça em termos doutrinários, mas a justiça como equidade aplicada à distribuição dos bens sociais.

Esta é a função da justiça como equidade, que deve ser o imperativo categórico da sociedade política. Mesmo a liberdade, tão fundamental na filosofia política moderna, cai sob o império da justiça à qual cabe estabelecer-lhe os limites do exercício.

Dois são os princípios de justiça da sociedade bem ordenada, segundo J. Rawls (1971):

1. Cada pessoa deve ter direito a uma liberdade de base mais larga possível, compatível com uma liberdade similar para todos os outros;
2. As desigualdades sociais e econômicas devem ser organizadas de tal modo que:
 - a) Se possa razoavelmente esperar que elas sejam vantajosas para todos; e
 - b) Sejam ligadas a posições e funções acessíveis a todos.

O primeiro é o princípio da liberdade e dos direitos humanos fundamentais. Garante os direitos de participação política, de opinião, de reunião, de consciência, religião etc. Este é de fato o imperativo categórico da filosofia política de J. Rawls e o fundamento do estado de direito e da democracia constitucional.

O segundo é o princípio da diferença. Refere-se aos interesses materiais, à repartição equilibrada dos bens primários, dos encargos, dos deveres e das vantagens sociais. Aqui trava-se o debate com as teses marxistas e com o liberalismo ortodoxo. Contra as teses igualitárias, J.

Rawls afirma as desigualdades sociais intoleráveis no seio do primeiro princípio, não podem ser negadas na ordem social, econômica e cultural regida pelo segundo princípio. São aceitáveis desde que beneficiem os mais desfavorecidos na escala social. É preciso, que a sociedade, bem ordenada, maximize a condição mínima: uma vez aceito o princípio da diferença deduz-se que o mínimo social vital deve ser fixado num nível que maximize as expectativas dos grupos menos favorecidos.

9.6.2. A Ordem Social Justa

Pelo anteriormente exposto, o maior desafio contemporâneo é a construção de uma ordem social justa no plano local, nacional e internacional. Isto significa que é imperioso criar estruturas novas e abrangentes, de tal modo que as necessidades básicas dos seres humanos sejam satisfatoriamente preenchidas. Em síntese, é preciso que as estruturas sirvam ao bem humano.

O princípio da vida segundo a justiça pode ser assim enunciado: devemos respeitar os direitos básicos da vida. Este princípio exige uma atitude fundamental: reconhecimento que todos os seres humanos nascem metafisicamente iguais. A natureza nos deu direito igual à vida, à educação, à vida saudável, à participação na vida política, à distribuição dos bens materiais e culturais que alimentam a vida.

Estes direitos não se conquistam: são dados pelo nascimento. Esta é a ideia central de todos os códigos que proclamam os direitos humanos. Por exemplo, o código de direitos humanos da ONU é de certo modo, um tratado de ética e de justiça assinados por quase todas as nações. O segundo princípio, da vida social justa, pode ser formulado assim: devemos criar uma ordem social onde a cidadania seja plena e universal. A cidadania, como conquista dos atores sociais, é o resultado

da consciência política e da participação efetiva na luta para a construção de estruturas sociais justas.

De fato, enquanto existirem miséria, fome, epidemias generalizadas, analfabetos, sem-teto, sem-terra, nossa sociedade, em sua estruturação, será injusta, porque excluirá dos benefícios humanos básicos à maioria da população. A carta constitucional pode ser excelente, mas permanece letra morta até que sua regulamentação e implementação não crie estruturas que atendam às demandas básicas da comunidade.

Ademais, o princípio da justiça social administra as desigualdades. Nascemos em países com trajetória histórica diferente. Portanto, as desigualdades são uma realidade irrecusável. Cabe ao princípio de justiça social administrar as desigualdades históricas. Mas, *in limine*, a justiça não admite que as desigualdades sejam injustas.

A justiça social prescreve que a organização da sociedade crie estruturas que garantam a todos os cidadãos a oportunidade de desenvolver suas capacidades e de evoluir em suas condições históricas.

9.7. Sobre o Conceito Economicamente Viável e Ecologicamente Sustentável

A noção de desenvolvimento que se tornou hegemônica em nossa sociedade associou as ideias de progresso, bem-estar, melhoria a um sentido evolutivo unilinear, onde os povos puderam ser classificados numa escala que vai do atraso ao progresso, do tradicional ao moderno ou ainda do subdesenvolvimento ao desenvolvimento.

O ideal desenvolvimentista, que se afirma a partir dos anos 50, é um caso exemplar em nossa história recente da concepção unilinear

do desenvolvimento associado à afirmação do projeto capitalista contemporâneo; no contexto da guerra fria, constituiu-se num conjunto de ideias-força que motivaram as políticas de desenvolvimento.

O adjetivo sustentável remete àquilo que está em perfeito equilíbrio, que se conserva sem desgaste e se mantém no tempo. Quando aplicado ao desenvolvimento transfere essas qualidades a um modo de organizar a vida social, criando a expectativa de uma sociedade sustentável, em plena consonância com a natureza, sem conflitos sociais que possam pôr em risco a sua reprodução. Assim, o desenvolvimento sustentável aparece como a boa nova, que pode dar a todos um futuro estável.

Embora se apresente com ares de uma nova utopia, prometendo revolucionar as relações entre os homens e destes com a natureza, o desenvolvimento sustentável é um conceito gerado dentro da esfera da economia, e é com esta referência que pensa o social. A novidade que traz é a incorporação da natureza dentro da cadeia de produção. Enquanto na teoria econômica clássica a natureza não transformada pelo trabalho humano é sem valor, o desenvolvimento sustentável incorpora o que era considerado um bem livre, atribuindo-lhe um custo que passa a ser contabilizado na produção. A natureza passa a ser um bem de capital e nasce aí uma espécie de *economia ecológica*.

Como esclarece o Relatório Brundland,²⁰ (2019) os custos ambientais só aparecem quando a capacidade assimilativa do meio ambiente é ultrapassada. A partir daí, não podem ser evitados e terão que ser pagos. Basicamente, há duas possibilidades. Os custos podem ser externalizados, ou seja, transferidos para vários segmentos da sociedade sob a forma de custos por danos à saúde humana, à propriedade e aos

20. Nosso futuro comum. Comissão mundial sobre o meio ambiente e desenvolvimento. (WCED) Rio de Janeiro: FGV, 1987.

ecossistemas ou, internalizados, pagos pela empresa. O princípio do poluidor pagador está mais voltado a uma nova contabilidade ambiental do que ao direito de todos a um meio ambiente sadio e à qualidade de vida.

O mercado opera baseado no princípio da conversibilidade universal. Assim, ao contabilizar os bens naturais antes livres de valor comercial, toma esses bens e a qualidade de vida e a eles associada (pureza da água, do ar, silêncio, alimentos saudáveis, etc.) equivalentes a um valor em moeda. Desta maneira, podem ser *ressarcidos* no caso de sua destruição ou prejuízo. Sabemos quanto esse câmbio é perverso. A destruição da natureza, das fontes de vida e das populações que dependem destes recursos para sua sobrevivência é impagável.

O que se revela neste movimento é a hegemonia do discurso econômico, que se instaura cada dia mais como o lugar de produção de verdades e fórmulas científicas de organização e vida social. É necessário inverter a premissa que está na base do pensamento economicista, onde se trava a discussão sobre o desenvolvimento. A economia não deve ser tomada como instituinte do campo social, mas instituída por este: deve estar a serviço da sociedade. As alternativas para o futuro são escolhas que devem se dar fundamentalmente no campo social e na esfera da tomada de decisões.

O desenvolvimento que queremos é aquele onde os povos e os grupos sociais possam definir suas necessidades e construir uma gestão democrática da diversidade tendo em vista ao conjunto da sociedade. Pensando num eixo democrático pluralista, o desenvolvimento não seria mais a marcha de todos numa só direção, mas sim o reconhecimento e a articulação de diferentes formas de organização e demandas diferenciadas como bases para uma real sustentabilidade.

O desenvolvimento que queremos é aquele onde os povos e os

grupos sociais possam definir suas necessidades e construir uma gestão democrática da diversidade tendo em vista ao conjunto da sociedade. Pensando num eixo democrático pluralista, o desenvolvimento não seria mais a marcha de todos numa só direção, mas sim o reconhecimento e a articulação de diferentes formas de organização e demandas diferenciadas como bases para uma real sustentabilidade.

A capacidade de garantir a sobrevivência das gerações presentes e futuras dependerá da capacidade de construirmos um modelo rico em alternativas que possa enfrentar com novas soluções a atual crise socioambiental. Só a ampla participação da sociedade pode viabilizar esse modelo e, portanto, a democracia e o consenso, quanto possível, serão medidas efetivas para promover a sustentabilidade.

É fundamental remeter o pensamento e a ação para além do paradigma econômico materialista, que durante tanto tempo tornou sinônimos: desenvolvimento, riqueza, bem-estar, progresso e transformação intensiva da natureza. Se quisermos de fato assegurar o direito à sobrevivência física, econômica, social e cultural das populações, bem como garantir as condições ambientais que são o substrato para a sustentação de toda a vida no planeta, é preciso construir um modelo de desenvolvimento que tenha sua razão de ser nas prioridades estabelecidas pelo conjunto da sociedade. Isto significa inverter a trajetória excludente do desenvolvimento que conhecemos e estender a condição de cidadão à maioria que vive à margem dos processos econômicos, culturais e políticos.

Na consideração do conceito de desenvolvimento como um processo fundamentalmente participativo, os indicadores econômicos como renda per capita, produto interno bruto ou as melhoras na infraestrutura de uma comunidade não resumem os aspectos centrais do assunto. O conceito de desenvolvimento está relacionado com bem-

estar e qualidade de vida das populações e coloca a participação na tomada de decisões como uma questão essencial. A participação plena se faz possível através da organização das comunidades e do treinamento de seus recursos humanos; pré-requisito necessário para uma consulta bem-sucedida que promova o bem-estar e a justiça social.

9.8. Cidadania Mundial, o Desenvolvimento Sustentável e a Agenda 21.

A agenda 21 é um programa de ação, baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais ousada e abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Trata-se de um documento consensual para o qual contribuíram governos e instituições da sociedade civil de 179 países, cujo processo preparatório durou dois anos e culminou com a realização de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD, em 1992, no Rio de Janeiro, também conhecida por ECO-92. Além da Agenda 21, resultaram desse processo quatro outros acordos: a Declaração do Rio, a Declaração de Princípios sobre o Uso das Florestas, o Convênio sobre a Diversidade Biológica e a Convenção sobre a Mudança Climática.

O desafio da ECO-92 é o seguinte: criar, em escala planetária, um novo tipo de desenvolvimento, capaz de fomentar o progresso humano, não apenas em alguns lugares e por alguns anos, mas em todo o planeta e por tempo indeterminado. Esta tese, defendida pela comissão do meio-ambiente da ONU em 1982, comporta dois pré-requisitos: a) a criação de uma tecnologia limpa e subordinada à expansão da vida: b)

derrubar o muro político, econômico, e técnico-científico que mantém as excessivas desigualdades tanto ao nível de cada país como no campo internacional.

Sobre o assunto, quero lembrar algumas das conclusões de Meadows (1978). Uma delas caminha no sentido de que:

Estamos unanimemente convencidos de que uma emenda rápida e radical na situação mundial, atualmente desequilibrada e em perigosa deterioração, é a tarefa fundamental com que se defronta a humanidade.

A outra dizer respeito ao entendimento de que:

Qualquer tentativa deliberada para atingir um estado de equilíbrio racional e duradouro, através de medidas planejadas, e não por meio de acasos e catástrofes, deve ser fundamentada, em última análise, em uma mudança básica de valores e objetivos em níveis individuais, nacionais e mundiais.

A Comunidade Internacional Bahaí (1995) explicita o aspecto distintivo da mudança assinalada por Meadows (1978) com as seguintes palavras:

O maior desafio que a comunidade mundial enfrenta é o de liberar os enormes recursos financeiros, técnicos, humanos e morais necessários ao desenvolvimento sustentável. Tais recursos somente serão liberados na medida em que os povos do mundo desenvolvam um profundo senso de responsabilidade pelo destino do planeta e pelo bem-estar da inteira família humana. Este senso de responsabilidade somente

poderá emergir da aceitação da unidade da humanidade. Sem esse tipo de ética global, as pessoas não poderão se tornar participantes ativos e construtivos no processo mundial de desenvolvimento sustentável.

10. Megatendências do Mundo Contemporâneo.

Os processos de transformação social que caracterizam o mundo contemporâneo poderiam se expressar na seguinte formulação: Unidade, diversidade e interdependência – Fragmentação, descentralização e participação. Para esta análise consideram-se quatro megatendências da sociedade atual:

- a. Mundialização da vida social.
- b. Consolidação dos blocos regionais de nações.
- c. Fragmentação das nações.
- d. Informática e robótica – elementos chaves da nova tecnologia.

O processo de mundialização da vida social e cultural dos povos não é algo totalmente novo ou recente. Teóricos reconhecidos das ciências sociais reconhecem um processo crescente que começa com a internalização, passa a globalização e culmina com a mundialização (ORTIZ). O processo de internacionalização tem se afirmado durante vários séculos e hoje atinge uma intensidade e amplitude maior que ele chama de globalização. Segundo Ortiz o processo de globalização é acompanhado de um processo paralelo de mundialização. Ele afirma que a constituição de uma economia global levaria à constituição de uma governança global e em decorrência uma cultura mundial seria estabelecida.

Este processo de globalização implica momentos de fechamento e abertura. O estabelecimento de uma sociedade global perpassa por um processo inicial de criação de blocos de nações para após encaminhar-se a uma confederação de nações que precisaria de um sistema de governo de caráter mundial. A criação de blocos regionais de nações pressupõe ampliar os mercados nacionais, a eliminação de certos mecanismos

protecionistas e a consolidação das corporações multinacionais. Os grandes blocos regionais que se perfilam hoje estão constituídos pela União Europeia, Japão e o Sudeste Asiático, Estados Unidos, Canadá e México; assim como outros blocos no oriente da Europa, na África e na América Latina.

Este processo complexo deve caminhar junto com o reconhecimento progressivo do princípio de cidadania mundial. A mundialização da vida social e cultural dos povos, fundamentado no maior grau de interdependência global, é acompanhada dum processo complementar de fragmentação das nações e o ressurgimento das regiões e a vida nas comunidades locais do planeta. Este aspecto do processo de transformação social poderia caracterizar-se como desagregador e, expressa a necessidade de uma maior participação na tomada de decisões que afeta a vida social, econômica e cultural das regiões e localidades.

O estado nacional de fato está colocado num novo contexto no qual de uma parte deve ceder certo tipo de prerrogativas a uma instância superior – transnacional- e de outra parte, deve evitar o excessivo centralismo na tomada de decisões; delegando para instâncias regionais e locais a resolução de seus problemas e desafios particulares. Nessa perspectiva o processo de globalização e descentralização parecem convergentes e, ao mesmo tempo, complementares.

Com respeito á quarta megatendência, é importante ressaltar como o faz Toffler na sua obra a Terceira Onda que, a sociedade humana tem passado por três grandes épocas: a sociedade baseada na agricultura na qual o fator decisivo do poder é a posse da terra; a sociedade baseada na produção industrial na qual o fator se expressa atualmente através das grandes corporações e do capital financeiro e, a sociedade contemporânea na qual o fator predominante é o domínio da

informação e da automação.

Numa perspectiva tecnológica a versão de Toffler parece correta. O domínio do conhecimento constitui hoje mais do que nunca o fator determinante para o desenvolvimento material dos povos do mundo. O modelo deste autor opera em diversos sentidos, sendo possível encontrar num mesmo país as três ondas. Isto superaria uma visão linear. O processo atual de transformação social compreende, pois, três elementos distintivos a seguir: internacionalização, descentralização e participação. Um mundo de unidade em diversidade no qual o lucro deverá estar sometido ao critério do bem-estar geral, qualidade de vida e supervivência global. Isto representa uma certa forma de cooperação internacional e também um novo ordenamento social que reconheça o princípio da interdependência do capital e o trabalho. Sem dúvida, todas estas transformações precisam de uma profunda transformação nos modelos de liderança e dos valores prevalentes hoje em dia.

11. As dimensões do ser e as dimensões do saber

11.1. As capacidades humanas fundamentais

O ser humano é um pesquisador pela sua própria natureza cultural, nos termos que o define Edgar Morin na sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Ele é um construtor de conhecimentos. A capacidade de conhecer e reconhecer, de fazer e refazer uma incessante leitura do mundo constitui uma das mais importantes características humanas fundamentais. Mas, junto com o conhecimento, o ser humano também desenvolve a sua sensibilidade e sua capacidade de amar. Conhecer e amar, constituem as duas capacidades essenciais do ser humano. Ele só pode realizar-se quando exercita plenamente essas duas capacidades. Entende-se o ser humano como um conjunto de múltiplas uni-dualidades: plenamente biológico e plenamente cultural; *homo sapiens* e *homo demens*; *homo faber* e *homo ludens*... Assim, amar e conhecer são dois aspectos de uma mesma realidade, aspectos interdependentes de sua realidade existencial. O ser humano dedica sua vida para conhecer o mundo e conhecer-se a se mesmo e esse conhecimento, por sua vez, aumenta sua capacidade de amar. A história do ser humano poder-se-ia resumir como a história do desenvolvimento de sua sensibilidade e de sua razão.

Sobre as conseqüências negativas derivadas de estabelecer uma separação entre o ato cognitivo e a sensibilidade, Abdul Bahá afirma: “*A erudição será estéril se destituída do amor*”. J. Habermas, na sua obra “*Para a reconstrução do materialismo histórico*” estabelece uma homologia entre a teoria do desenvolvimento cognitivo e psíquico do ser humano de J. Piaget²¹ e o desenvolvimento da sociedade humana.

21. Segundo J. Piaget, a psicogênese humana faz um percurso consecutivo por quatro estágios de desenvolvimento: Simbiótico; Egocêntrico; Sociocêntrico

Segundo Habermas, o processo de descentralização do eu, presente na teoria dos estágios evolutivos do ser humano de J. Piaget teriam um equivalente no processo civilizatório. Isto é: a sensibilidade e racionalidade apresentam um processo crescente, ampliando sua área de ação para formas sociais cada vez mais abrangentes, a família, a tribo, a cidade, a nação e, finalmente atingiria uma forma universal. O pensamento de Habermas aparece aqui como um aprimoramento do pensamento de G. F. Hegel, para quem, a forma mais avançada da razão seria o Estado Nacional. Um novo estado talvez, de caráter multinacional e, finalmente mundial seria estabelecido como resultado desse processo.

As experiências iniciais de criar blocos de nações e a própria experiência da ONU, com seus múltiplos organismos internacionais, constituem parte de um processo geral que levariam à constituição de um estado mundial, paralelo ao desenvolvimento de uma sociedade civil também de caráter mundial.

11.2. As dimensões do ser e as dimensões do saber na sociedade contemporânea.

Numa perspectiva tecnológica, a sociedade moderna caracteriza-se pelo uso da máquina, a produção em série e a presença do trabalho assalariado. A sociedade pós-moderna caracteriza-se principalmente pela incorporação de processos automáticos na produção. No nível do conhecimento científico, se passa da física mecânica para a física quântica.

W. Heisenberg desenvolve o *princípio da incerteza* e F. Capra desenvolve a perspectiva holística, segundo a qual a realidade não é e Universalista.

composta de objetos, mas de conexões entre eles. A realidade constitui-se assim como um conjunto de sistemas dinâmicos interdependentes. Sistemas que são organizados e passam de uma fase para outra, de forma progressiva. Isto nos leva a ideia principal do presente texto: as dimensões do ser e as dimensões do saber podem ser definidas como: a) síntese de múltiplas determinações; b) síntese de múltiplas conexões; c) síntese de múltiplas interpretações. Em resumo, a realidade aparece como um conjunto de sistemas dinâmicos interdependentes sobre o qual o ser humano elabora diversos discursos ou leituras. E. Morin apresenta essa visão como pensamento complexo no qual aparece um diálogo entre as diversas lógicas discursivas. O pensamento analítico que tende à fragmentação é superado por uma racionalidade aberta e integradora que se enriquece com o excluído.

12. Percepção das diferentes formas do espírito de vida na sociedade contemporânea²².

Desejo que o desenvolvimento deste tema seja prazeroso e enriquecedor. A ideia de redigir um breve texto sobre o assunto foi se materializando a partir de algumas reflexões preliminares relacionadas com a margem de imprevisão da atividade humana em geral. Neste artigo se pretende um rigor conceitual suficientemente dúctil que permita iluminar e inspirar a mente do auditório.

O primeiro assunto tem a ver com as forças materiais da civilização: o sexo e o dinheiro. A maior parte das relações humanas e particularmente as relações entre o homem e a mulher são percebidas pela maioria das pessoas como uma troca gratificante e inevitável de sexo e dinheiro. Algumas pessoas que podemos considerar como mais evoluídas transcendem essa relação básica e conseguem enriquecer e reordenar junto com outros elementos mais sublimes no plano da ética, a estética e a espiritualidade.

O espírito de vida ou espírito da época permite ao ser humano conectar holisticamente o cotidiano com o transcendental e representar-se a se mesmo como uma partícula dos diversos processos que anima o espírito de vida. Como resultado o coração e a mente de tais indivíduos se ensancham para um goze mais pleno da visão global da qual ele é um elemento interdependente. Esta percepção permite que ele entenda as potencialidades geradas em cada época da humanidade e conscientemente tornar-se instrumento do espírito de vida de sua época.

O espírito de vida é uma emanção direta da Revelação dos mestres espirituais da humanidade e impregna toda a existência com

22. Palestra proferida um fireside realizado na residência da querida amiga baháí, Liza Perskie de Bucaramanga, Colombia em janeiro de 1996.

seu poder. Os seres humanos que estão despertos e acolhem esse espírito de vida ampliam os horizontes de sua sensibilidade e razão e podem, realmente, se considerados “humanos”. Hoje, por exemplo: vivemos o espírito da época da unidade mundial, da unidade na diversidade da raça humana. Quem não tenha consciência dessa realidade essencial, de alguma forma, está em condições de inferioridade para desempenhar-se com sucesso no mundo atual e terá dificuldade em identificar as oportunidades tanto sociais quanto individuais, assim como de estruturar uma visão resolutiva da crise axial da sociedade contemporânea.

Outro assunto particular tem a ver com os elementos centrais do bem-estar humano. Nesse tema parece útil uma apresentação em forma de dualismo conceitual: educação e saúde. Sem dúvida, estas constituem importantes dimensões de serviço à humanidade. A educação desperta e desenvolve as faculdades morais e científicas, assim como estéticas e instrumentais do indivíduo e a sociedade. A saúde é relacionada como fator básico da produtividade do trabalho humano em termos utilizados pela Organização Mundial da Saúde, OMS.

Em ambos os casos resulta apropriado uma perspectiva multifocal que inclua a espiritualidade prevalente na época. Isto é: uma educação integral sobre a base do conceito de cidadania mundial e uma saúde para todos que incorpore educação, prevenção e cura. A participação comunitária e cidadã; a convergência dos diversos sistemas de cura assim como uma saudável convergência do setor público e privados devidamente regulamentados.

Até agora utilizei a percepção de dualismos conceituais na aproximação a diferentes processos da vida humana. Agora, quero lhes convidar a realizar um percurso através da percepção de imagens sensoriais. Podemos imaginar que em este momento a sala onde estamos reunidos vai se enchendo de neblina e que ela toca nossos corpos, nossa

pele e, paulatinamente, vamos tornarmos como ela. Só restam de cada um de nós pequenos pontos luminosos de consciência dentro da neblina. Esses pontos luminosos de consciência se deslocam através da neblina, percebendo diversos graus de densidade e temperatura; assim como a concentração e expansão das partículas que os rodeiam e transpassam. Além do mais podem disfrutar diversidade de sabores, aromas e sons maravilhosamente interconectados, em danças de múltiplas e simultâneas estruturas harmônicas.

Isto é algo fantástico, como a vida é em verdade. A vida que transpassa e flui a través de todos os reinos da criação divina. É da palavra Revelada pelos profetas educadores da humanidade, de onde emana o espírito de vida de cada civilização particular. Ela é a fonte primordial que conecta toda a realidade. É a luz que ilumina o mundo com o poder de uma visão que transforma radicalmente a base, a estrutura, assim como as múltiplas expressões de toda a sociedade humana. É há esse Oceano da Palavra Revelada que devemos voltar toda nossa atenção, todos nossos sentidos.

13. Sobre o ensino da história na América Latina²³.

Como iniciar, tematicamente, o ensino da história nos países da América Latina? Começar pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas na Europa no momento da conquista Ibérica, pode levar à ideia que a história de América Latina é resultado do desenvolvimento capitalista europeu, do desenvolvimento do comércio e da ciência, dos avanços técnicos, isto é: resultado do desenvolvimento material e cultural do continente europeu. Começar pela América Latina significa que a história mundial só se torna possível a partir da descoberta de nosso continente. O início da história universal -em sentido literal- é resultado deste fato singular da história da humanidade. Esta perspectiva leva em consideração o grau de desenvolvimento das comunidades indígenas em seu aspecto material e espiritual.

Resulta oportuno lembrar aqui que a descoberta da América antecede à Revolução Industrial e à Revolução Política Europeia. América torna possível a existência de um mercado “realmente mundial” e possibilita o desenvolvimento posterior de uma cultura mundial. A descoberta do continente americano contribui significativamente na consolidação e pleno desenvolvimento dos estados nacionais europeus. Partir da Europa, poderia nos levar a fortalecer o mito da superioridade europeia e como resultado a aceitação de uma situação de inferioridade cultural intransponível. Pode também reafirmar o modelo de desenvolvimento que o continente europeu representa –seja ele capitalista ou socialista- De outra parte, esta perspectiva contribui a manter o nível de desconhecimento histórico no que diz respeito à nossa vertente indígena. Sem dúvida, este desconhecimento dificulta a

23. Palestra proferida para alunos e professores do e Cooperativa da Colômbia UCC em Bucaramanga, Colômbia, outubro de 1988.

afirmação de uma identidade multicultural e multiétnica.

Atualmente, tanto o modelo capitalista quanto o socialista perpassam por uma crise sem precedentes. A mesma crise que assombra aos que exaltam a soberania dos estados nacionais de forma desmedida. O excessivo nacionalismo é um sério obstáculo para o desenvolvimento pleno das potencialidades da humanidade como um todo e para a convivência pacífica e harmoniosa baseada no princípio de interdependência e unidade na diversidade que caracteriza a nossa época. Na opinião de alguns eruditos bahias, a história da humanidade deve entender-se como um processo de desenvolvimento de vários centros de unidade e, de forma nenhuma como um único e compulsório caminho de desenvolvimento. A sociedade capitalista e socialista atual constitui, basicamente, uma sociedade de tipo materialista, baseada no consumo e no lucro dos indivíduos e as grandes corporações ou na dominação burocrática do estado socialista.

O destino da humanidade sinaliza um tipo de sociedade diferente aos modelos atuais. O processo de desenvolvimento está se orientando à formação de blocos de nações e, posteriormente, a uma forma de estado mundial. Este superestado em construção responde as necessidades de uma época ímpar da história universal. Época caracterizada pelo extraordinário desenvolvimento da ciência e a tecnologia. Essa nova civilização está emergindo do caos atual precisa de novas instituições e de novas formas de tomada das decisões. Formas diferentes à democracia burguesa ou ao centralismo democrático. Uma governança mundial; um idioma auxiliar universal; um corpo legislativo mundial. Tudo isto baseado no reconhecimento do princípio da unidade na diversidade da espécie humana.

Em poucas palavras, devemos apropriarmos da história mundial não -exclusivamente- do ponto de vista europeu, mas também do

resto conjunto da humanidade. Não se pretende com isto desprezar o aporte dos povos europeus à cultura universal senão de defender uma perspectiva histórica que não aceita preconceitos de nacionalidade e que por sua vez não pode ser reduzida aos aspectos econômicos, políticos ou a uma história militar da nossa civilização. Defendemos uma história que resgata a dimensão cultural e espiritual como aspectos substanciais para uma cabal compreensão.

14. A construção do sujeito em J. Piaget e J. Habermas²⁴.

A escrita do texto: “*O processo de constituição do sujeito em J. HABERMAS e J. PIAGET*” tem uma gênese singular que me levou a considerar alguns autores contemporâneos sem conexão evidente com os dois autores anteriormente mencionados. Quero destacar, particularmente, Boaventura de Sousa Santos (2006); Norbert Elias (1995); Pierre Bourdieu (1998) e Jacques Delors (2003) entre outros. Tem sido, também, um processo enriquecedor com respeito ao conhecimento do próprio Jürgen Habermas (1983), pois no início seu livro: “*Para a reconstrução do materialismo histórico*” era a referência principal que fundamentava minha reflexão. No entanto, rever sua original obra: “*Teoria da ação comunicativa*” e posteriormente, seu texto: “*Conhecimento e interesse*” ampliaram a minha compreensão do autor; o reconhecimento de sua relevância e atualidade.

O presente artigo se subdivide em cinco momentos ou subtemas que ajudam a realizar uma leitura proveitosa e feliz.

1. O novo paradigma de Boaventura de Sousa Santos e a importância de repensar o mundo.
2. Convite para uma reflexão sobre a sociedade contemporânea.
3. O processo de constituição do sujeito em J. Habermas e J. Piaget.
4. O processo de constituição do sujeito em alguns autores modernos e contemporâneos.
5. Alguns paradoxos no processo de constituição do sujeito na sociedade contemporânea.

24. Texto aprovado pela Comissão Científica da III Semana de Humanidades realizada em dezembro de 2016 pela Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UERN GT-03 Construção do Sujeito. Publicado na Revista de Humanidades da UNIFOR, Fortaleza, v. 32, n. 1, p. 58-96, jan. /Jun. 2017.

As considerações finais incluem uma apreciação do valor heurístico da obra de Habermas na leitura da sociedade contemporânea; enumera algumas perspectivas teóricas excluídas neste texto; faz uma brevíssima reflexão epistemológica a partir da ideia do físico polonês Jacob Bronowski e, finalmente, apresenta uma proposta de ampliação do novo paradigma apresentado por Boaventura de Sousa Santos. Esta última pode parecer audaciosa demais para alguns leitores, mas confio na capacidade que todos nós temos de participar criativamente na construção dum discurso mais abrangente e, no entanto, sempre inacabado.

14.1. O novo paradigma de Boaventura de Sousa Santos e a importância de repensar o mundo.

“*Repensar o mundo é mudar o mundo*”²⁵ foi a frase que um aluno do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE - escreveu no quadro branco no segundo período acadêmico do ano 2002. Lecionava a Disciplina: “*Sociologia da América Latina*”. No estudo do processo de formação das nações Latino-Americanas tomamos como referência básica os livros de dois reconhecidos autores: Carlos Fuentes e Eduardo Galeano. De Carlos Fuentes “*O espelho enterrado*” e de Eduardo Galeano “*As veias abertas da América Latina*”.

A afirmação “*Repensar o mundo é mudar o mundo*” poderia ser considerada ingênua, mas meu contato com o pensamento de Edgar Morin, através da leitura do livro: “*Ciência com consciência*” realizada no Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Complexo Coordenado pelo

25. Naquela época já conhecia o documentário de J. Arthur Baker “O poder da visão positiva do futuro” e a afirmação de um dos livros do Antigo Testamento: “Conforme o homem pensa, assim será sua vida”.

professor doutor, Ailton Siquera de Sousa Fonseca, do Departamento de Ciências Sociais e Política da UERN, me permitiu compreender que “*um novo sistema de pensamento pode contribuir significativamente à mudança social*”.²⁶ Posteriormente, quando lecionei a Disciplina “*Seminário de Monografia*” para estudantes do VII período do Curso de Ciências Sociais da mesma Universidade e num texto de minha autoria intitulado: “*As dimensões do ser e as dimensões do saber*”, teve a ousadia de afirmar que as dimensões do ser e as dimensões do saber eram semelhantes porquanto o saber se constitui como ser, isto é: como parte do ser.

Na época já tinha alcançado uma melhor compreensão de uma das ideias seminais de G. W. F Hegel na obra: “*La ciencia de la lógica*” (1968) na qual Hegel afirma que se a determinações ou qualidades do ser nos permite nomeá-los, de forma diferente, é nas relações entre eles que o ser se constitui como tal. Só tive de acrescentar, assimilando de forma particular o pensamento de E. Morin e, em certa medida, também de F. Capra que: “*o discurso sobre a realidade também a constitui*”.

Finalmente, graças às conversas significativas com meus colegas do DCSP tive o privilégio de ler o polêmico texto de Boaventura de Sousa Santos: “*Um discurso sobre as ciências*”. Nele, Santos (2006) menciona os quatro elementos que constituem o que ele chama: “*novo paradigma das ciências*”.

Esses princípios são bem conhecidos no mundo acadêmico, mas vale a pena lembrá-los com a intenção de ir além deles sem questionar a relevância e atualidade do pensamento do autor. Vejamos:

1. Todo conhecimento é autoconhecimento
2. Todo conhecimento científico natural é histórico social

26. “Não haverá transformação sem reforma do pensamento, ou seja, revolução nas estruturas do próprio pensamento. O pensamento deve tornar-se complexo” (MORIN, 2005, p. 10).

3. Todo conhecimento científico visa tornar-se senso comum

4. Todo conhecimento local pode atingir o patamar de ser considerado global.

14.2. Convite a uma reflexão sobre a sociedade contemporânea.

Herbert de Souza, o “Betinho”, conhecido sociólogo brasileiro, expressa o desafio e a oportunidade da sociedade contemporânea nestas palavras:

O resultado dos últimos cem anos de experiência nos obriga a rever radicalmente tudo: mercado, estado, sociedade e suas relações. Nos obriga a interpelar todas as teorias, instituições e estratégias a luz de uma questão simples, elementar, central e decisiva: como construir uma sociedade planetária, igualitária, participativa e solidária que seja capaz de colocar no centro de sua dinâmica o atendimento das necessidades básicas de todo ser humano, independentemente de gênero, etnia, sexo ou idade? Como colocar o desenvolvimento humano no centro de todas as ações de todos os seres humanos e suas instituições; como gerar a cultura mundial do desenvolvimento humano? (SOUZA, 1994, p. 45).

A afirmação de Betinho convida-nos a refletir de forma radical, além de qualquer especificidade local, regional ou nacional. Ele nos leva a reconhecer a universalidade contida em cada localidade ou nação, confrontando-nos com a uni-dualidade do local e do universal. O reconhecimento desta realidade, deste novo cenário social, nos leva a pensar, também, em um novo sujeito histórico. Sujeito que se afirma plenamente no exercício da cidadania mundial.

As experiências mais recentes de criação de blocos de nações e a própria experiência da Organização das Nações Unidas -ONU- constituem parte de uma tendência geral que levaria a constituição de um estado mundial, paralelo ao desenvolvimento de uma sociedade civil, também, de caráter mundial.²⁷

Alguns indícios antecipam o percurso que a humanidade deve seguir no seu inesgotável processo de desenvolvimento e renovação. Processo no qual, os estados nacionais são enquadrados em um novo contexto: *os blocos regionais de nações* no médio prazo e *o estado mundial* no longo prazo.

De forma similar como os estados nacionais se desenvolveram na Europa do renascimento em diversos projetos de nações, tais como Inglaterra, França, Holanda, Itália e, finalmente, Alemanha. A humanidade, hoje, intui com certo grau de dificuldade a necessidade de uma comunidade de nações autônomas, com uma língua auxiliar universal, um sistema legislativo e judiciário, assim como um executivo global.

Nesse contexto, como já foi mencionado anteriormente, a ONU apesar de suas limitações atuais- representa através de seus diversos organismos, um importante processo de desenvolvimento de instituições políticas, culturais e de solidariedade que antecipam, de forma embrionária, associações e formas de governo correspondentes a um “*Civitas Universal*”.²⁸

27. Uma excelente apresentação desta temática encontra-se no livro do sociólogo brasileiro Renato Ortiz: “Mundialização e Cultura”. São Paulo: Brasiliense, 1998. Outros autores tratam do mesmo assunto -de forma menos sistemática- não entando relevante, entre eles: Ware (1982); King (1991); Bronowski (1992); Naisbitt (1994); Capra (1995); Hofman (2001); Friedman (2007); Santos (2013). Uma apresentação audaciosa e comovente sobre o assunto encontra-se no link <http://thrivemovement.com>.

28. Effendi (1973) citando Bahá u lláh, afirma: “...no os mireís como extraños los unos a los otros....Sois los frutos de um sólo árbol y las

A percepção da nova situação gerada na pós-modernidade está além da ortodoxia do materialismo histórico e do estrutural funcionalismo na sociologia contemporânea. Somente uma nova e inspiradora visão permite compreender o desenvolvimento da sociedade humana de forma holística. Esta nova visão entende a história dos processos econômicos, políticos e militares, tão característicos na época da formação das nações, como parte integrante da evolução do espírito humano, no processo geral de *planetização*²⁹ da vida social. A consideração de tão importante e complexo assunto não esquece, de modo algum, as dificuldades e obstáculos neste longo caminho de unificação da humanidade.

O racismo, o excesso de nacionalismo, a injustiça social no relacionamento internacional e no interior de cada país, a carência de uma língua universal auxiliar, o fanatismo religioso e o atraso cultural de milhões de seres humanos que vivem na pobreza, além da discriminação de gênero, constituem as dificuldades mais evidentes.

Para além das dificuldades assinaladas, no começo do século XXI já vislumbramos uma nova ordem social que se desenrolará plenamente no futuro. Temos o privilégio singular de assistir o começo de uma nova era na história da sociedade humana. Sobre este importante assunto,

hojas de una misma rama....La tierra es un solo país y la humanidad, sus ciudadanos....Que ningún hombre se glorie de que ama a su patria; que más bien se glorie de que ama a sus semejantes”.

29. Ortiz (1998). Procura estabelecer a diferença entre os seguintes conceitos: Internacionalização; globalização e mundialização. Segundo Renato Ortiz a internacionalização revela um processo de expansão comercial -própria do colonialismo- A globalização é uma nova organização econômica do mundo a partir das corporações e, finalmente, a mundialização é entendida como a expressão cultural dum processo que pretende tornar-se- padrão mundial no que diz respeito ao estilo de vida. Já, o conceito planetização é usado por diversos autores num sentido mais genérico, como um processo totalizante que inclui a sociedade civil e o estado ao nível mundial.

Vernadski, citado por E. Morin, no início do capítulo IV de seu livro: “*Os sete saberes necessários à educação do futuro*”, afirma:

Pela primeira vez, o homem compreendeu realmente que é um habitante do planeta e, talvez, deva pensar e agir sob novo aspecto, não somente como indivíduo, família ou gênero, estado ou grupo de estados, mas também sob o aspecto planetário (VERNADSKI *apud* MORIN, 2001, p. 64).

14.3. O processo de constituição do sujeito em J. Habermas e J. Piaget.

O caminho que percorre o desenvolvimento dos paradigmas sociológicos reflete os avanços societários e científicos mais recentes. Jürgen Habermas- da Escola de Frankfurt³⁰ representa o esforço mais sistemático e rigoroso para estabelecer um patamar sólido do que poderia se chamar de *sociologia interdisciplinar*. A teoria crítica da sociedade em Habermas incorpora tanto o conhecimento ou diagnóstico da sociedade contemporânea como seu plano de transformação terapêutica, ao nível cultural e sistêmico, do estrutural e da personalidade. Habermas incorpora em seu discurso elementos dos clássicos da sociologia -Durkheim, Marx, Weber- e da psicologia-J. Piaget-

Na obra: “*Para a reconstrução do materialismo histórico*”, Habermas (1983) revisita a teoria marxista da sociedade moderna tentando transcender as suas limitações. Segundo Habermas, Karl Marx deixa de lado o problema ético ou da normatividade considerando que ela -a normatividade- é um resultado natural do desenvolvimento material da sociedade,

30. A Escola de Frankfurt foi liderada por Theodor Adorno (1903-1999) e Max Horkheimer (1923-1973) Autores da obra: “*Dialética do esclarecimento*” (1947).

Vejamos:

Se insisto em tal temática, apesar de seu grau ainda insuficiente de explicitação, é porque estou convencido de que as estruturas normativas não seguem simplesmente a linha de desenvolvimento do processo de produção, mas têm ao contrário uma história interna.

Segundo o Autor, K. Marx entra no jogo da *racionalidade instrumental* -sistêmica- característica da ciência moderna.

A compreensão da sociedade moderna representada pelo marxismo carece por tanto de um desenvolvimento da questão ética. Segundo Habermas, *o mundo vivido* formado na *intersubjetividade* que ele chama de *racionalidade comunicativa* tem uma certa autonomia e leis próprias que lhe permitem agir sobre o sistema e o mundo do trabalho, representado pela *racionalidade instrumental*.

Habermas (1983) apoia-se em Jean Piaget para elaborar uma teoria da evolução social. Ele estabelece uma homologia entre a teoria do desenvolvimento cognitivo e psíquico do ser humano -*psicogênese*- de Jean Piaget³¹ e o desenvolvimento da sociedade (Ver Tabela 1). Segundo Habermas, o processo de *descentralização do eu*³² presente na teoria dos

31. Segundo Piaget, a psicogênese humana faz um percurso consecutivo por quatro estágios de desenvolvimento emocional: simbiótico, egocêntrico, sociocêntrico e universalista. Percurso que é acompanhado de um processo paralelo de desenvolvimento cognitivo: sensorio motor; pré-operacional; operações concretas; operações abstratas. Jean Piaget (1896-1980) foi biólogo e dedicou a vida a submeter à observação científica rigorosa o processo de aquisição de conhecimento da criança; do estudo das concepções infantis de tempo, espaço, causalidade física, movimento e velocidade, Piaget criou um campo de investigação que denominou epistemologia genética - isto é, uma teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança.

32. “Essas rápidas observações querem apenas sugerir a fecundidade heurística da suposição de que existem analogias entre as estruturas do Eu e

estágios evolutivos de J. Piaget teria um equivalente no processo civilizatório.

Tabela 1: Processo de desenvolvimento emocional e cognitivo da criança segundo Jean Piaget.

IDADE	0-2 anos	3-5 anos	6-10 anos	11 e más anos
Desenvolvimento Emocional (Psicogênese)	Simbiótico	Egocêntrico	Socio-cêntrico	Universalista
Processo de Desenvolvimento	Sensorio Motor	Pré-operacional: Desenvolvimento da Linguagem	Operações concretas	Operações abstratas

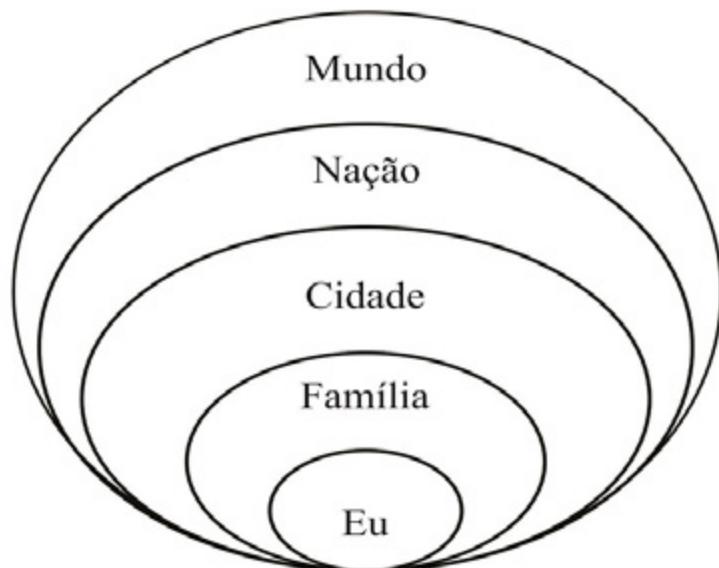
Fonte: tabela elaborada pelo autor.

A sensibilidade e racionalidade apresentam um processo crescente, ampliando sua área de ação para formas sociais cada vez mais abrangentes, a família, a tribo, a cidade, a nação; finalmente atingiria uma forma universal. Um novo estado, talvez, de caráter multinacional e finalmente mundial seria estabelecido como resultado deste processo (ver figura 1).

FIGURA 1:

Processo de descentralização do Eu segundo J. Piaget.

as das imagens do mundo: em ambas as dimensões, o desenvolvimento leva evidentemente a um descentralização progressivo do sistema de interpretação e a uma delimitação cada vez mais unívoca da subjetividade da natureza interior em face da objetividade da natureza externa, bem como á delimitação da normatividade da realidade social a da intersubjetividade da realidade linguística” (HABERMAS, 1983).



Fonte: Organograma produzido pelo autor

Na “*Teoria da ação comunicativa*” considerada seu maior aporte à teoria sociológica a partir da análise da linguagem, Habermas desenvolve o conceito “*racionalidade comunicativa*” como aspecto fundamental no processo de constituição do sujeito. A racionalidade comunicativa é construída a partir da *intersubjetividade* dos sujeitos, resultado das “*experiências vividas*”.

As experiências vividas pressupõem a construção de uma linguagem que permite estabelecer regras de leitura da fala e do discurso com o qual pode ser atingido o consenso.³³

33. A teoria da ação comunicativa avança para um diálogo ideal no qual os diversos discursos poderiam expressar-se transparentemente na procura do consenso que fundaria uma nova epistemologia da normatividade. O Mundo normativo resultaria da ação comunicativa através do consenso, uma vez, eliminadas as interferências na comunicação intersubjetiva. Ao contrário do agir racional com relação aos fins, o agir comunicativo orientasse, entre outras coisas, no sentido do respeito de normas intersubjetivamente válidas

FIGURA 2:

Ilustração do predomínio do Sistema sobre a Natureza e o Mundo Vivido



Fonte: Organograma produzido pelo autor

Esta racionalidade se contrapõe a “*racionalidade instrumental*” que representa os interesses da economia e do sistema político ou estado (DE OLIVEIRA, 2001). Segundo Habermas na sociedade primitiva o *mundo vivido* predominava sobre o *sistema* e os problemas econômicos e político eram organizados e orientados pela racionalidade normativa dos mitos e crenças, pelos valores surgidos no mundo da interação.

Na sociedade moderna e contemporânea, pelo contrário, o *sistema* predomina sobre o *mundo normativo* ou da interação do ser humano. Em consequência, o ser humano é alienado e empobrecido pela *racionalidade instrumental*. Trata-se então, de restabelecer o equilíbrio entre o sistema e o mundo vivido. Para Habermas, a atual crise social resulta de uma excessiva presença da racionalidade instrumental na

(DE OLIVEIRA, 2001).

vida individual e coletiva. Cabe à sociologia, fazer o diagnóstico da sociedade moderna identificando as patologias ou crises estruturais e da personalidade do capitalismo contemporâneo. Torna-se necessário desenvolver uma terapia social e um plano estratégico de mudanças estruturais que completem e harmonizem as relações inadequadas entre racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa, entre sistema e mundo vivido.

14.4. Os processos de constituição do sujeito em alguns autores modernos e contemporâneos.

14.4.1. Os clássicos da Sociologia.

Para iniciar, considero oportuno esclarecer que o sentido dado em este texto à expressão “*constituição do sujeito*” tem um viés histórico social e, por tanto, falarei dos “*processos de construção do sujeito*”, não num sentido geral, mas de um sujeito historicamente determinado, isto é: o protagonista da sociedade contemporânea. Sociedade, por alguns autores, chamada “*pós-moderna ou pós-industrial*” e, por outros como: “*sociedade em rede ou sociedade global*”.

De outra parte, quando consideramos o discurso dos clássicos e contemporâneos da teoria sociológica, assumo que a relação *indivíduo-sociedade* se entende também como a relação do *sujeito e sociedade*, no sentido que o indivíduo é assumido como um sujeito histórico social.³⁴

34. A expressão sujeito histórico foi objeto de duas teses fundamentais ao longo da história: a tese individualista e a tese grupal. O indivíduo como sujeito é a tese tradicional... A história é uma suma de vontades individuais e livres. Existem circunstâncias que modelam o desenvolvimento dessas vontades, mas são sem dúvida as personalidades mais notáveis que marcam os rumos históricos. O grupo como sujeito: a partir de certa versão do marxismo viu-se nas classes sociais -principalmente na classe proletária- a condição de sujeito histórico. FGV (1986).

No século XIX, a consolidação do sistema de produção capitalista e suas expressões sociais políticas e culturais na Europa irá fornecer os elementos que servirão de base para o surgimento da sociologia como ciência. Émile Durkheim (1858-1917) desenvolveu sua obra num cenário de grande crise na França. Basta lembrar a *Guerra Franco-Prussiana* e o aniquilamento da *Comuna de Paris* (1870-1871).

Esse é um período em que a miséria e o desemprego andaram lado a lado com o grande progresso tecnológico e o crescimento da produção industrial na Europa, ocasionando o fortalecimento de associações e organizações dos trabalhadores, bem como a eclosão de greves e o aguçamento das lutas sociais. A preocupação de Émile Durkheim é com a *ordem social*.

O elemento básico para Durkheim -a integração social- aparece na sua obra através do conceito de “*solidariedade*” que permite a articulação funcional de todos os elementos da sociedade. Para o sociólogo francês, a sociedade prevalece sobre o indivíduo. Homologando o conceito *indivíduo* ao conceito de *sujeito*, teremos a transliteração de que o sujeito é moldado pela sociedade.

A sociedade constitui o indivíduo. A sociedade é, para este autor, um conjunto de normas de ação, pensamento e sentimento que não existem apenas nas consciências dos indivíduos, mas que são construídas exteriormente, isto é: fora das consciências dos indivíduos. Em outras palavras, na vida em sociedade o indivíduo se defronta com regras de conduta que não foram diretamente criadas por ele, mas que existem e são aceitas na vida em sociedade, devendo ser seguidas por todos os indivíduos que constituem a sociedade.

Seguindo esse raciocínio, Durkheim afirma que os “*fatos sociais*” -objeto de estudo da sociologia- são justamente essas regras e normas coletivas que orientam a vida dos indivíduos em sociedade.

Tais fatos sociais são diferentes dos fatos estudados por outras ciências por terem origem na sociedade e não na natureza. Esses fatos sociais têm duas características básicas que permitirão sua identificação na realidade: são *exteriores e coercitivos*.

Outro conceito importante para Durkheim é o de “*instituição*”. Para ele, uma instituição é um conjunto de normas e regras de vida que se consolidam fora dos indivíduos e que as gerações transmitem umas às outras. A família, a igreja, o exército, a escola, a empresa são exemplos dessas múltiplas instituições. Assim, para Durkheim é a sociedade, como coletividade, que organiza, condiciona e controla as ações dos indivíduos. As instituições socializam os indivíduos, fazem com que eles assimilem as regras e normas necessárias à vida comum.

Enquanto para Durkheim a ênfase da análise recai na sociedade, para o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) a análise estará entrada nos atores e em suas ações:

Para Weber (1993) a sociedade não seria algo exterior e superior aos indivíduos, como Durkheim. Para ele, a sociedade pode ser compreendida a partir do conjunto das ações individuais reciprocamente referidas. Por isso, Weber define como objeto da sociologia a ação social (TOMAZI, 1993).

Assim, Weber dirá que toda vez que se estabelecer uma relação significativa, isto é: algum tipo de sentido entre várias ações sociais teremos, então, relações sociais. Só existe ação social quando o indivíduo tenta estabelecer algum tipo de comunicação a partir de suas ações com os demais. Nem toda ação, desse ponto de vista, será social, mas apenas aquelas que impliquem alguma orientação significativa visando outros indivíduos. Weber estabelece quatro tipos de ação social: a) tradicional; b) afetiva; c) racional com relação a valores e d) racional com relação a fins.

Tanto na conceituação da ação social como na definição de seus diferentes tipos, podemos perceber que Weber não analisa as regras e normas sociais como exteriores aos indivíduos. Pelo contrário, as normas e regras sociais são o resultado do conjunto de ações individuais, sendo que os agentes escolhem o tempo todo, diferentes formas de conduta. As ideias coletivas, como o Estado, o mercado econômico, as religiões, só existem porque muitos indivíduos orientam reciprocamente suas ações num determinado sentido. Estabelecem dessa forma, relações sociais que tem de ser mantidas continuamente pelas ações individuais.

O pensador Karl Marx (1818-1883) também contribui para discussão da relação entre indivíduo e sociedade. Diferentemente de Durkheim e Weber, considerava que não se pode pensar a relação indivíduo sociedade separadamente das condições materiais em que essas relações se sustentam.

FIGURA 3:

Ilustração do predomínio das forças produtivas sobre o indivíduo e a sociedade



Fonte: Organograma produzido pelo autor

Para ele, as condições materiais de toda a sociedade condicionam as demais relações sociais. Por isso, o estudo de qualquer sociedade deveria partir justamente das relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção e transformar a natureza. Essas relações sociais de produção são a base que condiciona todo o resto da sociedade. Para Marx, portanto, a produção é a raiz de toda a estrutura social.³⁵

Mas o objetivo maior de Marx não era elaborar uma teoria geral sobre a sociedade, e sim estudar a sociedade de seu tempo, a sociedade capitalista. Segundo Marx, na sociedade capitalista as relações sociais de produção definem dois grandes grupos dentro da sociedade: de um lado, os *capitalistas*, que são aquelas pessoas ou sujeitos que possuem os meios de produção (máquinas, ferramentas, capital, etc.) necessários

35. “O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e a qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência. Numa certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas estas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevive então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez”. (MARX, K. Para a crítica da economia política. In: Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos. 2ª ed. São Paulo: abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores, p. 129). Texto citado por Tomazi (1993).

para transformar a natureza e produzir mercadorias; do outro, os trabalhadores, também chamados, no seu conjunto, na época de Marx como *proletariado*, aqueles que nada possuem a não ser o seu corpo e sua disposição para trabalhar.

A produção a sociedade capitalista só se realiza porque capitalistas e trabalhadores entram em relação. O capitalista paga ao trabalhador um salário para que trabalhe para ele e, no final da produção, fica com o lucro. Esse tipo de relação entre capitalista e trabalhadores leva à exploração do trabalhador pelo capitalista. Por isso, Marx considerava que havia um permanente conflito entre essas duas classes, como *sujeitos históricos*. Assim, o conceito de classe em Marx estabelece um grupo de indivíduos que ocupam uma mesma posição nas relações de produção, em determinada sociedade. A classe a que pertencemos é que condiciona, de maneira decisiva, nossa atuação social. É principalmente a situação de classe que condiciona a existência do indivíduo e sua relação com o resto da sociedade.

Para encerrar, a breve apresentação destes importantes autores da sociologia clássica, podemos retomar as conclusões de J. Habermas, no livro “*Conhecimento ou interesse*”. Segundo Habermas (2014) o tipo de interpretação sociológica característica da escola funcionalista representada por Durkheim procura o *controle social*, diferenciando-se da perspectiva weberiana que busca a *compreensão da ação social dos indivíduos* e a do marxismo que têm um interesse *emancipatório*, isto é: fornecer elementos conceituais que permitirão levar avante um processo de emancipação dos sujeitos.

14.4.2. Paulo Freire e Edgar Morin.

Paulo Freire é mais conhecido como um teórico da filosofia

da educação, porém seu sistema pedagógico inspira-se num horizonte ontológico de emancipação através do diálogo com os outros homens -diálogo mediado pelo mundo- O ser humano é entendido como sujeito da história, como um “*devir*” e não, simplesmente, como objeto passivo do fazer de outros. No pensamento de Paulo Freire o ser humano é: “*um ser inconcluso consciente de sua inconclusão e com vocação ontológica de ser mais*”...Freire acrescenta: “*o ser humano é, por excelência, um ser da ação e da reflexão*”.

No pensamento de Edgar Morin, *o ser humano é uma síntese complexa de múltiplas uni-dualidades: homo faber / homo luddens, homo sapiens / homo demens...* O conceito de uni-dualidade utilizado por Morin se expressa claramente na seguinte máxima: “*o ser humano é, ao mesmo tempo, plenamente biológico e plenamente cultural*”.³⁶

Nos “*Sete saberes*”... Morin aprofunda os diversos aspectos da condição humana na sociedade contemporânea, particularmente, sua idéia sobre a “*consciência planetária*”.³⁷ De outra parte ilumina a reflexão sobre as limitações do saber humano no título: “*as cegueiras do conhecimento*”. Uma apresentação singular de Morin (2005) no que diz respeito a uma visão cósmica do sujeito encontra-se no item 9. “*Computo ergo sum*” -a noção do sujeito- na segunda parte de seu livro: “*Ciência com consciência*.”³⁸ Freire e Morin podem ser considerados legítimos herdeiros da filosofia *hegeliana* que se expressa no seguinte axioma:

36. “O humano é um ser a um tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a uni-dualidade originária”. MORIN (2001 pág. 52)

37. “Podemos, porém, explicitar nossa finalidade: a busca da hominização na humanização, pelo acesso à cidadania terrena. Por uma comunidade planetária organizada...” (MORIN, 2001, p. 115)

38. O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo” (MORIN, 2001, p. 57).

“*O que importa não são as determinações -ou qualidades- do ser, mas suas relações*” (HEGEL, 1968).

14.4.3. Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

Norbert Elias (1897-1990) rejeita a dicotomia indivíduo *versus* sociedade, entendendo que ambos são produzidos pelas constantes interações individuais em complexas estruturas de redes sociais. Em “*O processo civilizatório*” (1994-1995) argumenta que a emergência da civilização ocidental europeia foi resultado da longa interação entre indivíduos em redes sociais que impuseram padrões de autocontrole nos comportamentos sexuais, na guerra, à mesa, etc. Em outras palavras, novas *figurações* sociais emergem da interação entre a dinâmica psicológica (o sentimento de vergonha e repugnância em relação à hábitos *bárbaros*) e a dinâmica social (explicitada nas noções de refinamento e civilização). Segundo Norbert Elias os processos históricos ocorrem por meio da interação entre as transformações no comportamento humano e nas estruturas de personalidade dos indivíduos (psicogênese) e a emergência de teorias do desenvolvimento social, do desenvolvimento do estado e das nações (a sociogênese). Essa interpretação aproximá-lo do pensamento de J. Habermas.

Pierre Bourdieu (1930-2002) enfrentou a dicotomia subjetivismo *versus* objetivismo com uma abordagem denominada construtivista estruturalista. Reconhece que a ação social é constrangida ou condicionada por estruturas sociais; estas, não entanto, são construídas socialmente.

A ação social é estruturada por campos e os agentes são orientados / coagidos pelos *habitus* incorporados ao longo de sua trajetória de vida. Alguns dos conceitos que ampliam o campo da

reflexão da ação social dos sujeitos está relacionado com o que chama de “Capital simbólico / cultural”. Para Bourdieu (1998) a realidade se constrói na luta das diversas interpretações, no mundo simbólico -da linguagem- O sociólogo teria a função de revelar o significado ou interesses ocultos nas diversas representações. O cientista social ao ter um patrimônio simbólico considerável poderia tentar mudar o jogo no mundo das representações, contribuindo desta forma na transformação da sociedade.³⁹

14.4.4. J. Delors.

Ao iniciar o presente artigo não pretendia considerar a obra mais conhecida de Jacques Delors (2003) “*Educação: um tesouro a descobrir*”, terminei por aceitar que era pertinente tentar estabelecer uma ponte com o pensamento de J. Habermas.

A contribuição de Delors, particularmente, o Capítulo IV intitulado: “*O quatro pilar da educação*” é inestimável. Sem dúvida nenhuma, *aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser* fazem parte de um processo mais abrangente de constituição de sujeitos bem-sucedidos em um mundo cada vez mais complexo, interligado e dinâmico.

Essas quatro competências podem ser formuladas como níveis que constituem o sujeito, da seguinte forma:

Nível racional, conceitual e científico

Nível operacional, experimental e técnico

Nível emocional, ético e estético

Nível administrativo, de gestão e consulta.

39. “O sociólogo opõe-se ao diletante (técnico da opinião que se julga cientista) na medida em que põe em questão evidências” BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos*. Oeiras (Portugal): Celta, 1988.

Os dois primeiros níveis fazem referência às dimensões: teórico práticas no processo de construção e reconstrução do conhecimento, quer dizer, ao domínio dos elementos conceituais dos sistemas científicos e à capacidade de operacionalização desses conhecimentos teóricos em práticas eficazes no campo experimental.

O nível das competências operacionais compreende também o domínio dos processos e técnicas de pesquisa em cada área particular das diferentes disciplinas. Aliás, esta convergência criadora da teoria e da prática, através da pesquisa, constitui-se o patamar do desenvolvimento de tecnologias que podem ser apropriadas pelos indivíduos, grupos sociais e comunidades ou mesmo sociedades mais complexas. O nível ético faz referência ao desenvolvimento de valores humanos que garantem a integridade profissional, tais como: veracidade, confiabilidade, imparcialidade, equidade, cortesia, sacrifício, amor e serviço à humanidade, a busca da excelência no trabalho e a eliminação de qualquer preconceito de raça, nacionalidade, sexo, crença religiosa ou ideias políticas.

Por sua vez, o nível administrativo, de gestão e consulta, busca promover o trabalho interdisciplinar e em grupo, desenvolver a capacidade de considerar os diversos problemas científicos num olhar holístico e treinar os sujeitos -futuros profissionais- na tomada de decisões através da consulta.

14.5. Alguns paradoxos no processo de constituição do sujeito na sociedade contemporânea.

A leitura aqui apresentada seria, inquestionavelmente, limitada se não levasse em conta o reconhecimento de que coexistem múltiplos processos de constituição do sujeito na sociedade contemporânea. Esses

múltiplos processos acontecem simultaneamente em uma determinada sociedade e, em muitos casos, podem ser divergentes e até antagônicos. Vejamos o caso das populações periféricas de grandes metrópoles como Rio de Janeiro ou Cidade de México onde processos paralelos de constituição de sujeitos se desenvolvem na cidade **as milícias de bairro e os narcotraficantes**.

Em outra perspectiva, também podemos considerar as comunidades indígenas de países como Brasil e a Colômbia ou regiões que podem ser consideradas nações dentro de uma nação maior **na Espanha / Catalunha / País Vasco**.

Pode acontecer que alguns sujeitos incorporem elementos de processos diferentes **uma espécie de miscigenação cultural** criando assim arranjos originais. Por tanto, devemos estar cientes que não existe um processo ideal ou de validade universal, mas múltiplos processos nesse grande caldeirão da sociedade contemporânea que Effendi (1973) engloba no princípio da *“unidade na diversidade”* Vejamos:

Lejos de tender a la subversión de los fundamentos actuales de la sociedad, trata de ampliar su base, de amoldar sus instituciones en consonancia con las necesidades de un mundo en constante cambio. No está en conflicto con compromisos legítimos ni socava lealtades esenciales. Su propósito no es ni sofocar la llama de un sano e inteligente patriotismo en el corazón del hombre, ni abolir el sistema de autonomía nacional tan esencial cuando se busca evitar los males de un excesivo centralismo. No ignora ni intenta suprimir la diversidad de orígenes étnicos, de climas, de historia, de idioma y de tradición, de pensamiento y de costumbres que distinguen a los pueblos y naciones del mundo. Insta a una lealtad más amplia, a un anhelo mayor que cualquiera que los que la raza humana ha sentido. Insiste en la subordinación de móviles e intereses nacionales a los imperativos reclamos de

un mundo unificado. Repudia el centralismo excesivo por una parte, y rechaza todo intento de uniformidad por otra. Su consigna es *“la unidad en la diversidad”* (EFERENDI, 1973, p. 22-23).

Com outras palavras, Morin (2001) também reafirma este princípio, destacando que *“os que veem a diversidade das culturas e tendem a minimizar ou ocultar a unidade humana; os que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade de culturas. Ao contrario, é apropriado conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade que se inscreve na unidade”*

14.6. Considerações finais

Se, repensar o mundo nos levou a reconhecer um novo cenário no qual age um novo sujeito histórico na sociedade contemporânea, certamente, a obra de Habermas nos fornece melhores elementos para uma interpretação abrangente do processo de mundialização em andamento. Processo que as teorias da sociologia clássica enfrentam com certo grau de dificuldade, seja como resultado das limitações conceituais do paradigma prevalente fundamentado no processo crescente da racionalidade burocrática; a constituição das nações e o desenvolvimento das forças produtivas; ou no caso de alguns autores contemporâneos, por ressalvas éticas que eles têm esclarecido de forma suficiente.

Diversos e relevantes processos de constituição do sujeito são deixados de lado neste artigo, tais como: o genético, psicológico, jurídico, religioso, estético... Também inúmeros autores, tais como: Talcott Parsons (1902-1979) e Robert K. Merton (1910-2003) reconhecidos

representantes da *teoria funcionalista*; Antonio Gramsci (1891-1937) e Louis Althusser (1918-1990) da *vertente marxista*; George Herbert Mead (1863-1931) e Ervin Goffman (1922-1982) representantes do *Interacionismo simbólico*. Não menos importantes Karl Mannheim (1893-1947) e Charles Wright Mills (1916-1962) da *vertente weberiana*. Finalmente, Zygmunt Bauman (1925-) não pode ser ignorado.⁴⁰

No que diz respeito a uma epistemologia do conhecimento, quero trazer à tona a reflexão do físico polonês, Jacob Bronowski (1992) para quem: “*O método do cientista é o método do artista*” no sentido de que tudo texto é uma aproximação à apreensão cabal da realidade. Por isto, todo texto é um pré-texto, isto é: ele nunca está acabado, completo e, também, pelo fato que ele pode revelar interesses do autor e refletir as influências do cenário social no qual é produzido.

O novo paradigma científico de Boaventura de Sousa pode ser reformulado, acrescentando alguns novos elementos:

40. O emérito sociólogo polonês Zygmunt Bauman nasceu no dia 19 de novembro de 1925, em Poznań. No início da década de 70 ele assumiu o cargo de professor titular da Universidade de Leeds e aí teve contato com o intelectual que inspiraria profundamente seu pensamento, o filósofo islandês Jí Caze. Os estudos sociológicos lhe permitem refletir sobre a angústia que reina nos sentimentos humanos, emoção despertada pela pressa de encontrar o parceiro perfeito, sempre mantido como meta ideal, nunca como realidade concreta. A insatisfação está, portanto, constantemente presente na esfera da afetividade humana. As pessoas desejam interagir, buscam a vivência do afeto, mas não querem se comprometer. É o que Bauman chama de amor líquido, vivenciado em um universo marcado pelos laços fluidos, que não permanecem, não se estreitam, desobedecem à lei da gravidade, ou seja, à ausência de peso. Bauman crê que os relacionamentos a dois não podem se desenrolar à parte da cena social, das regras do jogo estabelecidas pela sociedade global. Para o sociólogo, a fluidez dos vínculos, que marca a sociedade contemporânea, encontra-se inevitavelmente inserida nas próprias características da pós-modernidade.

1. Todo conhecimento é autoconhecimento;
2. Todo conhecimento científico natural é científico social;
3. Todo conhecimento visa tornar-se senso comum;
4. Todo conhecimento local pode atingir o nível de conhecimento global;
5. Todo conhecimento da realidade a constitui;
6. Todo conhecimento expressa um nível de desconhecimento;
7. Todo conhecimento é apaixonado pressupõe interesses;
8. Todo conhecimento incorpora o pensamento analítico e sintético;
9. Todo conhecimento pressupõe uma perspectiva metodológica e epistemológica.

Referências

ARBAB, Farzam. **El proceso de transformación social**. Cali: FUNDAEC, 1986.

ARENAS, Pedro Arturo Rojas. **Textos para um novo contexto**. Mossoró: Fund. Vingt-un Rosado, 2005.

_____. **As dimensões do ser e as dimensões do saber**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2006.

ARAÚJO, Washington. **Quem está escrevendo o futuro?** Brasília, DF: Letraviva, 2000.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2016.

_____. **Da Revolução**. São Paulo: Ática- UNB, 1988.

_____. **O Sistema Totalitário**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda. 2012.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Contrafogos**. Oeiras (Portugal): Celta, 1988.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: 2007.

BRONOWSKI, Jacob. **A escalada do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2007.

CASTANEDA, Carlos. **Viaje a Ixtlán. México**: Fundo de Cultura

Econômica, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Fim do Milênio – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CENTRO MUNDIAL BAHAI. **Século de Luz**. Mogi Mirim, São Paulo: 2002.

CHAUI, Marilena de Sousa. **Convite à Filosofia**. São Carlos: Ática, 2008.

_____. **A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa**. Vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COMUNIDADE INTERNACIONAL BAHAI. **A Cidadania Mundial: uma ética global para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Bahaí, 1995.

COTRIM, Gilberto. **História e consciência do mundo**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Antropologia Filosófica Contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2012.

SOUZA, Herbert de e RODRIGUEZ, C. **Ética e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

_____. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

EFFENDI, Shoghi. **La meta de un nuevo orden mundial**. Buenos

Aires: Bahá'í, 1973.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O processo civilizador: a formação do Estado e civilização.** Vol. II. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRO, Emília. **Atualidade de Jean Piaget.** São Paulo: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FRIEDMAN, Thomas. **O mundo é plano.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: FGV. 1986.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Uma nova ciência e um novo senso comum.** Campina Grande: EDUEPB, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Razão comunicativa e emancipação.** Rio de Janeiro: 1989.

_____. **Conhecimento e interesse.** São Paulo: UNESP, 2014.

_____. **Verdade e justificação Ensaio filosófico.** São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **La ciência de la lógica.** Buenos Aires: Ediciones Solar SA y Librería Hachette SA, 1968.

_____. **Filosofia da história.** 2ª ed. Brasília: UnB, 2008.

HOFMAN, David. **Renascimento da Civilização.** São Paulo: Bahá'í, 2001.

JÍMENEZ, Jaime Eduardo Jaramillo. **Modernidad y posmodernidad en Latinoamérica.** Manizales, Col: Imprenta Departamental, 1995.

KING, Alexander. **The First Global Revolution.** New York: Pantheon Books, 1991.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARX, Karl. Otavio Ianni (org.). São Paulo: Ática, 1984.

_____. **Contribución a la Crítica de la Economía Política.** Medellín: Oveja Negra, 1968.

MARX, Karl & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Global, 1988.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

_____. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

PARDO, Nicolás Boris Esguerra. La Lectura de la obra intelectual de Pierre Bourdieu. In: **Revista Colombiana de Sociología.** Vol. VII.1.

Bogotá, Colombia: Ed. UNC, 2002.

_____. **Teoria Sociológica: Ensayos** (Comte, Durkheim, Sorel, Simmel, Merton, Bourdieu) Bogotá, Colômbia: Editora Universidad del Rosario, 2010.

PERORARO, Olinto. **Ética é justiça**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

_____. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2004.

POPPER, Karl Raymond. **Lógica das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

RAWLS, J. **A Theory of justice**. Cambridge: Mass, 1971.

RICHTA, R. **La civilización en la encrucijada**. México: Siglo XXI, 1977.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção de Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMPAIO, Inês Silvia Vitorino. **Habermas e o projeto das ciências sociais críticas**. Fortaleza: UFC/NEPS, 1994. (Série estudos e pesquisas n°27).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**.

Rio de Janeiro: Record, 2013.

SCHAEFER, Udo. **El dominio imperecedero**. Barcelona: Bahá, 1988.

TOMAZI, Nelson D. **Iniciação à Sociologia**. São Paulo: Atual, 1993.

WARE, Caroline. **Historia de la Humanidad**. El Siglo XX, Vol. 10-12. Barcelona: Planeta, 1982.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 19...?

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

_____. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez-Unicamp, 1992.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

_____. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1993.

ZEMAN, Zavis P. **Restructuring for the 21st Century**. In: Papers de prospectiva, N.6. Barcelona: Centre Catalá de Prospectiva, 1997.

15. A VIOLÊNCIA NA COLÔMBIA: instrumento de um processo contínuo de re-organização territorial⁴¹.

A violência nos países colonizados tem raízes profundas e, se quisermos, podemos chamar de ancestrais. Ela perpassa pelos ritos de sacrifício para agradar *as forças sobrenaturais*, pela morte ou escravidão dos grupos identificados como inimigos. Isto, sem dúvida, aconteceu nas grandes civilizações pré-colombianas dos Aztecas, Mayas e Incas. Porém, a violência atinge níveis de crueldade desconhecidos, para as comunidades aborígenes, na prática dos colonizadores hispânicos. É o caso de Hernán Cortéz na conquista da cidade do México, e de Francisco Pizarro na conquista do Peru, como bem o ilustra, Carlos Fuentes (2001) no capítulo segundo do livro: *O espelho enterrado*.

Contudo, não é esse o propósito deste artigo. Nele considero apenas alguns fatores mais recentes da violência que padece um considerável segmento da população colombiana desde a metade do século XX até hoje. Para começar, considero indispensável fazer um esclarecimento com relação ao fato de não mencionar neste texto dois protagonistas, no cenário da violência na Colômbia a partir dos anos 50: os grupos armados autodenominados “revolucionários” e os grupos paramilitares. Eles fazem parte de um complexo tecido de conflitos sociais; no primeiro caso como resposta à violência que era tolerada pelo estado, especialmente na zona cafeeira, nas décadas dos anos 40 e 50⁴² e, no segundo caso, porque os atuais grupos paramilitares podem

41. O rascunho inicial do presente texto foi revisado e atualizado no ano de 2011. A versão original, como se pode observar, considerando os termos utilizados, foi redigida entre 1972 e 1974

42. Os movimentos ou associações de autodefesa dos pequenos camponeses precederam o aparecimento de grupos armados sob influência do recém-criado Partido Comunista da Colômbia. Contudo, novas feições foram caracterizando

ser considerados uma versão pós-moderna, da violência praticada pelos **pistoleiros**⁴³. Assuntos controversos que fazem parte de um processo contínuo de reorganização territorial do país e sobre os quais, por princípio, não pretendo opinar.

Uma visão mais detalhada das formas de agir desses grupos pode ser encontrada no recente livro de Ingrid Betancourt: *Não há silêncio que não termine*: meus anos de cativo na selva colombiana. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Também pode ser consultado o livro de Jesús Izquierdo: *Meninos não choram*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. Outros clássicos sobre a temática: Daniel Pecauc: *Violencia y política en Colombia*. Bogotá: Hombre Nuevo, 2003; Jaime Eduardo Jaramillo y Fernando Cubides: *Coca, narcotráfico y guerrilla*. Bogotá: Universidad Nacional, 1980.

15.1. O contexto internacional na primeira metade do século XX.

O desenvolvimento capitalista na Colômbia inicia-se durante o século XX e é paralelo a dois grandes eventos no cenário internacional: a presença evidente dos Estados Unidos como potência mundial e a forte influência da Revolução Bolchevique da Rússia no movimento socialista latino-americano.

Em decorrência da constituição do capital monopolista, a burguesia financeira conquista a direção do estado nos países capitalistas

esses grupos quando estabeleceram articulações com os produtores e/ou traficantes da maconha e pasta de coca.

43. Na década dos anos 40 e 50 os pistoleiros organizados pelos grandes proprietários foram também conhecidos sob diversas denominações na linguagem popular: chulavitas, bandoleros, pájaros. Hoje, novos adjetivos lhe são atribuídos: os para, os sicários, matadores de aluguel, mercenários.

mais avançados. A seguir, os países capitalistas mais desenvolvidos procuram o controle ou, se for o caso, a ocupação de novos territórios.

Eles não se limitam à exportação de mercadorias, mas, também realizam investimentos diretos ou indiretos de capital nos países periféricos ou menos desenvolvidos. V.I. Lenine, (1961) na obra *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, assinala três características básicas da nova fase do capitalismo: controle das matérias primas, exportação de capitais e controle do mercado. Não resulta exagerado destacar que a esse tipo de dominação corresponde, de forma paralela, um tipo de controle político e cultural.

As matérias primas e os mercados dos países do chamado “terceiro mundo” são controlados pelos países mais desenvolvidos. Estamos perante uma nova fase do capitalismo internacional, resultado da concentração da produção e comercialização das mercadorias.

No plano cultural e político, essa nova burguesia monopolista comanda as posições mais conservadoras no cenário mundial, de forma semelhante como os senhores feudais comandavam as posições mais conservadoras durante a época da revolução burguesa. O capital monopolista, de uma parte, estimula uma forma de capitalismo dependente nos países periféricos e, de outra, obstaculiza o desenvolvimento pleno e autônomo nos países do chamado terceiro mundo.

Até a segunda metade do século XX, para muitos intelectuais latino-americanos, o proletariado constituía a nova classe revolucionária, por excelência. A classe operária e sua vanguarda, o partido político que a representava, constituíam os novos protagonistas da história da sociedade moderna. Para eles, o mundo todo caminhava em uma nova direção: o regime socialista. Esse novo período histórico tinha-se preparado a partir de 1848 e consolidado durante todo o século XIX.

Durante os séculos XIX e XX, o proletariado apresenta um

significativo desenvolvimento numérico e qualitativo. À rica experiência de suas lutas por melhores condições de trabalho somava-se o amadurecimento da teoria socialista que ofereceu o suporte para a organização dos partidos políticos dos trabalhadores.

Para os teóricos e as lideranças socialistas daquela época, esse período inaugura-se, definitivamente, com a vitória da Revolução Russa de 1917. Na sua visão otimista, a partir daquele momento, todas as revoluções políticas fariam parte da revolução socialista mundial.

15.2. O contexto nacional até o fim do século XX.

A seguir, descreverei, de forma sucinta, o cenário da República da Colômbia, nesse contexto mais amplo, observando as especificidades do desenvolvimento capitalista no país, e considerando, também, seus desdobramentos sociais e políticos.

No início do século XIX, a população da Grande Colômbia – incluindo os países da Venezuela e Equador – liderados por Simon Bolívar e Francisco de Paula Santander culminaram a luta pela libertação nacional do domínio espanhol. Contudo, aquelas frágeis repúblicas não conseguiram constituir estados nacionais fortes e unificados, como tinha acontecido em alguns países da Europa e nos Estados Unidos. Restava um cúmulo de requisitos de ordem político administrativo, de infraestrutura de comunicações, assim como a existência de um verdadeiro mercado nacional. O regime latifundiário continuava intocado e os grandes proprietários das diversas regiões que ainda tinham posse de escravos não compartilhavam com entusiasmo a nova situação que a república dever-ia exemplificar. A democratização da posse da terra não foi conquistada no século XIX. De outra parte, os compromissos financeiros com a Inglaterra e a perda progressiva da soberania perante o

avance imperialista dos Estados Unidos, junto às inúmeras guerras civis, travadas pelo controle do estado entre os setores liberais e conservadores, assolaram o país.

Em quais circunstâncias se incuba o capitalismo nacional? Durante grande parte do século XIX, a república da Colômbia, foi, a rigor, uma sociedade semifeudal e mercantil. No início do século XX, a sociedade colombiana desenvolveu duas condições básicas para o surgimento do capitalismo propriamente dito: liberdade na oferta de mão de obra e o que poderia ser chamado de um *mercado nacional*.

Durante as três primeiras décadas do século XX, realizam-se fortes investimentos na infraestrutura viária, geralmente, através de empréstimos aos países predominantes: a Inglaterra, França e os Estados Unidos. Simultaneamente, grandes companhias norte-americanas realizam investimentos diretos, tais como o da conhecida empresa United Fruit Company. Os investimentos na área de exploração e refinamento dos derivados do petróleo atraem também capitais internacionais.

Nas atividades de construção de estradas, ferrovias, portos e nas atividades das empresas bananeiras e do petróleo, o proletariado colombiano emerge vinculado ao capital monopolista. A indústria nacional inicia-se após criadas essas condições. Antes desse período, só existiam algumas manufaturas de produção de tecidos, cristal, sabão e cerveja em cidades como Medellín e Bogotá. A indústria nacional constitui-se, principalmente, como resultado dos investimentos procedentes da acumulação de capital derivado das exportações do café. Aparece, e consolida-se durante a primeira metade do século XX, a burguesia industrial colombiana ou burguesia nacional.

A burguesia financeira internacional, também chamada de *monopolista* por alguns autores, precisa de um intermediário entre a nação colonialista e a nação subordinada. Em resposta a essa

necessidade, um setor da burguesia dominante local constitui-se como burguesia intermediária ou burocrática. Esse setor da burguesia do país subordinado estabelece laços estreitos e fortes com o aparelho do estado, facilitando assim os acordos para a subscrição de empréstimos, seção de privilégios e apoio no fornecimento de condições de infraestrutura necessárias para garantir os lucros e o sucesso dos investimentos dos países dominantes.

A burguesia intermediária existe como condição indispensável da dominação *imperialista*. Identifica-se com ela e sustenta-se dessa relação de dominação.

No decorrer do século XX existem, na República da Colômbia, a grandes rasgos, as seguintes classes sociais e setores de classe: grandes proprietários da terra, pequenos proprietários, trabalhadores do campo, a grande burguesia comercial, a burguesia intermediária, a burguesia industrial, os pequenos e medianos empresários da cidade, o proletariado da indústria moderna em formação, os profissionais liberais, os funcionários da administração do estado e os funcionários especializados das grandes empresas no país.

O desenvolvimento do capitalismo modificou profundamente o país. A Colômbia avançou social e economicamente muito mais durante o século XX do que tinha avançado nos séculos anteriores. Vejamos a seguir alguns fatos:

1. Composição demográfica do país. Na metade do século XX, a população rural representava 80% da população total, entanto que em 1990 ela representava 36% da população total do país.

2. A partir de 1930 inicia-se o que pode ser chamada de indústria moderna na Colômbia. Produção de tecidos, cimento, energia elétrica, exploração do petróleo, agricultura irrigada, produção de açúcar em grandes complexos agroindustriais... A maioria dessas empresas

associadas a grandes capitais e utilizando técnicas modernas. Aparecem as grandes concentrações de operários.

3. O setor metal-mecânico, assim como a indústria petroquímica e eletrônica, são controladas pelo monopólio do capital externo, através da forma de empresas mistas, resultado da associação do capital internacional ao capital do estado. A burguesia intermediária coloca o capital estatal ao serviço dos monopólios multinacionais. ECOPETROL, Empresa Colombiana de Petróleo, é um modelo de grande indústria estatal associada ao capital das grandes corporações internacionais.

4. A Colômbia apresentava setores desiguais e diversos na sua formação econômica. Encontramos vestígios do que poderia ser chamado de formas semifeudais, algumas comunidades indígenas que permanecem com suas formas primitivas, ao lado de grandes complexos industriais como ECOPETROL, Monómeros da Colômbia, etc. No setor estatal, e nas grandes empresas particulares, tem-se desenvolvido técnicas avançadas de administração. Os governantes locais e os monopólios multinacionais precisam de uma maior racionalização do aparelho do estado e de um sistema de planejamento nacional.

5. A centralização na direção da economia de parte do estado é uma peça chave nesse processo modernizador. A partir de 1930 isto torna-se mais evidente. O poder Executivo vai concentrando os poderes que competem à gestão da economia. Essa mudança fica claramente explícita na Reforma Constitucional de 1968. O artigo 120 estabelece a *Emergência Econômica*. A Reforma Constitucional de 1968 tirou do Congresso da República todas as funções econômicas importantes: orçamento do estado, administração pública e o estabelecimento de planos econômicos. Todas essas funções foram entregues ao Presidente da República, pelo artigo 120. No mesmo artigo se estabelece que a

poupança interna poderia, também, ser regulamentada pelo executivo.

6. A partir de 1960 o governo da Colômbia forma expertos em planejamento nas universidades norte-americanas para atender as necessidades da economia nacional. Em 1957, com a eleição do presidente Alberto Lleras C., foram estabelecidos os planos econômicos quinquenais, respondendo a uma exigência dos Bancos Internacionais – BM, BID, BIRF.

O primeiro plano foi elaborado pelo Banco Mundial. Dessa forma, o setor público da economia serve aos interesses do capital monopolista de um lado e, de outro lado, cria uma base material e técnica para o desenvolvimento de uma nova ordem econômica e social no país.

7. Durante grande parte do século XX, a Colômbia continua sendo um país predominantemente agrícola. A participação da agricultura no PIB é substancial. Há um avanço considerável no campo. Os trabalhadores assalariados constituem a base dos grandes complexos agroindustriais da cana de açúcar, da soja e do algodão. O país tem criado um mercado interno significativo e um sistema de transportes e comunicações que liga o campo às cidades e as regiões entre si.

15.3. 1915-1930 A produtividade no campo: um assunto crucial.

Em 1915 os Estados Unidos representavam 70% do valor das exportações colombianas. Esse dado expressa claramente a situação da Colômbia no mercado internacional no começo do século XX. A exportação do principal produto da Colômbia, o café, chegava a 86 milhões de quilos por ano.

Nessa condição, a Colômbia é um país capitalista atrasado, com uma economia predominantemente agropecuária e mono-exportadora, considerando a divisão internacional do trabalho da época.

Dario Mesa, reconhecido cientista social colombiano, descrevia a Colômbia como um país pastoril, com meios de trabalho relativamente atrasados se, comparados ao desenvolvimento tecnológico mundial. As importações da Colômbia incluíam bens de consumo, máquinas e instrumentos de trabalho. A produção cafeeira constituía o eixo da economia nacional.

O desenvolvimento da café-cultura estimulou, por sua vez, o desenvolvimento da infraestrutura de comunicações, estradas e ferrovias. A partir de 1920, segundo o autor acima mencionado, se estabeleceram as primeiras condições para a constituição de um mercado interior. O surgimento dos empresários agrícolas cafeeiros e dos comerciantes, assim como o incremento da disponibilidade de mão de obra, foram elementos favoráveis ao desenvolvimento de um mercado nacional propriamente dito.

A maior parte dos historiadores concorda em assinalar esse período de 1920-1930 como fundamental para a consolidação do processo de desenvolvimento da economia capitalista industrial na Colômbia.

Vejamos alguns dados: entre 1925-1929, 80%, dos investimentos públicos foram direcionados para os serviços de transporte e obras públicas municipais. No total, as despesas chegaram a 200 milhões de dólares. É importante destacar que no ano de 1925, os investimentos externos no país atingem o valor de 230 milhões de dólares.

Em 1927 cria-se a Federación Nacional de Cafeteros. O país contava com uma infraestrutura de estradas e ferrovias, tinha consolidado um mercado nacional e um sistema político administrativo unificado. Contudo, o desenvolvimento do capitalismo nacional encontrava uma grande barreira pelo atraso geral da atividade agrícola, resultado da baixa produtividade e o alto grau de concentração da propriedade no campo.

A Lei 74, de 1926, expressa essa contradição entre o desenvolvimento do conjunto das forças produtivas do país e as relações de produção no campo. A referida Lei autorizava ao governo expropriar terras não laboradas e oferecia, ao mesmo tempo, 100.000 hectares de terra por ano para colonização.

15.4. 1930 – 1940: A burguesia nacional clama pela democratização da terra.

No período de 1930 a 1940 a burguesia nacional começa a expressar-se como uma força importante na economia e no cenário sociocultural da Colômbia. A indústria têxtil consolida-se como a primeira indústria nacional. Em 1931 promulga-se a Lei 2 sobre liberdade de ocupação (ofício). Nesse período, é preciso destacar a crise da bolsa de valores de Wall Street em 1929 que estimulou, nos países articulados à economia norte-americana, uma política de substituição de importações. Política que se tornou favorável ao desenvolvimento

de uma indústria nacional.

De 1930 para 1940 apresenta-se um crescimento significativo da indústria nacional. Expressão desse crescimento constitui o processo de migração para as cidades. Parte da população camponesa vai para as cidades como mão de obra das novas empresas. De 1918 para 1938 o percentual de crescimento da população total do país foi de 2.0%. O crescimento urbano atingiu 5.9%, enquanto o campo só alcançou um modesto 0.8%.

De 1934 para 1938 a produção de cimento cresceu em 400%, a produção de açúcar 200% e o setor de geração de energia elétrica 400%. A média de investimento total anual foi de 13.1% entre 1935-1939. A agricultura recebeu, no mesmo período, apenas 4%. Como se pode inferir desses dados, a agricultura ficou atrás nesse processo de desenvolvimento. De 1934 para 1944 a produção agrícola cresceu na mesma proporção da população. No campo, ainda predominava o latifúndio e a pequena propriedade. De forma marginal, outras formas de exploração da terra faziam presença: os meeiros, arrendatários e os trabalhadores temporários.

Nesse cenário, chega a burguesia nacional ao poder executivo, sendo representada pelo doutor Alfonso López Pumarejo. Ele pretendia derrubar a *economia colonial*. Assim falou na Convenção do Partido Liberal de 1935: “é preciso transformar os modos de produção atuais”. O presidente López Pumarejo promulga a Lei 200 de 1936. Essa Lei procurava estabelecer uma articulação harmônica entre o desenvolvimento industrial e o desenvolvimento agrícola. Até então, tanto o campo como a indústria dependiam de matérias primas e maquinaria importadas.

Procurava-se criar bem-estar no campo, isto é, melhorar a produtividade agrícola, aumentando, em consequência, sua capacidade de consumo em benefício da Indústria Nacional e, por sua vez, criar

as condições para que os custos dos produtos agrícolas fossem mais favoráveis à demanda nas cidades. O campo, dessa forma, forneceria alimentos e matérias primas a preços mais baixos e, ao mesmo tempo, aumentaria sua capacidade de compra de insumos e instrumentos de trabalho produzidos nas cidades.

O texto da Lei 200, de 1936, expressa no artigo 1º “La posesión se entiende como la explotación económica del suelo. El cercamiento y la construcción de edificios, no constituyen por sí solos prueba de explotación económica...”

No artigo seguinte acrescenta: “Los terrenos que no sean poseídos por particulares em estas condiciones se consideran baldios”.

Porém, os grandes proprietários conseguem modificar, no Congresso da República, alguns aspectos da citada Lei, ao tempo que ocupam suas fazendas com gado para justificar a “*explotación económica*” Com relação à adjudicação de terrenos, os dados do Anuário Estadístico General mostram que a partir de 1936 não se apresentam mudanças importantes na adjudicação de terrenos baldios. Vejamos a tabela 1:

Tabela 1: República da Colômbia - Adjudicação de terrenos baldios 1935-1940.

Ano	Hectares	Adjudicatários
1935	41.198	634
1936	23.306	1.053
1937	16.306	433
1938	26.928	868
1939	34.212	798
1940	26.455	606

Fonte: TOBÓN, Alonso. La tierra y la reforma agraria en Colombia. Bogotá: Oveja Negra, 1972.

Como foi dito anteriormente, a citada Lei não representou uma mudança significativa na estrutura agrária da Colômbia. Em definitiva, ela termina estimulando os grandes proprietários para realizar alguns investimentos em suas fazendas. Esse processo poderia ser considerado semelhante à capitalização do campo no estilo *Junker*” nos termos do teórico alemão, do começo do século XX, Karl Kaustky na obra *A questão agrária*.

15.5. 1945-1960: A capitalização violenta.

O assassinato do dirigente popular Jorge Eliécer GAITÁN no dia 09 de abril de 1948, levou ao país a uma situação pré-insurrecional. O protesto popular explodiu em todos os cantos da nação. Na cidade de Barrancabermeja, Departamento de Santander, constituiu-se uma Junta Popular dirigida pelos operários das plantas de refinação do petróleo. No cenário internacional, o Japão, último baluarte do eixo comandado por Adolfo Hitler, assinava sua rendição.

A historiografia oficial apresenta a violência desenvolvida de 1945 a 1960, na Colômbia, como uma absurda luta entre cidadãos liberais e conservadores. Faz-se necessário estabelecer as principais causas do problema. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que, apesar da Lei 200/36 a questão agrária continuava sem uma solução apropriada. A tão procurada capitalização do campo de parte da burguesia industrial foi obstaculizada pelos interesses dos grandes proprietários das terras ou latifundiários.

Em segundo lugar, com a deflagração da II Guerra Mundial os preços do café no mercado internacional atingiram um significativo aumento – Ver tabela 2.

Tabela 2: República da Colômbia - Índices de exportação de café 1925-1953.

Anos	Quantidade	Valor em milhões de US
1925-1929	100	100
1930-1939	125	132
1940-1944	178	166
1945-1949	221	232
1949-1953	213	464

Fonte: TOBÓN, Alonso. *La tierra y la reforma agraria en Colombia*. Bogotá: Oveja Negra, 1972.

Como consequência dos novos preços internacionais do café, o capital comercial teve uma taxa de crescimento notável, ao tempo que as terras dedicadas à lavoura do café atingiam rápida e expressiva valorização. Segundo Tobón (1972), os grupos que detinham essa extraordinária acumulação do capital comercial, encontram a indústria nacional altamente concentrada e um mercado nacional saturado. Nos dados do Censo Industrial de 1945 pode-se observar que 1.7% das empresas controlavam 47.1% do valor da produção industrial.

O capital comercial procura, então, o campo como setor de investimento. Os grandes produtores e comerciantes do café encontram nessa alternativa um ponto de acordo. Eles com apoio velado das autoridades locais assumem a responsabilidade de *limpar as melhores terras dos pequenos e médios produtores de café*. É por esta razão que a violência se desenvolve, principalmente, na Zona Andina, -ver figura 01- onde a produção do café é substancial. Essa política perversa resolve de uma só vez a capitalização de um importante setor da região agrícola e estimula o crescimento do mercado interior.

Para Tobón (1972) o principal instrumento legal utilizado foi o crédito bancário, observe-se:

Tabela 3: República da Colômbia - Valor dos créditos bancários 1946-1950.

Ano	Valor em milhões de pesos	Índice de incremento
1946	634,4	100
1949	955,8	150
1950	1.277,0	201

Fonte: TOBÓN. Alonso. *La tierra y La reforma agraria en Colombia*. Bogotá: Oveja Negra, 1972

Segundo o mesmo autor, do total do crédito, 53.2% em 1946 e 54.5% em 1950 foi destinado às transações comerciais e, que só o 14% em 1946 e o 27% em 1950 foi dedicado à indústria. Daí pode-se concluir o estilo de expropriação que sofreram os pequenos e medianos proprietários das zonas cafeeiras da Colômbia nesse período. A forma de articular essa política de expropriação é aparentemente simples: quadrilhas de pistoleiros contratados pelos grandes comerciantes e latifundiários pressionavam os camponeses a abandonarem suas terras. As terras eram ocupadas ou compradas a baixos preços. Os dados da Caja Agrária -Banco de crédito agrário na Colômbia- mostram como no período de 1945 a 1955 o acréscimo de carteira chegou a mais de 1000% - de 42 milhões de pesos passou a 435 milhões.

Esses dados permitem assinalar que a famosa violência na Colômbia foi resultado da guerra dos grandes proprietários e da grande burguesia comercial contra os camponeses pobres e os medianos produtores do país.

O conhecido sociólogo colombiano, Germán Guzmán, em seu livro *La violencia em Colombia*, destaca como exemplo, o Departamento del Tolima (Ver figura 01): mapa físico e político da Colômbia- onde foram abandonadas 34.730 propriedades pela força da coação política e militar. O mesmo autor ilustra um caso concreto:

Reclamação Nº. 67. Subscrita pela senhora Ana Cleotilde de Bejarano. Municipio de Ubalá. Finca

rural. Extensão 40 hectares. Valor comercial da propriedade: \$ 40.000,00 pesos. Causa: venda forçada por motivos de violência. Valor de venda: \$ 2.000.00 pesos. Solicita re-ajuste do preço de venda.

FIGURA 01:

Mapa físico político da República da Colômbia. A lavoura do café ocupa áreas das três cordilheiras, nas quais se desenvolve a violência contra os pequenos proprietários a partir dos anos 40.



Fonte: //http.www.google.com.br/googlemaps

15.6. 1961-1980 A nova política do Estado.

O cenário político e social latino-americano é perturbado pelo fato inédito da tomada do poder político, em 1959, na maior ilha caribenha por um pequeno grupo de guerrilheiros comandados por Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara. Milhares de jovens latino-americanos foram tocados pelos fatos e imagens veiculados na mídia. Os principais protagonistas tornaram-se figuras míticas que percorreram o continente.

O governo norte-americano acompanhava com receio as primeiras medidas do novo governo e julgou que o continente latino-americano estava em *jogo*. Uma nova política, preventiva, denominada *Aliança para o progresso* foi desenhada.

As novas orientações para os governos dos países da América Latina exigiam uma maior modernização do aparelho do estado ao nível militar e administrativo. Também foram recomendadas reformas no sistema educacional, nas políticas econômicas e, particularmente, no relacionado com a questão agrária. Essas reformas visavam aperfeiçoar a máquina do estado e amenizar os antagonismos nas zonas rurais.

Nessa perspectiva, podemos lembrar o *Plano ATCON*, reforma que atinge o sistema educacional, assim como novas políticas fiscais e monetárias. As mudanças constitucionais promoviam uma maior centralização do poder, através do executivo, as reformas nas leis trabalhistas e, logicamente, a *reforma agrária* em acordo com os interesses dominantes e a nova situação internacional.

Nesse quadro geral, define-se a Reforma Agrária de 1961. Ela constitui, na visão de vários analistas colombianos, entre eles, Antonio García, Mario Arrubla, e Alonso Tobón, uma política de continuidade da via latifundiária de capitalização no campo. Essa característica é confirmada ao observar que a principal atividade desenvolvida pelo

Instituto de la Reforma Agrária, INCORA, foi a de colonização ou ampliação da fronteira agrícola. Foram tituladas um total de 4 milhões de hectares em 14 anos -de 1963 a 1977- e delas, apenas 200 mil pela intervenção em grandes propriedades.

Um dos objetivos da nova política agrária foi *localizar ou acomodar*; aqueles que tinham sido expropriados pela violência nas décadas dos anos 50 e 60 em novas regiões de colonização, enquanto ofereciam-se estímulos aos latifundiários para capitalizar suas grandes propriedades.

15.7. A criação do ICA, o INCORA e o Departamento de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia.

O Departamento de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia, criado em 1961, foi o primeiro curso de sociologia constituído formalmente no país. Antes dessa data, a sociologia representava, apenas, uma inquietação acadêmica nos programas dos cursos de Economia e Direito. Por que isso aconteceu?

Em primeiro lugar, a nação colombiana depois de terminada a II Guerra Mundial e como resultado do período de *violência* iniciado nos anos 40, experimentava um processo acelerado de desenvolvimento capitalista no campo e na cidade.

Os altos preços do café no mercado internacional, a política de substituição de importações durante a II Guerra, assim com o desenvolvimento de uma infraestrutura de comunicações e de um mercado nacional, permitiram a consolidação de uma burguesia nacional propriamente dita.

As lutas populares; a luta pela terra e a luta por melhores salários, por melhores condições de trabalho e pelo direito de organização dos

trabalhadores; os problemas derivados pela migração dos pequenos camponeses expulsos de suas terras, o desemprego e a falta de serviços públicos nas grandes cidades do país, reclamavam uma reflexão mais sistemática sobre a sociedade colombiana.

O governo norte-americano impôs mudanças significativas aos governos latino-americanos, expressadas nas novas leis de reforma agrária e reformas no aparelho do estado, tais como reformas fiscais, administrativas e educacionais. Os bancos internacionais -BID, BIRF e Banco Mundial- condicionavam seus empréstimos à aprovação de novas leis de reforma agrária nos países da América do Sul.

Na Colômbia, junto à aprovação da reforma agrária pela Lei 135 de 1961, cria-se o Instituto Colombiano de Agricultura, ICA, em 1963, e o Instituto Colombiano para a Reforma Agrária, INCORA, em 1964. A criação do Departamento de Sociologia da Universidade Nacional tinha como objetivo treinar profissionais para desempenhar novas funções dentro das instituições do setor agropecuário, recentemente criadas. Eles seriam os agentes sociais do governo no campo.

É assim que os primeiros estudantes do curso de sociologia na Colômbia graduaram-se como *Técnicos e Promotores em Desenvolvimento Social*. O Curso de Sociologia da Universidade Nacional foi constituído, inicialmente, com recursos da Fundação Ford. Os textos de estudo, os professores e o programa do curso estabelecido foram o resultado de um acordo entre os interesses do governo colombiano e a fundação norte-americana. Na época, a sociologia norte-americana chegava com o *status* de objetividade científica. A sociologia empírica produzida nos Estados Unidos considerava toda a herança do pensamento social colombiano anterior como uma simples atividade especulativa ou,

filosofia social. A *nova ciência* tornou-se ídolo. Junto ao Departamento de Sociologia, a Universidade de Wisconsin, estabeleceu um centro de pesquisas, na versão colombiana do famoso projeto CAMELOT.

Após de alguns anos de funcionamento, o curso de sociologia é questionado radicalmente. Esse questionamento é resultado do desenvolvimento de um pensamento social crítico, representado pelos sociólogos formados na Europa, e da presença de um novo movimento estudantil nacionalista e democrático. Criaram-se as condições para contestar a orientação do curso de sociologia prevalente. É assim que, em 1968, um grupo de professores apresentou o texto *Neo-colonialismo y sociologia en Colombia: un intento de respuesta*, no IX Congresso latino-americano de Sociologia, realizado na cidade do México. Esse trabalho analisa as condições de dominação econômica, política e cultural da nação colombiana e a crise social do país mostrando como o programa de estudos do Departamento de Sociologia representa, de forma incontestável, uma articulação cultural da política neocolonial dos Estados Unidos.

Assinala-se nesse documento que o perfil dos sociólogos formados pela universidade correspondia ao de simples técnicos de desenvolvimento ou auxiliares da pesquisa que outros analistas controlaram.

Reivindica-se, então, a necessidade de promover uma sociologia científica, que incorpore a teoria social clássica e contemporânea, indo além do limitado empirismo da sociologia norte-americana; a necessidade de decidir sobre os temas de pesquisa e o controle dos resultados, de acordo com os interesses da nação colombiana. A palavra

de ordem era: por uma sociologia nacional, científica e política. A Fundação Ford e o centro de pesquisas controlado pela Universidade de Wisconsin foram, gentilmente, convidados a abandonar os prédios da Universidade. Com esses novos critérios acima colocados, novos objetivos e uma grade curricular em acordo com a nova direção o Departamento de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia reiniciou suas atividades a partir de 1969. Corresponde às novas gerações de cientistas sociais e ao povo colombiano avaliar os resultados dessa importante mudança de rumo.

15.8. Fundaec: uma visão alternativa do desenvolvimento local.

Uma das experiências mais significativas no contexto educacional nas zonas rurais da Colômbia é iniciada, nos anos setenta-pela Fundação para o aprendizado e ensino das ciências, Fundaec, no município de Puerto Tejada, Colômbia – Ver figura 02.

FIGURA 02:

Centro Universitário de Bem-estar Rural, Puerto Tejada, Colombia. Um projeto de FUNDAEC



Fonte: www.fundaec.org.co

A experiência dos criadores da FUNDAEC levou em consideração a *participação* como elemento fundamental do desenvolvimento

humano. Para que uma verdadeira participação fosse possível, tornou-se necessária a *capacitação* dos recursos humanos.

Desenvolveu-se, então, o sistema de aprendizado tutorial, SAT, em acordo com a realidade dos jovens camponeses da região. Outro elemento central, na participação, é a *organização* da comunidade em diversos grupos de interesses para consolidar e efetivar, através da consulta, o desenvolvimento familiar e comunitário fortalecendo, em seu conjunto, à economia local. Um dos projetos mais destacados dessa valiosa experiência foi a implementação do Centro Universitario de Bienestar Rural, CUBR. Hoje, o SAT da Fundaec e, sua Universidade Rural, tem alcançado um grande reconhecimento nacional e internacional. Sem dúvida nenhuma, iniciativas educacionais de ONGs, como é o caso exemplar da Fundaec, contribuem ao desenvolvimento social, tecnológico e democrático da nação colombiana.

15.9. O narcotráfico: um novo fator de violência na Colômbia.

Uma longa e tortuosa história precede a consolidação dos cartéis do narcotráfico na Colômbia. Cabe destacar, como o fazem alguns autores, entre eles Castells (2000, p. 224); Jaramillo J. E. e Cubides F. (1980) a situação geoestratégica do país, a tradição do uso cotidiano da folha de coca em algumas comunidades indígenas e a existência dum importante segmento da população que tinha-se consolidado empresarialmente, através das atividades ligadas, principalmente, à produção e comercialização de produtos da indústria têxtil, açucareira

e mineração do país e outras atividades do sector secundário, tais como: peças e máquinas, produção de calçado e roupas – por exemplo – mas que sofrem uma profunda crise resultado da abertura econômica imposta em acordo com interesses das grandes corporações na década dos anos 70.

Segundo Castells (2000, p. 227-231): “O crescimento extraordinário da indústria do tráfico de drogas desde a década de 70 tem transformado a economia e a política na América Latina.” O mencionado autor, destaca cinco características da indústria do narcotráfico:

1. Ela está orientada à demanda e à exportação. Seu mercado original e também o mais importante, continua sendo os Estados Unidos.

2. A indústria é totalmente internacionalizada, com uma divisão bastante rigorosa da mão de obra entre os diferentes locais do processo produtivo.

3. O componente essencial de toda a indústria da droga é o sistema de lavagem de dinheiro.

4. O cumprimento de todo o conjunto de transações é assegurado por meio do uso de violência em um nível extraordinário.

5. A indústria da droga precisa da corrupção e da penetração em seu meio institucional para poder funcionar, em todas as etapas do sistema.

Nas palavras de Castells (2000, p. 233 e 237), *não resta dúvida de que a economia do crime representa um segmento considerável, e dos mais dinâmicos, das economias latino-americanas deste fim de milênio. A seguir, ilustra:*

Os narcotraficantes colombianos apropriaram-se de uma parcela significativa dos lucros da indústria, mesmo se consideramos que a maior parte desse dinheiro foi reciclada nos mercados financeiros globais.... Contudo houve, desde meados dos anos 80, um boom do setor da construção civil, incorporação imobiliária e investimentos na Colômbia. Apesar da devastação causada pelo terrorismo dos grupos ligados ao narcotráfico.... em 1995, o crescimento do PIB anual da área metropolitana de Bogotá foi de cerca de 12%.

Porque a Colômbia? Pergunta-se Castells. Baseado em importantes estudos realizados no país, tais como o de Jaramillo e Cubides, intitulado *Coca, narcotráfico y guerrilla*, ele responde:

Porque houve uma combinação singular entre redes latentes de tráfico de drogas que estabeleceram ligação com -os traficantes- dos Estados Unidos, uma classe empreendedora marginalizada pelo – relativo – fracasso da industrialização... e o sólido enraizamento dos contrabandistas escolarizados... nas culturas e sociedades locais... Além disso, os traficantes de droga colombianos aproveitaram-se da eterna crise de legitimidade e controle do Estado colombiano. A Colômbia é o único Estado da América Latina, mesmo que neste fim de milênio, áreas consideráveis do país fugiam ao controle do governo.

Essa presença pode ser visualizada no mapa apresentado na Figura 03, que expõe as zonas de lavoura de coca, nas quais os grupos guerrilheiros e os paramilitares tiveram presença significativa.

FIGURA 03:

No mapa podem-se localizar as zonas de lavoura de coca nas quais os grupos guerrilheiros e os paramilitares tiveram presença significativa.



General Coca Cultivation Areas in Colombia

Fonte: www.google.com.br/googlemaps

15.10. Umas palavras para encerrar

O problema da violência na Colômbia é em extremo complexo

para pretender sua compreensão cabal, no entanto, podemos entendê-la numa perspectiva analítica que passa a considerá-la como instrumento principal, até hoje, de um processo contínuo de reorganização territorial no país. Ela nos obriga a colocar um leque amplo de fatores históricos, sociais, econômicos, jurídicos e éticos. Em conseqüência, as alternativas que orientarão os caminhos da paz devem considerar, também, a complexidade implícita nela, evitando reduzir a solução a alguns assuntos pontuais, como bem afirma a Mensagem da Casa Universal de Justiça: *A promessa da paz mundial* (1985). Faz-se necessário levar o problema ao nível de princípios, muito além da consideração dos meios técnicos e jurídicos. Aspectos fundamentais relacionados com a eliminação dos extremos de riqueza e pobreza, aplicação de políticas sociais que estimulem as capacidades dos cidadãos, assim como diversos e sistemáticos programas de educação para a paz devem ser promovidos. Nesse aspecto, a educação tem um papel fundamental. Uma educação que destaque valores como a justiça, a eliminação de preconceitos, a aceitação da diversidade, a consulta e a solidariedade.

Referências

ALMANAQUE ABRIL. *O Mundo*. São Paulo: Abril, 2006.

ARBAB, Farzam, *Universidad Rural: aprendizaje sobre educación y desarrollo*. Ottawa: CIID, 1985.

ARENAS, Pedro Arturo Rojas. *Notas para el estudio de la sociedad rural colombiana*. Mimeo. Bogotá, D.C. Instituto Nacional de Salud, INS, 1972.

ARRUBLA, Mario. *Ensayos sobre el desarrollo capitalista en Colombia*. Bogotá: Oveja Negra.1975.

ARTETA, Luis Eduardo Nieto. **História Económica de Colombia**. Bogotá: Oveja Negra, 1972.

ATLAS AMÉRICA DO SUL, **National Geographic**. São Paulo: Abril, 2008.

BETANCOURT, Ingrid. **Não silêncio que não termine**: meus anos de cativo na selva Colombiana. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BORDA, Orlando Fals. **La subversión en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1970.

CASA UNIVERSAL DE JUSTIÇA. **A promessa da paz mundial**. Rio de Janeiro: Bahá'í, 1985.

CASTELLS. Manuel. **Fim de Milénio**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CENTRO MUNDIAL BAHAI. **Século de Luz**, Mogi Mirim, SP: 2002.

CEPAL. **Desarrollo Económico de Colombia**. Santiago de Chile, 1955.

DE CASTRO, Josué. **Una zona explosiva en América Latina: el nordeste brasileiro**. Bogotá: Grijalbo, 1965.

DOS SANTOS. Theotonio. **El nuevo carácter de la dependência**. IN: Revista Pensamiento Crítico, no. 45. La Habana, Cuba, 1970.

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. México: FCE, 1971.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado**. Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2001

FURTADO, Celso. **La economía latino-americana desde la conquista ibérica hasta a revolución cubana**. Santiago de Chile: Universitaria, 1969.

GARCIA, Antonio. **El problema agrario en América Latina**. Bogotá: Ed. Universidad Nacional, 1968.

GUZMAN, German. **La violência en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1968.

JÍMENEZ, Jaime Eduardo Jaramillo e CUBIDES, Fernando. **Coca, narcotráfico e guerrilla**. Bogotá: Ed. Universidad Nacional, 1980.

KALMANOVITZ, Salomón. **La cuestión agrária en Colombia**. Bogotá: DANE, 1975.

KAUTSKY, Karl. **La cuestión agrária**. Bogotá: Tercer Mundo, 1970.

LENIN, Vladimir Ilich. **Imperialismo, fase superior del capitalismo**. Pekín: Ed. Lenguas Extranjeras, 1969.

MESA, Dario. Et all. **Neocolonialismo e sociologia en Colombia: un intento de respuesta**. Bogotá: Mimeo. Universidad Nacional, 1969.

MORA, Carlos Alberto Et all. **Historia de Colombia**. Bogotá: Norma, 1977.

PECAULT, Daniel. **Violencia y política en Colombia**. Bogotá: Hombre Nuevo, 2003.

TOBÓN. Alonso. **La tierra y la reforma agrária en Colombia**. Bogotá: Oveja Negra, 1972.

VIANA, Manuela Trindade. **Cooperação internacional e deslocamento interno na Colômbia**. São Paulo: **Revista Sur**, julho 2009. Disponível em < www.google.com.br/googlemaps>. Acesso em 17/01/2019.

16. Pedagogia e didática: a construção de uma arte⁴⁴.

Porque repensar a didática no ensino superior? Porque repensar o mundo, e as nossas práticas nele, faz parte do processo evolutivo ascendente da humanidade e constitui o ponto de partida, por excelência, para atingir mudanças significativas no nível das representações e das práticas sociais decorrentes. Por isto: “Repensar o mundo é mudar o mundo” Esta afirmação categórica pode ser questionada por alguns colegas céticos. Porém, como afirma Said (2007): *Não se trata, absolutamente, de ser otimista: antes, de manter a fé no processo em curso, literalmente infinito, de emancipação e esclarecimento que, em minha opinião, dá razão e sentido à vocação intelectual.*

O texto a seguir foi apresentado no *I Seminário sobre ensino de sociologia*, realizado no dia 03 de outubro de 2007, como parte importante das atividades do Departamento de Ciências Sociais e Política, durante o XIV Encontro de Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, na Biblioteca Pública Municipal Ney Pontes Duarte. O texto é um convite à reflexão para os colegas que expressam um sincero interesse em melhorar seu desempenho profissional em sala de aula. Eles, certamente, devem conhecer o inspirador texto “*Dez mandamentos para os professores*” do matemático húngaro George Pólya (1984) e também devem compartilhar plenamente a seguinte máxima de Paulo Freire (1996, p. 63): “Ensinar não é transferir conhecimento”

16.1. O contexto, a gênese do discurso e os interlocutores.

As ideias apresentadas neste texto foram organizadas pela

44. Texto Publicado –como capítulo- na Série: Diálogos Intempestivos No. 96 da Faculdade de Educação da UFC em 2011.

primeira vez no mês de setembro de 1997 em forma de um artigo com o título *Excelência no ensino superior*. A intenção foi honrar o dia do professor. Na época, lecionava a disciplina Sociologia da Saúde para o Curso de Enfermagem da Universidade Vale do Acaraú, UVA, CE. O artigo foi publicado no Informativo da UERN no ano de 2004. Posteriormente, passou a ser parte de uma coletânea de vários tópicos sociais contemporâneos que, em forma de livro, foi publicado pela Coleção Mossoroense, da Fundação Vingt-un Rosado, em memória da minha amada filha Laura Patrícia Rojas Gutiérrez, em julho de 2005.

Para iniciar, devo fazer um justo reconhecimento aos principais autores e interlocutores que tornaram possível a elaboração sistemática e consistente de uma visão do ensino das sociologias especiais.

Mencionarei, em primeiro lugar, um dos maiores educadores brasileiros: Paulo Freire. Ele foi, em verdade, o meu primeiro amigo neste querido país através da instigante leitura de seu livro: “*Educação como prática da liberdade*.” A ele devo essa seminal idéia que entende o processo educativo como “*um diálogo dos homens mediado pelo mundo*.” Freire (1968, p.72). Esse diálogo deve gerar a consciência crítica necessária para que os homens possam participar, como sujeitos, da árdua e fascinante caminhada da emancipação humana. Em segundo lugar, sou imensamente grato a Jacob Bronowski, físico polaco de origem judeu, de quem conheci inicialmente uma versão audiovisual do Capítulo 11 de sua obra: “*A escalada do homem*”. Deste autor, tomei emprestada a sua perspectiva metodológica sobre o fazer científico que ele chama: “*o método do artista*” (BRONOWSKI, 1992, p 172).

Para Bronowski, as descobertas da física contemporânea levam a estabelecer que o conhecimento total da realidade objetiva é inatingível. O cientista deve conformar-se com a evidência que todo conhecimento é relativo e contextual. O cientista, portanto, utiliza o método do artista.

Método que se caracteriza como uma sequência de aproximações na representação da realidade. Esta idéia genial e inspiradora embasa de forma particular a minha prática docente. O processo de aprendizagem aparece como uma seqüência de aproximações sobre os assuntos ou temas de estudo numa disciplina determinada.

A continuação mencionarei os autores: Jacques Delors (2003) e seu famoso relatório: *A educação: um tesouro a descobrir*; onde ele torna particularmente clara a matriz educacional sobre a base de quatro competências fundamentais: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Edgar Morin (2001) e seu livro: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, que ilumina a reflexão sobre as limitações do saber no título: as cegueiras do conhecimento e aprofunda os diversos aspectos da condição humana na sociedade contemporânea, particularmente sua idéia sobre a consciência planetária.

O meu reconhecimento, também, para: Jean Piaget (1980), Ruben Alves (1995) e Celso dos Santos Vasconcellos (1995). Piaget nos orienta na compreensão do processo de desenvolvimento emocional e cognitivo do ser humano. Ruben Alves, sem dúvida nenhuma, destaca o caráter lúdico do aprendizado e Celso Vasconcellos leva, de forma original, a teoria construtivista para a sala de aula.

Finalmente, quero mencionar uma pessoa e uma instituição que foram importantes, na consolidação dessa nova prática didática que venho apreendendo nestes anos. O prezado e inesquecível sociólogo colombiano, Oscar David Perico, quem teve a generosidade de compartilhar comigo grande parte de seus recursos didáticos e de animar-me para assumir novos desafios temáticos no ensino superior.

Também, devo destacar a participação enriquecedora no projeto “Educação para o desenvolvimento” da Fundación para la aplicación y enseñanza de las ciencias, FUNDAEC, na zona norte do Departamento del

Cauca, Colômbia em 1986. Ali, tive o privilégio de conhecer o sistema de aprendizado tutorial, SAT, que representa uma verdadeira revolução sociocultural e educacional nas zonas rurais desse amado país.

16.2. Definição de termos: didática, pedagogia e sala de aula

O conceito **didático** vem do grego *didaktiké téchne* e está relacionado com a “*arte ou técnica de ensinar*”. É definida também como um “*procedimento pelo qual o mundo da experiência e da cultura é transmitido pelo educador ao educando...*” ou “*conjunto de técnicas relativos à transmissão do conhecimento*” (LAROUSSE CULTURAL, 1992).

Já o termo pedagogia, do grego *paidagogia*, é traduzida como “*ciência da educação*”. Constituindo o conjunto dos métodos utilizados para educar as crianças e os adolescentes. A pedagogia é definida, também, como “*a prática educativa em um domínio determinado do saber*” (LAROUSSE CULTURAL, 1992).

Contudo, é importante ressaltar que didática e pedagogia são dois aspectos interdependentes no processo educacional. Por isto, podemos afirmar que não existe pedagogia sem didática. Elas estão presentes nos diversos processos educacionais, sejam formais ou não.

O conceito sala de aula pode ser definido em várias perspectivas ou dimensões: “*como um espaço determinado onde se exerce a dominação cultural*”, isto é: a socialização e reprodução dos saberes desenvolvidos na sociedade da qual -docentes e discentes- fazem parte. Mas, também, a sala de aula pode ser definida como “*um espaço de troca e recriação de saberes*”, no sentido dado por Paulo Freire, através do diálogo. Por último, a sala de aula pode ser entendida como um espaço para

a promoção dos talentos e capacidades humanas, expressado nestas inspiradoras palavras: “*Considerai o ser humano como uma mina rica em jóias de inestimável valor, a educação, tão somente, pode fazê-la revelar seus tesouros e habilitar a humanidade a tirar dela algum benefício*”.⁴⁵

16.3. Repensar a didática num sistema de relações.

Da mesma forma que a didática não pode ser pensada sem uma pedagogia, não existe uma pedagogia independente de uma visão do ser humano e dum projeto societário. Repensar a didática num sistema de relações pressupõe, em primeira instância, considerá-la em função de dois aspectos centrais: a) o assunto a ser abordado e b) as competências que se pretendem promover no processo educativo ou de ensino-aprendizagem.

Sobre o primeiro aspecto cabe destacar que o objeto de estudo e/ou reflexão colocado na sala de aula condiciona os meios técnicos ou didáticos. No que diz respeito ao segundo aspecto, no mundo contemporâneo, uma formação profissional de qualidade deve considerar pelo menos quatro níveis de competências essenciais:

1. O nível racional, conceitual e científico
2. O nível operacional, experimental e técnico
3. O nível emocional, ético e estético
4. O nível administrativo, de gestão e consulta

Os dois primeiros níveis fazem referência à dimensão teórica e prática no processo de construção e reconstrução do conhecimento, quer dizer, ao domínio dos elementos conceituais dos sistemas científicos

45. Seleção dos Escritos de Bahá u lláh. Mogi Mirim, SP: Editora Baháí, 1980.

e à capacidade de operacionalização desses conhecimentos teóricos em práticas eficazes no campo experimental. Não basta ter conhecimento teórico sobre os diversos processos da vida natural e da sociedade. É preciso conhecer técnicas, procedimentos e desenvolver destrezas visando a intervenção, transformação ou, simplesmente, seu aperfeiçoamento.

O nível das competências operacionais compreende também o domínio dos processos e técnicas de pesquisa em cada área particular das diferentes disciplinas científicas. Aliás, esta convergência criadora da teoria e da prática -através da pesquisa, constituem-se no patamar do verdadeiro desenvolvimento tecnológico das nações e das comunidades.

O nível ético faz referência ao desenvolvimento de valores humanos que garantem a integridade profissional, tais como: veracidade, confiabilidade, imparcialidade, equidade, cortesia, sacrifício, amor e serviço à humanidade, a busca da excelência no trabalho e a eliminação de qualquer preconceito de raça, nacionalidade, sexo, crença religiosa ou idéias políticas. Por sua vez, o nível administrativo, de gestão e consulta, busca promover o trabalho interdisciplinar e em grupo, desenvolver a capacidade de considerar os diversos problemas científicos num olhar holístico e treinar os futuros profissionais na tomada de decisões através da consulta.

Já que toda pedagogia pressupõe uma visão do homem e um projeto societário, qual é a visão de ser humano que deve orientar o processo educacional? Sobre tão complexo assunto, quatro reconhecidos autores fornecem importantes subsídios para iniciar uma reflexão sempre inacabada. No pensamento de Paulo Freire (1968, p.93) o ser humano “*é um ser inconcluso consciente de sua inconclusão e com vocação ontológica de ser mais*”... Paulo Freire acrescenta: “*o ser humano é, por excelência, um ser da ação e da reflexão*” No pensamento de Morin, o ser humano é uma síntese complexa de múltiplas uni-dualidades: homo

faber / homo luddens, homo sapiens / homo demens... O conceito de unidualidade utilizado por Morin se expressa claramente na afirmação de que o ser humano é, ao mesmo tempo, plenamente biológico e plenamente cultural.

Uma resposta mais abrangente podemos encontrar nas seguintes palavras de Bahá u lláh (1988): “*O propósito fundamental da vida do ser humano é levar adiante uma civilização que sempre há de evoluir...desenvolvendo suas duas capacidades fundamentais: as de conhecer e amar*” Esta idéia inspiradora é apresentada numa linguagem sociológica por J. Habermas (1983) no seu livro: *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Nele afirma que os estágios de desenvolvimento emocional e cognitivo dos indivíduos, apresentada por J. Piaget (1980), podem ser homologados para a sociedade como um todo. Isto é: o avanço civilizatório estaria configurado como um processo evolutivo em direção a um tipo de sensibilidade e razão universais. Sua obra: *Teoria da ação comunicativa* apresenta de forma mais elaborada esta idéia seminal.

16.4. Dos objetivos gerais do sistema educacional e dos princípios gerais do processo educativo.

Ao enunciar os objetivos gerais que devem orientar o sistema educacional, quero mencionar três que considero essenciais:

1. Garantir a formação de indivíduos capacitados para realizar as diversas funções que o grau de desenvolvimento da divisão técnica e social do trabalho estabelece em cada sociedade.

2. Como o sistema educacional constitui parte importante do sistema científico técnico de uma sociedade, espera-se que ele contribua para formar pesquisadores competentes e manter uma base

de informações atualizada nas diferentes áreas do saber que permita a geração ou produção de novos conhecimentos. Pressupõe-se que esses novos conhecimentos devem contribuir para o melhoramento da qualidade de vida da população, embora, de forma crescente, eles sejam orientados para estabelecer a supremacia tecnológica e militar de uns países sobre outros ou para dar suporte à expansão das necessidades criadas pela sociedade de consumo hoje prevalente.

3. Atribui-se ao conjunto de instituições que fazem parte do sistema educativo, a função de reproduzir os valores correspondentes aos interesses sociais e políticos das classes dominantes, no entanto, elas podem promover valores, atitudes e capacidades que permitam reorientar as formas políticas vigentes, na perspectiva de eliminar as extremas desigualdades sociais, econômicas e culturais. Na sociedade contemporânea, isto significa o fortalecimento de práticas consultivas na tomada de decisões, o fortalecimento das comunidades e dos indivíduos através da organização e de um maior nível de conhecimento de seu contexto e do saber científico existente.

Outro propósito fundamental que está relacionado com a sobrevivência global, está sendo incorporado gradativamente. Trata-se da promoção de uma nova cultura ambientalista fundamentada no conceito de desenvolvimento sustentável. Para tanto, é necessário promover uma ética global que corresponde ao desenvolvimento paralelo de uma sociedade civil mundial e de um estado ou sociedade política, também, de caráter mundial.

Em relação aos princípios gerais do processo educativo, cabe destacar, que não importa apenas a transferência de conhecimentos do educador para o educando (o conteúdo das disciplinas) mas, principalmente a identificação e promoção das capacidades científicas de alunos e dos próprios professores, melhorando o nível de análise e o domínio experimental ou técnico no seu conjunto. Igualmente importante, é o

envolvimento emocional dos protagonistas do processo educativo. Trata-se da total e absoluta compreensão da transcendência existencial e social do ato de conhecer. Consciência que gera esse prazer, essa felicidade intrínseca da “descoberta” nas diversas leituras dos diferentes aspectos da realidade como objetos de reflexão.

Esse espírito deve possuir o professor para inspirar seus alunos na “alegria do saber”. O saber aparece assim, como uma forma de poder libertador, como fonte de gozo, crescimento, autoafirmação e plenitude. O verdadeiro saber inspira nos indivíduos um sentimento de liberdade. Nesse contexto, o saber não se constitui um instrumento da opressão, mas uma fonte de poder que promove capacidades e desenvolve atitudes na perspectiva de servir à comunidade. Em resumo:

O processo educativo deve se orientar na direção de servir à comunidade.

O processo educativo deve melhorar a nossa leitura crítica do mundo

O processo educativo deve ser lúdico, ativo e participativo.

16.5. Breve comentário sobre a operacionalização de uma disciplina do nível superior.

No começo da disciplina é indispensável que os alunos atinjam uma visão clara dos objetivos e do seu conteúdo. O sucesso acadêmico está estreitamente relacionado com a identificação das metas que devem ser atingidas e com o ambiente de *empatia* gerado na sala de aula. Daí, resulta a importância das apresentações dos alunos, do professor e do programa da disciplina, assim com das diversas atividades realizadas, em pequenas equipes, durante o período acadêmico.

Geralmente, o esquema operacional de uma disciplina do nível universitário compreende os seguintes aspectos:

- a) Área temática geral.
- b) Ementa
- c) Objetivo geral
- d) Objetivos específicos
- e) Núcleos temáticos e subtemas
- f) Metodologia e atividades
- g) Material de apoio
- h) Formas de avaliação

Vejam os exemplos de uma área temática geral: “Elementos para uma antropologia da saúde na sociedade contemporânea”. No objetivo geral de tal disciplina deve ficar explícita a meta principal a ser atingida. Os objetivos específicos resultarão como desagregação do objetivo geral. Deve existir correspondência entre os objetivos específicos da disciplina, os sub-temas da mesma e o suporte documental, seja ele, bibliográfico, virtual ou audiovisual. Também, deve existir correspondência entre a metodologia, as atividades e as formas de avaliação. Ilustrarei, a seguir, a correspondência entre algumas atividades e as formas de avaliação:

Quadro 1: Resumo - Atividades e formas de Avaliação

Atividades	Formas de avaliação
Palestra / professor/especialista	Comentários e interrogações
Leitura individual e em grupo	Síntese e interpretação de textos
Apresentação documentários	Escrever breve artigo
Micro-pesquisa	Relatório e ou produção de materiais

16.6. Formas de avaliação das diversas atividades acadêmicas.

O aproveitamento das exposições do professor, e/ou especialista, pode ser avaliado pelo interesse do aluno expressado nas perguntas ou nos comentários pertinentes. Uma forma eficaz de avaliação pode acontecer no final da exposição, ou na aula seguinte, solicitando aos alunos relacionar as idéias principais colocadas pelo expositor com fatos recentes no contexto local, nacional ou internacional. De igual forma, podem ser estimulados para contestar tais idéias, no caso que eles acharem a argumentação insatisfatória.

Os textos selecionados pressupõem uma leitura individual prévia e uma análise posterior em equipes que deve levar a redigir uma boa síntese e, se possível, algum comentário adicional. Para isto, pode ser utilizado um questionário de perguntas abertas ou de escolha múltipla, a critério do professor. O texto selecionado, também, pode ser discutido de forma oral em pequenas equipes que dialogam com o professor. Essa atividade poderia ser chamada assim: “exercício de compreensão de textos escritos”

Uma das atividades estéticas cognitivas que podem ser realizadas no transcurso da disciplina é a apresentação de filmes ou documentários de apoio aos temas colocados pelos textos. Os alunos, também, podem ser estimulados a participar de eventos culturais ou científicos, levando em consideração a existência de alguma correspondência significativa

entre esses eventos e os núcleos temáticos da disciplina. Os alunos podem identificar relações de concordância ou fazer uma leitura crítica intertextual comparando o material bibliográfico e o evento cultural. Neste nível podem realizar-se jogos, socio-dramas ou dinâmicas relacionadas com os temas.

Para finalizar, a atividade chamada de “micro pesquisa” deve partir da escolha de um assunto ou tema de interesse dos alunos. O tema deve estar relacionado com alguns dos tópicos considerados nos núcleos temáticos da disciplina. Os alunos, também, devem selecionar um modelo ou desenho de pesquisa apropriado para seu objeto. Eles serão informados, de forma sucinta, sobre os diversos modelos de pesquisa rápida. Cada equipe de alunos consulta internamente, e com o professor, para realizar o recorte do tema a pesquisar. O professor também pode assessorar-lhes no aprimoramento dos processos metodológicos. A atividade de pesquisa deve ser iniciada, pelo menos, quatro semanas antes de finalizar o período acadêmico e será precedida de um esclarecimento básico sobre os modelos de pesquisa apresentados.

A atividade de pesquisa no ensino universitário é fundamental porque ela viabiliza a articulação entre o nível conceitual e o experimental. É, principalmente, através dela que o aluno e o professor apropriam-se de uma leitura da realidade que é construída por eles mesmos. A seguir apresentarei, de forma esquemática, algumas opções ou modelos de micro-pesquisa. A seguir serão apresentados alguns modelos de pesquisa rápida:

Quadro 02: Modelos de pesquisa rápida

MODELOS DE PESQUISA RÁPIDA	Ensaio Acadêmico	Introdução
		Desenvolvimento
		Conclusões
		Bibliografia
	Diagnóstico Rural Rápido – DRR	Consulta de estatísticas
		Visita de campo
		Entrevista com lideranças
		Redigir o relatório
	Pesquisa de Opinião	Delimitar assunto
		Selecionar perguntas chaves
		Realização das entrevistas
		Análise e comentário
	Anteprojeto	O problema
		Objetivos
		Metodologia
		Bibliografia
	Sistematização	Antecedentes
		Princípios filosóficos
		Fundamentação jurídica
		Fases ou etapas do programa
	Rápida avaliação de Processos – RAP	Considerações finais
		Problema ou programa a pesquisar
		Determinar tipo de informação necessária
Identificação da população objeto		
Escolha de instrumento de coleta de dados		
Aplicação do instrumento		
Análise dos dados		
Conclusões e recomendações		

16.7. Conclusão

É importante destacar que o esquema operacional apresentado constitui, apenas, uma referência base sobre a qual se encaminha um

processo de construção de conhecimentos, em forma de aproximações consecutivas. Portanto, podemos considerar que a exposição do professor ou especialista convidado, os textos selecionados de leitura obrigatória, os filmes ou documentários e a micro pesquisa sobre um tópico particular, constituem quatro formas de aproximar-se à compreensão da realidade dos diversos aspectos do objeto de estudo. Dessa maneira, estamos aplicando criativamente, no ensino universitário, “*o método do artista*” segundo a ideia original do reconhecido cientista contemporâneo Jacob Bronowski, mencionado no início deste texto.

Referências

- ALVES, Ruben. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1995.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARBAB, Farzam. **Universidad Rural: aprendizaje sobre educación y desarrollo**. Ottawa: CIID, 1985.
- ARENAS, Pedro A Rojas. **Textos para um novo contexto**. Mossoró: Vingt un Rosado, 2005.
- BAHÁ U LLÁH, **Seleção dos escritos de Bahá u lláh**. Rio de Janeiro: Bahaí, 1988.
- BRONOWSKI, Jacob. **A escalada do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CAPRA, Frijot. **Ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CASA UNIVERSAL DE JUSTIÇA. **A prosperidade da humanidade**.

São Paulo: Bahaí, 1996.

COMUNIDADE INTERNACIONAL BAHÁÍ. **A cidadania mundial: uma ética global para o desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Bahaí, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 2003.

DE OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea.** São Paulo: Loyola, 2001.

DE VALCÁRCEL, Francia Torné e LIZCANO, Gustavo Correa. **Salvar las barreras.** Cali: Fundaec, 1995.

Dicionário da Língua Portuguesa, Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

_____. **Pedagogia del oprimido.** Bogotá: Tercer Mundo, 1970.

_____. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

KING, Alexander. **The First Global Revolution.** New York: Pantheon Books, 1991.

KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

MEC-BRASIL, **Orientações Curriculares Nacionais.** Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para educação do futuro.**

São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brant, 2005.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar.** São Paulo: Art Médica, 2000.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PÓLYA, George. **Dez mandamentos para os professores,** In: Collected papers of G. Pólya. MIT Press, 1984 Tradução de Maria Celano Maia. **Revista do professor de matemática.** N°. 10/1987.

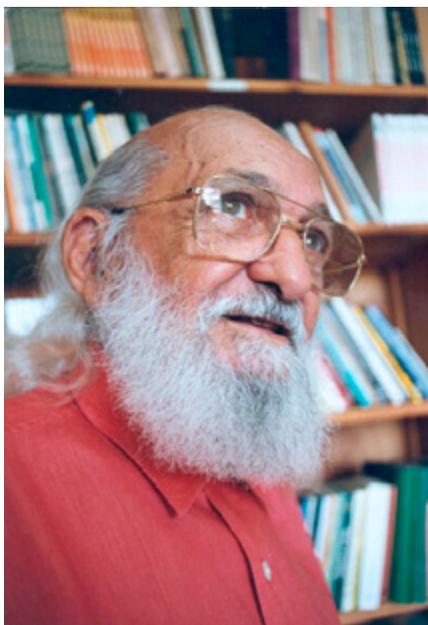
SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção de Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 1995

WARE, Caroline. **Historia de la humanidad.** Vol. 10-12 Barcelona: Planeta, 1982.

Fortaleza, 12 de agosto de 2010

17. Paulo Freire: meu primeiro amigo brasileiro⁴⁶.



Em 1970 chegou a minhas mãos o livro de Paulo Freire: Educação como prática da liberdade. Eu fazia parte de um grupo de jovens universitários da Universidade Nacional da Colômbia, filiados ao MESC (Movimento estudantil social cristão). A leitura do livro, compartilhada no círculo de amigos, inspirou em nós tal entusiasmo que, decidimos viajar até Santiago de Chile, onde Paulo Freire e sua equipe trabalhavam como assessores do Ministério de Educação na implementação de um programa de “educação popular” para os assentamentos camponeses orientados pela CORA – Corporação da Reforma Agrária.

Já no Chile, visitamos o assentamento San Antonio del Peñón, onde passamos perto de quatro meses, acompanhando a experiência sob orientação do professor Ernani Fiori. Nosso compromisso incluía a apresentação de

46. Texto publicado na Série: Diálogos Intempestivos da Faculdade de Educação da UFC no. 97 Fortaleza: Edições UFC, 2011.

um relatório sobre o projeto e o engajamento ativo nas atividades da aldeia. Posteriormente, a experiência foi levada para o litoral norte da Colômbia e aplicada, em vários municípios do Departamento de Sucre, com apoio do IICA (Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas) e o INCORA (Instituto Colombiano da Reforma Agrária). O saudoso sociólogo, professor doutor, João Bosco Pinto, foi o coordenador inter-institucional deste bem-sucedido programa de alfabetização de adultos.

Como resultado desta rica experiência, redigi a minha monografia de graduação: *Análisis social del sistema pedagógico de Paulo Freire*. No capítulo primeiro da monografia apresentei um resumo de seu pensamento. O segundo capítulo, ocupava-se da descrição do contexto social e econômico do nordeste brasileiro da época. Na pesquisa documental outros autores brasileiros foram consultados, tais como: Celso Furtado e Theotônio dos Santos. Quero destacar, de forma especial, o ilustre professor Josué de Castro, um dos maiores geógrafos brasileiros, reconhecido internacionalmente. Realizei uma atenta leitura de sua obra “*Nordeste uma zona explosiva da América Latina*”. No entanto, foi o professor Paulo Freire a minha primeira leitura de autores brasileiros e, por isto, tenho para com ele uma dívida de imensa gratidão que espero honrar condignamente com a publicação deste texto.

O pensamento de Paulo Freire continua exercendo uma grande influência sobre muitos educadores e cientistas sociais, não apenas no âmbito nacional. Ele tem recebido um justo reconhecimento além das fronteiras do Brasil. O vigor e a permanência de sua obra estão fundamentados no cerne de seu ideário libertador. A busca da justiça como valor maior está fundamentada nesse convite a uma profunda transformação individual e social: “expulsar o opressor que se aloja no oprimido” faz parte de uma terapia individual e social para a construção de uma nova cultura dialógica que pretende libertar tanto ao oprimido quanto ao opressor.

1.1 Uma síntese de seu pensamento.

Na atenta leitura de seus primeiros livros poderemos observar o desenvolvimento da seguinte sequência: fundamentos filosóficos, crítica pedagógica e orientações metodológicas. Este eixo teórico constitui-se o cerne de seu pensamento e se expressa de forma diversa e renovada nos livros mais recentes. Estes três aspectos de sua fundamentação conceitual se inter-relacionam constantemente na sua exposição. No entanto, é a perspectiva filosófica que inspira seu desenvolvimento. A crítica pedagógica fundamentada na sua particular concepção do homem, leva-o a considerar a elaboração de um novo sistema pedagógico que incorpora dentro de si uma singular ontologia do ser humano e uma forma particular de construção do saber e o conhecimento: a pesquisa temática através dos círculos de cultura.

17.1.1. Perspectiva filosófica.

Paulo Freire parte do princípio de que toda concepção educativa parte de uma percepção do homem e do mundo, isto é, de uma filosofia.

a. O homem como um ser da ação e reflexão.

Como Paulo Freire define o ser humano? Ele o define assim: “O homem é um ser inconcluso consciente de sua in-conclusão em permanente busca de ser mais”. Daí que sua existência não se limita ao puro fazer (viver) mas, a uma forma de agir que reúne ação e reflexão, consciência do fazer e capacidade reflexiva sobre sua própria ação. Ação e reflexão, portanto, são dois aspectos inseparáveis e complementares que caracterizam o comportamento dos seres humanos. O ser humano

também é um ser em permanente movimento, um devir.

O ser humano oprimido, assim como o animal, está prescrito meramente ao agir, tornando-se sub-humano. Ele fica reduzido a ser uma simples coisa, um objeto. É reflexo do agir dos outros, não é o sujeito da ação, “um ser para sim”, mas, “um ser para outros”. A ação humana, pelo contrário, implica uma síntese da ação e da reflexão numa perspectiva de emancipação.

b. O homem como um ser histórico

O ser humano como intencionalidade, pressupõe necessariamente o conceito de mundo. O ser humano faz parte de um contexto e de uma época, é um ser histórico e concreto, em palavras de Paulo Freire: “*um ser engajado no tempo e no espaço*”. Mas, esse homem fazendo parte da realidade a incorpora conceitualmente e a transcende. Ele constitui o mundo, opondo-se a ele. O ser humano percebe o mundo como algo distinto dele, como um “não-eu” que o constitui e que por sua vez constitui o mundo de sua consciência.

c. Humanização e des-humanização: opções do homem.

Nesse contexto histórico, a humanização e a des-humanização se apresentam como possibilidades de opção mas apenas a primeira Paulo Freire chama de *vocação dos homens*. O ser humano tem uma vocação ontológica de *ser mais*, um devir. Ele não se reduz a ser um simples expectador da realidade ou simples reflexo de outros seres humanos que pretendem transformá-lo em uma coisa.

O homem constitui-se como uma permanente busca pela sua própria humanização. Essa busca encontra-se necessariamente no homem-mundo,

isto é, no homem e suas relações com o mundo e os outros homens. O ponto de partida dessa busca é o homem no seu tempo e espaço concreto. Daí que ele deve reflexionar, através do diálogo, sobre sua vida: o que ele faz e as condições nas quais realiza sua prática para superá-las. Ele está engajado no mundo, ele é um ser de opções que pode humanizar-se transformando-se ao transformar o mundo.

Paulo Freire apresenta outra concepção oposta, aquela que considera o homem como um ser da adaptação. Esta é uma concepção des-humanizante. As possibilidades opostas e excludentes representam a verdadeira e a falsa concepção do homem. A falsa concepção vê o ser humano como uma coisa, como um ser passivo e submetido que o transformam em um ser para outros. Para superar esta situação é necessário estabelecer o diálogo sobre o *homem-mundo*. Diálogo no qual os sujeitos mediados pelo mundo, realizam sua prática de humanização.

17.1.2. Crítica pedagógica.

a. A educação bancária.

Na visão pedagógica, as relações educador-educando são caracterizadas como de subordinação e a atividade predominante é a narração. As atividades na sala de aula são permeadas pela dissertação que pressupõe um sujeito que faz o papel de narrador e um grupo de pessoas que se limitam a ser objetos pacientes que escutam as exposições do professor. Dessa forma, o processo educativo torna-se um mero ato de depositar conteúdos no qual os educandos são recipientes ou depositários. Essa concepção educacional estimula a passividade do educando, levando-o a ser um simples objeto de adaptação.

Para a educação bancária, a consciência do ser humano tem uma dimensão puramente espacial, de um espaço vazio que deve ser cheio

de pedaços do mundo transferidos pelo educador, constituindo-se assim em conteúdos de consciência dos educandos. Estamos perante uma perspectiva mecanicista da educação e da mente humana. Espera-se que os alunos possam posteriormente reproduzir esses conteúdos nas avaliações escolares. A principal preocupação dessa forma de entender a educação constitui-se exatamente em evitar as inquietações, isto é: mitificar a realidade e evitar o questionamento do mundo.

Ela termina negando a realidade como devir, a vocação ontológica de ser mais que caracteriza o ser humano, as relações do homem com o mundo e a própria criatividade humana. O que pretende como prática de dominação é doutrinar os educandos no sentido da acomodação no mundo da opressão. Neste tipo de educação instaura-se uma relação vertical sujeito-objeto. Relação que se pode também expressar assim: opressores – oprimidos.

Esta relação leva implicitamente, como elemento básico, a prescrição que representa a imposição da opção de uma consciência para outra. O que Paulo Freire, também, chama de *dominação cultural*. Por isso, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Esse comportamento se baseia em pautas estranhas a eles, isto é: nas pautas ou modelos de análise e comportamento dos opressores.

Uma vez estabelecida esta relação opressora – oprimidos, é inaugurada a violência. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, inauguram o desamor não os sem amor, mas os que não amam porque só se amam a si mesmos. Este tipo de educação torna a realidade opressora, influenciando a consciência dos que oprimem e dos que são oprimidos. A realidade, assim estabelecida, promove, portanto, a domesticação. Essa situação gera nos opressores uma consciência fortemente possessiva, daí que a consciência opressora tenta transformar tudo o que lhe rodeia em objeto de seu domínio.

No oprimido, gera uma dualidade existencial, pois ele hospeda o opressor, sendo eles e ao mesmo tempo o outro. Gera um sentimento de baixa autoestima ou desvalorização, semeando neles um fatalismo ideológico no qual, a vontade de Deus é a causa da ordem opressiva existente.

b. A educação libertadora.

A visão humanista e libertadora parte do princípio da unidade da relação homem-mundo, como uma realidade dinâmica. Disto resulta que o saber está submetido às condições históricas. O processo de humanização é resultado da capacidade do ser humano para admirar o mundo, de objetivá-lo e transformá-lo com sua prática. No lugar do homem objeto, da homem coisa, luta pela homem pessoa. O fazer educativo assim se caracteriza por ser questionador e não dissertativo. O assunto central é o homem-mundo no seu devir.

A relação educador-educando deixa de ser uma relação vertical e constitui-se como diálogo entre interlocutores que procuram a conciliação. A educação libertadora descarta a manipulação e a domesticação. A consciência não é uma coisa, uma panela vazia, mas resultado da interação do homem com o mundo. Interação que aparece com um desafio permanente. A educação resulta assim com um verdadeiro fazer humano que inclui ação e reflexão tanto para os educadores quanto para os educandos, mediados pelo mundo como seres das práxis.

Portanto, essa educação libertadora não fica limitada ao ato de narrar ou depositar. O educador não é aquele que educa, mas quem ao educar é educado no diálogo com o educando quem ao ser educado, educa também. Disto resulta que ninguém educa a ninguém, mas que os homens se educam em comum, mediados pelo mundo. A reflexão que

propõe esta educação é sobre os homens e suas relações com o mundo.

Esse tipo de educação questiona o *statu-quo* (a ordem prevalente) e por isto aparece como ameaça na percepção dos opressores. Paulo Freire chama esta educação libertadora como *pedagogia do oprimido*. Esta pedagogia deve ser desenvolvida pelo povo para sua libertação, fazendo da opressão e suas raízes objeto de reflexão dos oprimidos.

Como a educação bancária instaura o opressor nas suas consciências, o primeiro passo a dar é descobrir o opressor alojado nos oprimidos. Essa defesa da reflexão dos oprimidos em torno das condições de sua opressão deve levar a mudança na prática social dos oprimidos.

Paulo Freire, encomenda aos oprimidos não só a tarefa de sua própria libertação, mas também a de libertar os opressores. Essa luta de emancipação, então, se constitui como um ato de amor contra o desamor e a violência dos opressores. Em outros trechos de sua *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire afirma que o opressor pode somar nesta luta:

[...] o opressor só se solidariza com os oprimidos quando seu gesto deixa de ser um gesto de piedade ou compaixão sentimental de caráter individual e passa a ser um ato de amor para com os oprimidos. Daí a exigência radical tanto para os opressores quanto os oprimidos de transformar a situação concreta que gera a opressão.

c. Diálogo e pesquisa dos temas geradores: Fundamentos.

O mundo não é para Paulo Freire um laboratório de anatomia no qual alguns homens vivos tratam os outros como cadáveres, sendo objetos passivos de sua análise. Nesta frase Paulo Freire sintetiza sua

crítica à metodologia da pesquisa tradicional e mantém coerência com seu pensamento filosófico e educacional. Sendo o diálogo uma forma de transcender ou superar a educação bancária, ele constitui também o fundamento da educação libertadora e da pesquisa temática. Diálogo é o encontro dos homens mediado pelo mundo para pronunciá-lo. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos que dialogam e de forma nenhuma a de um sujeito pelo outro.

Paulo Freire afirma que o diálogo se baseia no amor, na humildade, esperança e fé nos seres humanos, do qual resulta que a confiança dum polo tem como consequência lógica a confiança no outro. Para a nova pedagogia, o conteúdo programático não pode resultar duma imposição. Ele deve partir da situação existencial dos educandos. De outra parte, os educandos devem participar, junto com o pesquisador, na busca deste conteúdo programático.

Assim, a pesquisa temática e o processo educativo estarão impregnados de diálogo desde o primeiro momento. A pesquisa, portanto, não é análise do povo, mas um processo no qual pesquisadores e homens do povo procuram estabelecer seu universo temático. O que pretende pesquisar não são os seres humanos como se fossem coisas, peças anatômicas, mas seu pensamento linguagem referido à realidade. É o que Paulo Freire chama de tema gerador. A pesquisa sobre o pensar do povo, segundo Freire, não pode ser realizada sem ele, mas com sua participação, sendo sujeito de seu pensar. Se seu pensar fosse ingênuo, ele mesmo deve superá-lo, pensando criticamente o seu pensar.

Paulo Freire introduz um elemento de especial interesse na sua pesquisa que ele chama de *unidade temática da época*. Ela se caracteriza pelo conjunto de ideias, concepções, esperanças, dúvidas, desafios e valores em interação dialética com seus contrários, procurando sua plenitude. A representação concreta de muitas dessas ideias, destes

valores, concepções e esperanças como também dos obstáculos ao ser mais dos homens constituem os temas da época. Esses temas podem ser sentidos ou não sentidos pelo povo (conscientes ou inconscientes).

Ao levar os temas geradores para o povo, a pesquisa temática se torna assim um esforço comum de consciência e autoconsciência da realidade. Aqui se inscreve o ponto de partida do processo educacional ou da ação cultural de caráter libertadora.

17.1.3. Procedimentos.

a. Primeira Fase.

Os pesquisadores devem chegar na área de estudo com uma: *percepção crítica da realidade*. Após dum tempo na área e com vários aspectos da realidade registrados nos diários de campo, os membros da equipe reúnem-se para compartilhar suas observações. Nesse momento re-admiram sua admiração anterior, resultado da observação e dos diálogos com pessoas da comunidade. Esta constitui a primeira aproximação aos núcleos temáticos centrais e secundários nos quais está envolvida a população da área.

b. Segunda Fase.

Identificado esse conjunto de temas geradores (ou contradições), os pesquisadores elaboram os códigos (representações visuais) de situações conhecidas pelos indivíduos da região. Estes códigos devem oferecer possibilidades múltiplas de análise.

c. Terceira Fase.

Realizado este trabalho de codificação, eles são apresentados aos grupos da população interessados na alfabetização, inaugurando os diálogos

decodificadores, também, conhecidos como *círculos de pesquisa temática*. Os indivíduos, ao perceberem conscientemente sua forma de vida, atingem o que Paulo Freire chama de *percepção da percepção anterior*, tomando consciência de seu fazer, de sua ação-reflexão.

d. Quarta fase.

Ela se inicia quando os pesquisadores, terminadas as decodificações nos círculos de pesquisa temática, dão começo ao estudo sistemático e interdisciplinar de suas descobertas para elaborar o conteúdo programático da educação–alfabetização.

Referências

DE CASTRO, Josué. **Una zona explosiva em América Latina: El nordeste brasileño**. Bogotá: Editorial Grijalbo, 1965.

DOS SANTOS, Theotônio. **El nuevo carácter de La dependência**. Revista Pensamiento Crítico No. 45. Habana, Cuba, 1970.

FREIRE, Paulo. **Educación como práctica de la libertad**, Bogotá: Oveja Negra, 1967.

_____. **Pedagogía del oprimido**. Bogotá: Ed. Oveja Negra, 1969.

_____. **La concepción bancaria de La educación y La deshumanización, La concepción problematizadora de la educación**. Bogotá: IICA CIRA, 1969.

_____. **La alfabetización de adultos**. Bogotá: IICA CIRA, 1971.

_____. **Investigación y metodología del tema generador. Reducción y codificación temática**. Bogotá: IICA CIRA, 1969.

FURTADO, Celso. **La economía latinoamericana desde la conquista ibérica hasta la Revolución cubana**. Santiago de Chile: Universitaria, 1969.

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. México: FCE, 1971.

GARCIA, Antonio. **El problema agrário em América Latina**. Bogotá: Ed. UM, 1968.

GONZALEZ, Alberto. **Consideraciones acerca Del método de Paulo Freire**. Bogotá: IICA CIRA, 1969.

PINTO, João Bosco et all. **Informe sobre el programa de investigación temática em su Fase de alfabetización, desarrollado em El proyecto SUCRE I** - Bogotá: IICA CIRA, 1970.

Mossoró, RN, 18 de setembro de 2010.

NOTA: O texto original foi escrito em espanhol. Ele faz parte da monografia de graduação como Sociólogo da Universidade Nacional da Colômbia, no ano de 1975. Foi apresentado na Oficina sobre Paulo Freire, organizada pelo Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, coordenado pelo professor doutor, Ailton Siqueira, em março de 2009.

18. Desafios do Brasil no cenário contemporâneo⁴⁷

18.1. O século XX: palco de uma nova civilização

No livro “*Século de luz*”, o Centro Mundial Bahaí (2002) descreve dramaticamente o século XX com as seguintes palavras:

Reconheçamos de início a magnitude da ruína que a raça humana trouxe para si mesma durante o período da história em consideração. Somente no que concerne à perda de vidas, seu número está além de qualquer contagem. A desintegração das instituições básicas da ordem social...a invenção e produção de monstruosas armas de aniquilamento em massa, a bancarrota de nações inteiras, a redução de verdadeiras massas de seres humanos a uma pobreza desesperadora e a irresponsável destruição do meio ambiente do planeta – tais são apenas os mais óbvios de um catálogo de horrores desconhecidos até mesmo durante as mais obscuras eras passadas.

A seguir faz a seguinte ressalva:

No entanto, ressaltar as falhas de uma grande civilização não significa negar suas realizações. Com a abertura do século vinte, os povos do Ocidente podiam orgulhar-se, justificadamente, dos progressos tecnológicos, científicos e filosóficos pelos quais suas sociedades haviam sido responsáveis...A força das sociedades ocidentais não se limitava aos avanços tecnológicos e científicos. Com a abertura do século vinte, a civilização ocidental já colhia

47. Parte do presente texto foi apresentado no IV Seminário da Rede Universitária de Pesquisadores sobre América Latina - RUPAL, realizado em Fortaleza, nos dias 30 e 31 de agosto de 2006. Tema Central: Novos caminhos da democracia na América Latina. Painel: Conflitos, democracia e nacionalidades na América Latina.

os frutos de uma cultura filosófica que liberava rapidamente as energias de suas populações, e cuja influência iria produzir um impacto revolucionário no mundo inteiro. Foi uma cultura que estimulava o governo constitucional, valorizava as regras da lei e respeitava os direitos de todos os membros da sociedade...

FIGURA 01:
A menina de Vietnam



Fonte: Fotografia de Nic Ul.. Vietnam, 08/06/72

E finaliza com esta desafiadora visão:

Problemas além da capacidade de controle das instituições existentes fizeram com que os líderes mundiais começassem a implementar novos sistemas de organização global que seriam impensáveis no início do século dezanove....Em

meio às conseqüências funestas da Segunda Guerra Mundial, as lideranças do mundo, perceberam ser finalmente possível começar, através da Organização das Nações Unidas, a consolidação das bases da nova ordem mundial...Conquanto os efeitos práticos ainda sejam desapontadores, isto de modo algum diminui o significado da histórica e irreversível mudança de rumo ocorrida na organização dos assuntos humanos (CIB, 1999. p. 87).

18.2. Elementos para uma teoria do desenvolvimento humano.

Habermas (1983) estabelece uma homologia entre a teoria do desenvolvimento cognitivo e psíquico do ser humano de J. Piaget e o desenvolvimento da sociedade. Segundo Habermas, o processo de descentralização do eu, presente na teoria dos estágios evolutivos de Jean Piaget, teriam um equivalente no processo civilizatório, isto é: a sensibilidade e racionalidade apresentam um processo crescente, ampliando sua área de ação para formas sociais cada vez mais abrangentes, a família, a tribo, a cidade, a nação; finalmente atingiria uma forma universal. Um novo estado, talvez, de caráter multinacional e finalmente mundial seria estabelecido como resultado desse processo.

As experiências mais recentes de criação de blocos de nações e a própria experiência da Organização das Nações Unidas – ONU, constituem parte de uma tendência geral que levaria a constituição de um estado mundial, paralelo ao desenvolvimento de uma sociedade civil, também, de caráter mundial.

Numa perspectiva sociológica, o século XX se caracteriza: a) pela *revolução científica técnica* que, segundo Ricth (1977), constitui

uma nova e substancial transformação da estrutura e dinâmica das forças produtivas da vida humana. Ela se relaciona com novos elementos em todos os aspectos do processo produtivo, isto é: novas matérias primas artificiais, novas fontes de energia, um novo tipo de trabalhador especializado e processos crescentes de automação dos meios de trabalho em todos os setores do sistema econômico; b) *o reconhecimento da crescente interdependência dos povos da terra*. O estado nacional, produto das transformações da sociedade moderna, confronta uma situação nova. De uma parte, os problemas ultrapassam seu âmbito de ação nacional e requerem cada vez mais de formas internacionais de governo e, de outra parte, as regiões e localidades reclamam por uma maior autonomia. A situação atual do mundo expressa essa dupla tendência de universalização e descentralização na tomada de decisões.

Alguns indícios antecipam o percurso que a humanidade deve seguir no seu inesgotável processo de desenvolvimento e renovação. Processo no qual, os estados nacionais são enquadrados em um novo contexto: os blocos regionais de nações no médio prazo e o estado mundial no longo prazo. De forma similar como os estados nacionais se desenvolveram na Europa do renascimento em diversos projetos de nações, tais como Inglaterra, França, Holanda, Itália e, finalmente, Alemanha; a humanidade, hoje, intui com certo grau de dificuldade a necessidade de uma comunidade de nações autônomas, com uma língua auxiliar universal, um sistema legislativo e judiciário, assim como um executivo global.

Nesse contexto, como já foi mencionado anteriormente, a ONU -apesar de suas limitações atuais- representa através de seus diversos organismos, um importante processo de desenvolvimento de instituições políticas, culturais e de solidariedade que antecipam, de forma embrionária, associações e formas de governo correspondentes a um “*Civitas Universal*” Tudo parece indicar, no entanto, que a conformação

de um chamado “estado mundial”, transitará por um processo prévio de conformação de blocos regionais de nações.

O desigual avanço da ciência e da tecnologia nos diferentes países e o maior grau de interdependência das economias nacionais encaminham às nações do mundo na formação de blocos, na defesa de interesses regionais, através da complementariedade nos diversos setores de suas economias, procurando beneficiar-se mutuamente perante a concorrência de blocos mais poderosos.

18.3. O novo contexto de desafios e oportunidades.

A percepção da nova situação gerada na pós-modernidade está além da ortodoxia do materialismo histórico e do estrutural funcionalismo na sociologia contemporânea. Somente uma nova e inspiradora visão permite compreender o desenvolvimento da sociedade humana de forma holística.

Esta nova visão entende a história dos processos econômicos, políticos e militares, tão característicos na época da formação das nações, como parte integrante da evolução do espírito humano, no processo geral de planetização da vida social. A consideração de tão importante e complexo assunto não esquece, de modo algum, as dificuldades e obstáculos neste longo caminho de unificação da humanidade. O racismo, o excesso de nacionalismo, a injustiça social no relacionamento internacional e no interior de cada país, a carência de uma língua universal auxiliar, o fanatismo religioso e o atraso cultural de milhões de seres humanos que vivem na pobreza, além da discriminação de gênero, constituem as dificuldades mais evidentes.

No entanto, além das dificuldades assinaladas. No começo do século XXI fitamos a aurora de um novo dia, o início de uma nova era,

de uma nova ordem social que se desenrolará plenamente no futuro. Temos o privilégio singular de assistir o começo de uma nova primavera na história da sociedade humana. Sobre este importante assunto, Vernadski, citado por Edgar Morin no início do capítulo IV de seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, afirma:

Pela primeira vez, o homem compreendeu realmente que é um habitante do planeta e, talvez, deva pensar e agir sob novo aspecto, não somente como indivíduo, família ou gênero, estado ou grupo de estados, mas também sob o aspecto planetário (MORIN 2001, p. 64).

18.4. O cenário latino americano contemporâneo.

América Latina experimentou durante o século XIX o processo de emancipação da dominação colonial europeia e passou a constituir, novas repúblicas *neocoloniais*, segundo o diverso grau de desenvolvimento social, econômico, científico e cultural que detinham no momento da proclamação da independência.

Foi no século XX que os países latino-americanos passaram por profundas transformações que lhe deram acesso à sociedade moderna industrial. A população passou a ser predominantemente urbana. O Brasil é um caso exemplar: em 1960, 85% da população morava em zonas rurais ou semi-rurais e no ano 2000 apenas 15% da população era considera rural.

Os países da América Latina, assim como os demais chamados do “terceiro mundo”, também acompanham o rápido processo de globalização econômica e cultural, conhecido também com o mote de *nova ordem internacional*.

Numa perspectiva limitada às categorias macroeconômicas do neo-marxismo ortodoxo, Carvalho (2006) afirma que a compreensão

das transformações mais recentes dessa nova ordem internacional pressupõe considerar dois pontos básicos:

a) “O estabelecimento dum novo padrão de acumulação e novos mecanismos de valorização do capital, gestando renovadas formas de dominação social... Da qual resulta uma crescente vulnerabilidade do trabalho expressa na instabilidade, na insegurança, nos circuitos do desemprego e da precarização.

b) O próprio ciclo de ajuste da América Latina... É um ciclo que se efetiva de forma dependente e subordinada...A rigor, esse ciclo de ajustamento segue a propalada agenda do chamado “Consenso de Washington...”

As considerações de Carvalho (2006) reafirmam um processo socioeconômico e cultural no qual os excessos de extrema riqueza e pobreza são levados ao limite, sob renovadas formas de dominação.

18.5. Como é que o Brasil insere-se no cenário contemporâneo.

O engajamento do Brasil em processos econômicos regionais como Mercosul, representa uma iniciativa louvável que responde de forma apropriada a uns dois mais importantes desafios do mundo pós-moderno: a conformação de blocos regionais de nações. Para consolidar este processo, se faz necessário impulsionar uma nova visão de sociedade, novas atitudes e valores correspondentes a um conceito mais amplo de cidadania. De outra parte, a integração com os países vizinhos precisa transcender o plano puramente econômico (comercial, industrial e financeiro) e incorporar de forma significativa os aspectos sociais e culturais, dando consistência a uma autêntica consciência regional. Finalmente, resulta inquestionável fortalecer os emergentes processos da democracia participativa na região, visando eliminar as gritantes desigualdades sociais. Para tanto, o tema da

justiça social toma-se especialmente relevante.

FIGURA 02:
O Brasil nas américas



Fonte: Google maps

Pegoraro (1995, p 123), afirma:

[...] enquanto existirem miséria, fome epidemias generalizadas, analfabetos, sem-teto, sem-terras, nossa sociedade, em sua estruturação, será injusta, porque excluirá dos benefícios humanos básicos a maioria da população. A carta constitucional pode ser excelente, mas permanece letra morta até que sua regulamentação e implementação não crie estruturas que atendam as demandas básicas da comunidade.

É preciso que sejam criadas estratégias para superação dessas problemáticas. Compreendendo essa necessidade, Rawls (*apud* PEGORARO, 1995, p. 123) destaca que “[...] a justiça social prescreve que a organização da sociedade crie estruturas que garantam a todos os cidadãos a oportunidade de desenvolver suas capacidades e de evoluir em suas condições históricas”. Em seguida, busca ratificar esse entendimento recorrendo a Bahá u lláh, quando “reafirma a pertinência do tema com as seguintes palavras: O propósito da Justiça é o estabelecimento da unidade entre os seres humanos” (p. 123).

FIGURA 3:

Unidade na diversidade da raça humana



Referências

ARBAB, Farzam. **El proceso de transformación social**. Cali:

Fundaec, 1986.

ARENAS, Pedro Arturo Rojas. **Textos para um novo contexto**. Mossoró: Fund Vingt un Rosado, 2005.

BAHÁ U LLÁH. **Seleções dos escritos de Bahá u lláh**. Rio de Janeiro: Bahaí, 1988.

CARVALHO, Alba Maria Pinho. **Projetos Nacionais e conflitos na América Latina**. Rupal n.º.3, Fortaleza: Edições UFC, 2006.

COMUNIDADE INTERNACIONAL BAHAI. **Quem está escrevendo o futuro?** São Paulo; Abaeté, 1999.

CENTRO MUNDIAL BAHAI. **Século de Luz**. Mogi Mirim, SP: 2002.

SOUZA, Herbert de e RODRIGUEZ, C. **Ética e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

PERORARO, O. **Ética é justiça**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RAWLS, J. **A Theory of justice**. Cambridge: Mass, 1971.

RICHTA, R. **La civilización en la encrucijada**. México: Siglo XXI, 1977.

19. A institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e no Ceará.

19.1. As Ciências Sociais na América Latina.

O processo de surgimento das ciências sociais na América Latina está relacionado com o desenvolvimento econômico e político de nossos países: “Afirma-se uma vez mais a reciprocidade entre o pensamento social e as condições de existência social. Trata-se, neste caso, do processo de industrialização e urbanização na América Latina”.⁴⁸

É importante assinalar nesse processo três momentos das ciências sociais latino-americanas. Num primeiro momento (1900-1945), poder-se-ia falar do predomínio de uma ciência social especulativa. Nessa época, os países latino-americanos estão constituindo sua indústria nacional, vivenciando o desenvolvimento das grandes cidades e das classes sociais modernas; o sistema educativo universitário se inicia nas capitais; é o começo da modernidade. Aparecem os primeiros esforços de interpretação deste novo e conflitivo processo, a exemplo das obras de Gilberto Freyre no Brasil com *Casa-Grande e Senzala*, Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* e Caio Prado Júnior com *A Formação Econômica do Brasil*.

Depois de 1945, inicia-se o desenvolvimento do funcionalismo nas ciências sociais, particularmente com a influência do funcionalismo norte-americano.⁴⁹ A partir de 1961, esse processo se acentua como resposta à ameaça que representava, para os EUA, a Revolução Cubana. Fundações e instituições controladas pelos Estados Unidos se ocupam em criar e fortalecer escolas de ciências sociais na América Latina. A

48. IANNI, Octavio. Sociologia da sociologia Latino-americana. p. 7, 1976.

49. Autores como Robert K. Merton, Alex Inkeles, Ely Chinoy eram estudados nas escolas de sociologia nos países latino-americanos.

sociologia, em particular, aparece como um instrumento de pesquisa para o controle social. Esta etapa das ciências sociais começa a ser superada na década dos anos 70, com a emergência de uma ciência social crítica, influenciada pelo marxismo.

En los primeros años del periodo 1955-1961, la financiación externa a la sociología tendió a canalizarse a través de organismos internacionales: UNESCO, CEPAL, OEA, FLACSO. En 1960 el apoyo de las fundaciones norteamericanas se vuelve masivo y directo; ese año, el Departamento de Sociología de la Universidad de Buenos Aires recibe de la Fundación Ford una subvención de 210.000 dólares y de la Fundación Rockefeller otra de 35.000 dólares.⁵⁰

O que os parece é que há a intenção de melhorar o desenvolvimento de pesquisas no âmbito das ciências sociais, no entanto, pautado na ótica do controle social. Para esse fim, Ianne (1976, p. 13) aponta que a criação de duas organizações internacionais para:

[...] treinar cientistas sociais e promover pesquisas. O Centro Latino-americano de Pesquisas Sociais, no Rio de Janeiro e a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) em Santiago de Chile. Ambas foram instaladas em 1957 sob auspícios da UNESCO e dos respectivos governos nacionais.⁵¹

Caminhando nesse sentido, uma das ações evidentes apresentada por Ianne (1976) é o Projeto CAMELOT, o qual:

[...] correspondeu a uma das manifestações mais

50. VERON, Eliseo. Imperialismo, lucha de clases y conocimiento. 25 años de sociología en Argentina. p. 44.

51. IANNI, Octavio. op. cit. p. 13.

claras das relações entre ciência e dependência... Conforme se lê no referido projeto: o nome Camelot foi dado a um projeto de estudo que tem dois objetivos. O primeiro consiste em pesquisar as condições e as razões porque se produzem, em dados países, potencialidades para o desenvolvimento de movimentos insurrecionais. O segundo consiste em pesquisar o efeito que os atos do governo do país podem ter sobre essas potencialidades. Este projeto de estudo será realizado pelo escritório de pesquisas de operações especiais da Universidade Americana”.⁵²

A partir dos anos 70, uma nova etapa da sociologia latino-americana é caracterizada pela diversidade teórica e a unidade temática. Essa nova fase se consolidará na década dos 80. Fernando Henrique Cardoso e Francisco C. Weffort, comentando o desenvolvimento da ciência social latino-americana, afirmam:

De hecho quien pretenda reconstituir las líneas teóricas que inspiran la ya voluminosa producción sociológica latino-americana, terminaría ciertamente encontrando expresiones de cualquier variante relevante en el pensamiento sociológico... En efecto, es posible distinguir en los trabajos de la mayoría de los sociólogos latino-americanos bajo la diversidad de sus orientaciones teóricas, una problemática latino-americana del desarrollo (CARDOSO e WEFFORT, 1979).

19.2.As Ciências Sociais no Brasil.

Florestan Fernandes, na obra *A sociologia no Brasil* (Petrópolis; Vozes, 1980), apresenta uma análise semelhante à realizada por

52. IANNI, Octavio. op. cit. p. 61.

Octavio Ianni sobre o desenvolvimento da sociologia latino-americana. Ele afirma que o processo de surgimento e institucionalização da sociologia no Brasil é associado às transformações sociais, econômicas e políticas do século XX: aparecimento das classes sociais modernas e o desenvolvimento dos grandes centros urbanos e da indústria nacional, com todos os conflitos próprios da modernidade.

Para uma primeira aproximação do processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil, tomarei como ponto de partida a periodização apresentada por Lucia Lippi Oliveira no Seminário *As Ciências Sociais no Brasil* organizado pela Universidade do Estado de Rio de Janeiro em novembro de 1990.⁵³

1 Antes das escolas de ciências sociais. Época chamada de pré-história, fase de autodidatismo, do ensaísmo, onde não há especialização. A produção da época é vista como “filosofia social”.

2 Anos 1930-40: fase de fundação, em que se desenvolve o esforço para demarcar as fronteiras da sociologia com disciplinas afins: geografia, história, antropologia.

3 Anos 50-60: especialização e profissionalização das ciências sociais. A sociologia aparece como carreira docente na universidade.

4 Anos 70-80: organização da pós-graduação em ciências sociais. Organização da pesquisa dentro da universidade e formação de centros autônomos.

Sérgio Miceli⁵⁴, em *História das ciências sociais no Brasil*, apresenta uma leitura particular desse processo:

Nas primeiras décadas deste século como até

53. BOMENY, Helena, BIRMAN, Patricia. Assim chamadas Ciências Sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

54. MICELI, Sérgio. História das ciências sociais no Brasil. São Paulo: Vértice, 1989.

pelo menos os fins dos anos 50, uma incipiente diferenciação disciplinar caracteriza a emergência das ciências sociais. Destacamos neste processo a construção institucional e intelectual da Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934).

Segundo o mesmo autor, “entre 1930 e 1964 o desenvolvimento institucional e intelectual das ciências sociais no Brasil esteve estreitamente vinculado aos avanços da organização universitária pública e à disponibilidade de recursos governamentais para a criação de centros independentes de reflexão e investigação”.

O eixo Rio de Janeiro - São Paulo se encontra na raiz dos empreendimentos decisivos para a institucionalização das ciências sociais no Brasil. A história das ciências sociais constitui um aspecto do quadro de transformações por que passa o processo de diferenciação do sistema político, nos anos 30, 40 e 50, segundo Miceli (1989).

Os elementos centrais da argumentação envolvendo a gênese e a expansão das ciências sociais em São Paulo prendem-se quase todos aos efeitos da progressiva transformação do Estado no centro interno mais dinâmico dos processos de industrialização e urbanização do Brasil. Ao contrário do que se passou em Minas Gerais, por exemplo, onde as disciplinas jurídicas e econômicas constituem o cerne da formação acadêmica em ciências sociais, o currículo da faculdade paulista se nutria de uma alentada formação filosófica sobre a qual foi se erigindo progressivamente o predomínio intelectual da disciplina sociológica, convertida em núcleo dinâmico da produção acadêmica em ciências sociais nesse período.

O Rio de Janeiro, por sua vez, enfrentou uma equação sócio-política fortemente contrastante com a situação das ciências sociais

e dos cientistas sociais em São Paulo. A maioria das iniciativas bem-sucedidas no Rio de Janeiro ganhou impulso institucional sob a proteção de lideranças e círculos governamentais influentes. *Enquanto em São Paulo os cientistas sociais se tornam cada vez mais profissionais acadêmicos, os praticantes das ciências sociais cariocas são, em sua maioria, e com exceções conhecidas, membros por inteiro das elites políticas e culturais.* (MICELI, 1989).

Em Minas Gerais, as ciências sociais são introduzidas com a mediação da organização universitária já implantada. O projeto institucional mineiro contemplava a formação de quadros técnicos em condições de gerir o processo de modernização da economia e dos governos estaduais. Em Recife, Gilberto Freyre envidou esforços para construir um espaço institucional autônomo, completamente apartado tanto da universidade local como de qualquer outra jurisdição pública ou governamental em nível estadual.

No Instituto Joaquim Nabuco de Gilberto Freyre, parecem ausentes quaisquer intuítos de instrumentalização semelhantes ao ocorrido em Minas Gerais. O Joaquim Nabuco buscava afirmar sua identidade em termos de uma espécie de serviço emergencial de preservação das tradições regionais. Paul Freston afirma que “a criação do instituto representou a implantação, de fato, da pesquisa em ciências sociais em Pernambuco”.⁵⁵

São Paulo foi praticamente o único espaço institucional a constituir algo próximo ao que se poderia qualificar como uma elite propriamente acadêmica, universitária e com objetivos específicos. *Apenas a título de contraste esclarecedor, poder-se-ia dizer que o Rio de Janeiro está para a política assim como São Paulo está para a*

55. FRESTON, Paul. FRESTON, Paul. O Instituto Joaquim Nabuco. In: História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Vértice, 1989.

ciência. (MICELI, 1989).

1.3 As Ciências Sociais no Ceará.

Paulo Elpídio de Menezes Neto, em seu trabalho “As ciências sociais no Ceará: dos primórdios a sua institucionalização”, assinala vários momentos relevantes no processo histórico do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC⁵⁶.

Nos primórdios, é necessário destacar a presença do Instituto do Ceará (fundado em 1887) que, sob a orientação do professor Thomaz Pompeu Sobrinho, desenvolveu a partir de 1938 um plano para a elaboração da História do Ceará. O Instituto publica entre 1945 e 1946 as monografias: *Pré-História Cearense* e *Proto-História Cearense*, de autoria do professor Thomaz Pompeu e posteriormente, a *Pequena História do Ceará* de Raimundo Girão. Em 1958 cria-se o Instituto de Antropologia na UFC, tendo por objetivos específicos: “a realização de estudos e pesquisas relacionadas com o conhecimento e a explicação dos problemas do homem como ser social ou cultural em áreas do Ceará e do Nordeste Brasileiro, escolhidos como modelo”.⁵⁷

Através da obra do professor Thomaz Pompeu Sobrinho pode-se estabelecer um fio condutor entre o Instituto do Ceará e o novo Instituto

56, A Universidade Federal do Ceará foi fundada em 1954, momento desenvolvimentista por excelência em que se procurava modernizar o Nordeste e integrar a região na economia nacional. Na mesma época foram criadas várias instituições que explicitam claramente o objetivo pretendido: BNB, SUDENE, a UFC com seu lema revelador “do Universal pelo Regional” prepararia a mão de obra qualificada necessária à arrancada para o desenvolvimento... a UFC tentava preparar profissionais capazes de atuar com eficácia na modernização do estado. (HAGUETTE, 1991).

57. MENEZES NETO, Paulo Elpídio de. Memória das Ciências Sociais na UFC. p. 25.

de Antropologia da UFC. Em 1960, o professor Pompeu elabora as linhas de trabalho do Instituto de Antropologia e o Plano de Pesquisa Sócio Cultural do Ceará que fixavam os seus objetivos na obtenção do “máximo de elementos para conseguir um conhecimento tanto quanto possível completo das condições antropológicas das populações cearenses atuais, e daí deduzir o que o Ceará possa ser mediante adequada mudança social, que ajuste essas populações no seu próprio meio geográfico, convenientemente adaptado às melhores condições de explorabilidade”.⁵⁸ Em 1968, o Instituto de Antropologia se integra ao recentemente criado Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. A primeira turma do curso de ciências sociais data de 1968, graduando os primeiros licenciados em 1971.

O plano de Pesquisa Sociocultural do Ceará, elaborado pelo professor Thomaz Pompeu Sobrinho para o Instituto de Antropologia, em 1960, iria constituir-se, com as adaptações a que foi submetido, em uma orientação de trabalho para os pesquisadores dos dois órgãos mencionados. As pesquisas de campo que se desenvolveram ofereceram como resultado o treinamento de professores e estudantes.

Outro momento importante no processo de desenvolvimento do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia foi a realização do “Projeto sobre o Comportamento Político no Ceará” (1967). O Projeto teve o professor Paulo Elpídio de MENEZES NETO como Coordenador Administrativo e o professor Belden Paulson como Coordenador Científico. O Professor Paulo Elpídio representava o Instituto de Antropologia e o professor Paulson o Social Research Council dos Estados Unidos.

Finalmente, é importante destacar a Missão de Avaliação Jean DUVIGNAUD realizado através de um convênio de cooperação e

58. MENEZES NETO, Paulo Elpídio de. op cit.

assistência técnica com a UNESCO. O relatório da Missão, publicado em 1968, recomendava consolidar um Centro Regional de Pesquisa em Ciências Sociais. A criação do Programa de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais do Nordeste (PRAPSON) em 1971 apresenta-se como desdobramento e consequência dos estímulos produzidos pela Missão Duvignaud e pelo desenvolvimento, no período que vai de 1969 a 1974, das atividades acadêmicas na Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia.⁵⁹ As consequências mais importantes e duradouras da Missão adviriam do empenho pessoal do professor Jean Duvignaud, graças ao qual foi possível assegurar numerosas bolsas para treinamento em nível de mestrado e doutorado em Universidades francesas. Este intercâmbio estender-se-ia por mais de 10 anos. Foi substituído, finalmente, a partir de 1980, pelo Acordo de Cooperação Interuniversitário Brasil-França.

Para concluir esta interessante Memória das Ciências Sociais na UFC, as palavras de Teresa Maria Frota Haguette parecem-me resumir adequadamente o “Espírito de Corpo” que inspirou os protagonistas desde singular processo:

Nos primeiros anos do Curso de Ciências Sociais, poder-se-ia dizer que o corpo docente representava, antes de tudo, um grupo de amigos que se respeitavam, unidos pelo ideal de contribuir para a criação e o desenvolvimento de um núcleo de ciências sociais que, não só permitiria o conhecimento científico da sociedade cearense, como poderia indicar os instrumentos para transformá-la no sentido da justiça e da equidade.⁶⁰

59. MENEZES NETO, Paulo Elpidio de. op cit. p. 43.

60. HAGUETTE, André. In: Memória das Ciências Sociais na UFC. p. 23, 1991.

19.4.Os bacharéis em ciências sociais da UFC.

Apresentarei, a continuação, alguns comentários sobre três textos que se ocupam do assunto: a monografia de Maria Eldeny Rodrigues da SILVA titulada “A sociologia como profissão: a fábrica de ilusões”, apresentada na Universidade Federal do Ceará em 1987; o texto “Diagnóstico do mercado de trabalho para cientistas sociais em Fortaleza, CE”, elaborado por Maria de Fátima Veras, Vilanova e Elizabeth Fiúza Aragão entre 1992 e 1994, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará e, finalmente, o texto “Radiografia de um curso: o caso de ciências sociais” de Teresa Maria Frota Haguette, publicado na Revista de Ciências Sociais da UFC em 1982. O texto da mesma autora, publicado em 1991 no livro *Memória das Ciências Sociais na UFC*, intitulado “O curso de ciências sociais”, considero-o como extensão do anterior, publicado em 1982.

A monografia de Maria Eldeny Rodrigues da Silva tenta demarcar o campo profissional a partir da consideração teórica dos clássicos da sociologia, concluindo que ela contém uma constituição contraditória, resultado dos diferentes posicionamentos teóricos de seus fundadores.

Segundo a autora existe uma “ambiguidade” no que diz respeito às funções ou afazeres do sociólogo. Para ela, “Com a profissionalização da atividade sociológica, compreendemos que a diversidade teórica determinou a constituição de um campo profissional marcado pela ambiguidade”⁶¹.

O capítulo III da monografia ocupa-se da regulamentação da profissão de sociólogo (lei 6.888/80), comentando os três primeiros artigos da citada lei, que tratam, respectivamente, de: habilitação,

61. SILVA, Maria Eldeny Rodrigues da. op cit., p. 19, 1987.

competências profissionais e entidades empregadoras.⁶² No capítulo IV: “Formação profissional e mercado de trabalho” a autora analisa o alto índice de desemprego expressado nas estatísticas comparadas de sociólogos graduados (520) e sociólogos empregados (202). Os dados correspondem ao ano de 1986 e são tomados da Delegacia Regional do Trabalho e das Universidades Federal e Unifor.

Neste capítulo, também considera as áreas de ação profissional, constatando que a maioria dos sociólogos se ocupa no magistério, seguido pela ação comunitária, planejamento e pesquisa (57, 55, 44 e 22 respectivamente). Analisando as entidades empregadoras, verifica que a maioria está representada por entidades ou órgãos públicos (172 de 202 sociólogos trabalham nessas entidades. Dados de 1986).

A principal preocupação de Eldeny Rodrigues da Silva se refere ao mercado de trabalho, mas numa perspectiva restrita ao vínculo empregatício; a autora enfatiza excessivamente esse aspecto e conclui que uma das causas do desemprego está representada pela “ambiguidade” da formação profissional do sociólogo.⁶³

62. No que diz respeito às competências profissionais do sociólogo, o artigo segundo da lei n.o 6.888 estabelece:

I. elaborar, supervisionar, orientar, coordenar, planejar, programar, implantar, controlar, dirigir, executar, analisar ou avaliar estudos, trabalhos, pesquisas, planos, programas e projetos atinentes à realidade social;

II. ensinar sociologia geral ou especial, nos estabelecimentos de ensino, desde que cumpridas as exigências legais;

III. assessorar e prestar consultoria a empresas, órgãos da administração pública direta ou indireta, entidades e associações, relativamente à realidade social;

IV. participar da elaboração, supervisão, orientação, coordenação, planejamento, programação, implantação, direção, controle, execução, análise ou avaliação de qualquer estudo, trabalho, pesquisa, plano, programa ou projeto global regional ou setorial, atinente à realidade social (SILVA, 1987).

63. A meu ver, o que ela chama de ambiguidade constitui, na verdade, a diversidade de representações no que diz respeito aos afazeres do cientista

Na parte final da monografia, a autora dedica um capítulo (o quinto) para refletir sobre a experiência dos sociólogos vinculados à PROAFA (Programa de Assistência aos Favelados), órgão criado em 1979. O mais destacado pela autora é o fato de que os sociólogos nessa entidade desempenham funções e atividades próprias dos assistentes sociais e que, no fundamental, ficam fora tanto do planejamento como da pesquisa institucional. Estes fatos acentuam o espírito pessimista que caracteriza o texto. Nas considerações finais ela afirma: Apontamos para a necessidade de se repensar a formação do sociólogo, tendo em vista a sua crítica situação profissional no que diz respeito ao mercado de trabalho.⁶⁴

A pesquisa realizada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, UECE, entre 1992 e 1994, tinha como objetivo avaliar as possibilidades do mercado de trabalho e modificar, em consequência, a grade curricular do curso de sociologia, iniciado em 1988 naquela universidade. Embora mais atualizados em relação à monografia de Eldeny Rodrigues da Silva, os dados da pesquisa da UECE confirmam as características básicas já identificadas em 1987 e enriquecem a problemática com novos aspectos como salários, grau de satisfação e origem social dos concludentes.

O universo estudado foi de 881 graduados da UFC e da UNIFOR - de 1971 até 1992 - 444 concludentes da UFC e 437 da Unifor; as amostras constituíram-se por 69 egressos da UFC e 74 da Unifor. Sobre as características da população, verificou-se que a maioria dos concludentes é do sexo feminino (UFC-79,7%; Unifor-89,2%). No que diz respeito à origem social, tomada a ocupação do pai como referência,

social, derivadas dos diferentes posicionamentos teóricos no interior das ciências sociais e em particular na sociologia.

64. Obra citada, p. 103.

verificou-se a predominância da classe média – pequenos proprietários e funcionários médios do setor público e privado.

Sobre as entidades empregadoras, a pesquisa da UECE coincide com as conclusões da monografia de Silva (1987): “Os empregos dos profissionais que atuam na área da graduação estão concentrados no setor público. (UFC-78,6%; Unifor-62,5%)”⁶⁵.

No que diz respeito ao salário e grau de satisfação, a pesquisa da UECE assinala:

Os salários auferidos pelos que atuam na área são maiores para os graduados na UFC... Salários superiores a 10 salários mínimos são mais encontrados entre os egressos da UFC que Unifor (UFC-28,6%; Unifor-25%). O nível de satisfação com o emprego atual de cientista social é substancialmente maior para os que concluíram o curso da UFC... No geral, entretanto, constatou-se uma elevada insatisfação com a profissão nas duas universidades, em decorrência dos baixos salários auferidos.

Das considerações finais da pesquisa cabe destacar as seguintes:

“Grande parte dos profissionais formados em ciências sociais não atua na sua área de graduação, ressaltando-se, entretanto, os que se dedicam ao ensino superior, no qual se verifica uma razoável demanda. Apesar destas considerações, temos a clara convicção de que o mercado de trabalho para o cientista social oferece em Fortaleza largas perspectivas, desde que se inicie trabalhos aplicados em áreas como setor industrial, comercial e de serviços... O rareamento de empregos fixos, enseja a venda de serviços de assessoria, consultoria e

65. Obra citada, p. 103.

planejamento por escritórios independentes de profissionais liberais, como proficuo para o cientista social já comprovado no sul do país”⁶⁶.

O texto de Teresa Maria Frota Haguette (1982) “Radiografia de um curso: o caso de ciências sociais” tem um caráter mais descritivo no que diz respeito à racionalidade interna do curso e poderia ser considerado como uma avaliação da eficiência acadêmica-administrativa. Ele trata de aspectos como: número de alunos no curso, número de alunos por disciplina, desistência, trancamento e reprovação; também informa sobre bairros de residência dos estudantes; número de professores, carga horária dos professores, titulação, etc. No texto “O curso de ciências sociais”, publicado em 1991, Haguette acrescenta dados relativos aos tempos médios para realização da monografia, duração do bacharelado e, finalmente, linhas temáticas das monografias e relação de todas as monografias defendidas na curso de ciências sociais da UFC entre 1978 e 1990.

66. VILANOVA, et all. Diagnóstico do mercado de trabalho para cientistas sociais em Fortaleza, UECE, 1994. Págs. 26-28-33-34.

20. A carreira profissional dos bacharéis em Ciências Sociais da UFC.

20.1. Contextualização da Pesquisa Direta.

Do universo de bacharéis formados pela UFC a partir de 1978, tomei como objeto de minha pesquisa aqueles que se formaram entre 1980 e 1990. Delimitei intencionalmente esta década pelo fato de permitir observar a carreira profissional dos bacharéis em uma faixa que vai de 9 a 19 anos, a partir da data de colação de grau. Antes de 1980 formaram-se apenas 04 bacharéis em Ciências Sociais, um dos quais já é falecido. Dos graduados de 1980 até 1990 obtive informações confiáveis e completas dos nomes, orientadores e títulos das monografias.

Na pesquisa consegui localizar 37 dos 45 bacharéis formados na década citada. Dois dos 45 morreram, um encontrava-se em condições extremadamente precárias de saúde e um outro negou-se a responder o questionário. Assim, de um total de 41 possíveis entrevistados contatei 87,8% da população objeto da pesquisa (36/41). As entrevistas foram realizadas geralmente nos lugares de trabalho ou em suas residências. A maior parte dos que moram em outras cidades e estados receberam o roteiro da entrevista pelo correio, assim como um bacharel que mora atualmente na Alemanha. A localização dos endereços foi possível no início através de alguns bacharéis que eu já conhecia desde 1981, e das informações oferecidas por eles para localizar outros. Os orientadores foram outra fonte de informação, assim como o Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Finalmente, a companhia telefônica me permitiu localizar outros que moram na cidade de Fortaleza e um na cidade de Parnaíba, PI.

Na análise das entrevistas segui as sugestões oferecidas por

Minayo (1994), no que diz respeito à pesquisa qualitativa. Os diferentes itens da entrevista foram agrupados formando categorias. Neste caso, trabalhar com categorias significa agrupar elementos ou atividades, ideias ou expressões em torno de um conceito determinado.

Esse tipo de procedimento, de modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994). O exame do contexto sócio-histórico permitiu estabelecer conexões entre os autores e as determinações fundamentais, no que diz respeito à conjuntura sócio-econômico e política da qual faz parte o grupo social estudado. Na análise das representações dos bacharéis sobre as tarefas do cientista social, levei em consideração as ideias de Sá (1996) sobre representações.

Um aspecto de particular importância na compreensão dos resultados da análise das entrevistas é a consideração do contexto histórico social no qual são formados os bacharéis da década de 80-90. De uma parte a luta contra o regime militar estabelecido em 1964 e, de outra, as profundas transformações do capitalismo após a década de 70. Grande parte dos bacharéis formados na década de 80 participaram ativamente ou vivenciaram, através do envolvimento de familiares e amigos, a resistência à ditadura militar e o processo democratizador do país⁶⁷. No nível internacional na década de 70, quando grande parte dos bacharéis optaram pelo curso de Ciências Sociais, vivia-se um ambiente de luta anticapitalista. As revoluções de Cuba, Argélia, a Guerra do Vietnã eram vivenciadas pelas gerações de jovens latino-americanos com grande intensidade. A polarização das ideias políticas chegou à Universidade. Foi a época que Haguette (1991) chamou de doutrinária. Os anos oitenta, de outra parte, marcaram o esgotamento do modelo

67. Lutas que fazem parte do processo democratizador do Brasil e que tem um momento significativo condensado na reforma constitucional de 1988.

fordista de desenvolvimento industrial e a aplicação mais intensiva dos avanços da revolução científica-técnica na indústria e demais setores da economia, em particular, o processo de automação. Esse processo complexo representa “uma nova e substancial transformação da estrutura e dinâmica das forças produtivas da vida humana” nas palavras de R. Richta (1977). Essas mudanças técnicas foram acompanhadas por novos estilos de administração e particularmente pelo processo de flexibilização do trabalho e da produção.

A Ideologia neoliberal tomou conta do mundo capitalista, estimulando a terceirização da produção, a precarização das condições de trabalho e limitando as funções do estado de bem-estar (redução dos encargos sociais do estado) tal como afirma Iamamoto (1997). Em 1982 o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial institucionalizam a coordenação financeira internacional (CARVALHO, 1995).

Os paradigmas clássicos na sociologia e os meta-relatos polarizados nas ciências sociais são fortemente questionados e se caminha para uma visão mais holística e crítica. Habermas e Bourdieu, entre outros, refletem sobre esse processo na sociologia. Este cenário complexo de transformações no contexto nacional e internacional permite melhor entender várias das respostas dos bacharéis entrevistados; as mudanças nas representações sobre o cientista social e também as mudanças observadas nas opções ocupacionais dos bacharéis formados entre 1980-84 e os que colaram grau entre 1985-90.

20.2. Referências anteriores.

Segundo Miceli, no ensaio sobre “Os condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais,” a profissionalização nas ciências sociais em São Paulo constituía-se um meio de ascensão social via

magistério. Os descendentes de migrantes, as mulheres e um percentual significativo de estudantes das classes menos favorecidas encontraram nas ciências sociais como profissão um canal seguro de melhoramento das condições sociais e econômicas de suas famílias, no quadro maior de transformações no Brasil da primeira metade do século XX

A prática profissional em ciências sociais passa a ser, predominantemente, assumidas pelas mulheres, conforme destaca o autor.

Em São Paulo, as posições disponíveis para a prática profissional das novas disciplinas foram caindo em mãos de mulheres e/ou de descendentes de família de origem imigrante... sem qualquer enraizamento anterior junto aos setores cultos dos grupos dirigentes... Do total de 150 diplomados em ciências sociais pela faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nas 20 turmas formadas entre 1936 e 1955, 57% eram mulheres e 30% eram moças e rapazes com nomes de imigrantes, a maioria dos quais de origem italiana afora uns poucos de origem japonesa, espanhola e árabe (MILECI, 1989).

Continuando suas reflexões, Miceli (1989) destaca que:

Os brasileiros do contingente de diplomados por esses cursos provinham em geral de setores tradicionais empobrecidos, quase sempre do interior do estado, ou então, de famílias ligadas ao magistério secundário, à burocracia estatal... verifica-se desde logo que se trata de um padrão bastante distinto daquele até então vigente nas escolas tradicionais do ensino superior (direito, medicina e engenharia).

Os responsáveis pelos cursos de ciências sociais, conforme destacou Miceli (1989), conseguiram a consolidação e continuidade

desses cursos, “mostrando-se empenhados em contribuir na formação de docentes para o ensino secundário que, àquela altura, constituía um espaço profissional seguro”. Nesse desenho, São Paulo se constituía como “o maior mercado para docentes secundários, constituindo-se numa via de mão dupla, oferecendo colocação alternativa, ou então, garantindo a sustentação material de postulantes e candidatos ao ensino superior naquelas fileiras que então se abriam” (MICELI, 1989).

Bonelli no seu trabalho “Os sociólogos nos Estados Unidos” observa, segundo dados da American Sociological Association, ASA, de 1990, que a maioria de seus filiados atuavam como educadores (76%) e fora da academia (24%). Ela confirmava que a identidade profissional dos sociólogos nos Estados Unidos estava claramente relacionada à carreira acadêmica. Dos 12.992 filiados, só 3.118 (24%) estavam classificados como envolvidos em atividades fora do meio acadêmico. Outro aspecto significativo que tem semelhança com o caso brasileiro e em particular com os bacharéis da UFC está relacionado com as entidades empregadoras.

Segundo o trabalho de BONELLI, a maior parte dos sociólogos nos Estados Unidos é contratada pelo estado, seguida das ONGs e em terceiro lugar aparecem os independentes.

- ✓ Estado 44,8%
- ✓ ONGs 31,2%
- ✓ Independentes 12,1%

Bonelli (1992) destaca que os cientistas sociais norte-americanos começaram a prestar serviços para o estado no final dos anos 20 e que durante as gestões democratas de Kennedy e Lyndon Johnson, houve um grande salto na participação dos sociólogos nos órgãos governamentais. “A identidade e a imagem acadêmica da sociologia

estavam consolidadas”. Um outro aspecto considerado no trabalho da autora diz respeito ao que ela chama de feminização da carreira, segundo dados dos anos 71-72 e 82-83.

Tabela 1: Alunos matriculados nos cursos de Ciências Sociais segundo o sexo - U.S.A

ANO	HOMENS	MULHERES
1971-72	100.879	55.158
1982-83	51.178	40.289

Fonte: BONELLI, G. 1992, p. 116.

“Nas ciências sociais americanas a participação feminina atualmente não é decisiva. No seu ano de pico, havia quase o dobro de homens... Entretanto, foi o sexo masculino que perdeu boa parte de seu interesse pela titulação na área. No momento de maior refluxo os dados se aproximavam (1982-83). A feminização das ciências sociais nos Estados Unidos se deve ao desinteresse dos homens pelo curso, e não ao avanço do contingente feminino” (BONELLI 1992).

Silva (1987), em pesquisa realizada sobre um total de 200 graduados da UFC e da UNIFOR até 1985, confirma a tendência já observada em São Paulo por Miceli (1989) e no caso dos sociólogos nos Estados Unidos segundo Bonelli (1992) no que diz respeito às entidades empregadoras. Vejamos:

Tabela 2: Número de sociólogos empregados segundo entidade empregadora - Ceará, Brasil

Entidade	Nº	%
Federal	50	25,0
Estadual	103	51,5
Municipal	19	9,5
Privada	28	14,0

Fonte: SILVA, Maria E. 1987, p. 69.

Em relação a opção ocupacional, no entanto diverge dos estudos de Miceli e Bonelli. No caso, ainda que a maioria trabalha como professor, a diferença entre esta opção e, por exemplo, a ação comunitária é mínima: (57/55) ver tabela 3.

Tabela 3: Número de sociólogos segundo área de atividade - Ceará, Brasil

Área de atividade	Nº	%
Magistério	57	28,5
Ação Comunitária	55	27,5
Planejamento	44	22,0
Pesquisa	22	11,0
Outros	22	11,0

Fonte: SILVA. Maria E. 1987, p. 66.

Uma pesquisa realizada na UECE por Vilanova (1994), sobre uma amostra do total de graduados da UFC e da UNIFOR entre 1977 e 1992, confirma as três tendências analisadas nos trabalhos já indicados acima: a maioria é composta de mulheres, trabalha no setor público e atua como professores. Da amostra, da UFC, 79,7% são mulheres; 78,6% trabalham no setor público e 43,5% estão vinculados no magistério superior.

20.3. O Perfil Ocupacional do Sociólogo.

Na minha pesquisa reafirma-se a constante dos estudos anteriores, em relação à distribuição por sexo, área de atuação e entidades empregadoras. São semelhantes também os aspectos concernentes à origem familiar (ocupação dos pais e nível de escolaridade). Outros aspectos são novos ou específicos da população estudada por mim.

Na década 80-90 formaram-se 277 cientistas sociais pelo curso

de Ciências Sociais da UFC, dos quais 45 bacharéis e 232 licenciados.

Em alguns casos, os licenciados cursaram, posteriormente, o bacharelado. O grupo que fez estudos de bacharelado corresponde a 16% do total de graduados na década. A proporção entre homens e mulheres é semelhante: do total de licenciados, 192 são mulheres (82%) e 40 (17%) homens. Entre os graduados como bacharéis 34 são mulheres e 11 homens, correspondendo a 75% e 24%, respectivamente. A seguir as tabelas de ocupação atual e entidades empregadoras.

Tabela 4: Ocupação atual (1999)

Ocupação	Nº
Professor Universitário	14
Professor 2º. Grau	04
Funcionário Público	08
Assessor/Consulta	04
Comércio/serviços	03
Não empregados	03
Total	26

Fonte: Pesquisa direta.

Tabela 5: Entidades empregadoras (1999)

Entidades	Nº
Universidade Pública/ Federal / Estadual	12
Universidade Privada	02
Colégio público	02
Colégio privado	02
Secretarias: Educação, Saúde e Desenvolvimento	03
Outras entidades: SEBRAE, Tribunal do Trabalho, FEBEMCE, Assembléia Legislativa, Conselho da Mulher	05
Autônomos (assessores/consultores)	04
Não empregados	03

Fonte: Pesquisa direta.

Do total de entrevistados, dezoito (50,0%) são professores, entre universitários e de 2.º grau. Oito (22,2%) são funcionários e outros oito (22,2%) são assessores ou consultores autônomos, (incluindo na categoria gerentes ou diretores de empresas). Totalizando os que trabalham em universidades públicas, em entidades governamentais e colégios públicos, temos 22 (61,1%) ligados ao Estado em diversos níveis: municipal, estadual e federal. Na empresa privada, incluindo universidades e colégios privados, assessores, comércio e serviços autônomos temos um total de 12 bacharéis (33,3%). Um total de 3 (8,3%) expressam pouco interesse pelo exercício profissional, seja como funcionários ou profissionais autônomos. É importante esclarecer que, no caso dos funcionários públicos, excetuando colégios e universidades públicas, eles desempenham funções de diretores de programas, agentes de desenvolvimento comunitário, e trabalham nas áreas de educação, saúde, desenvolvimento urbano, pesquisa histórica, educação e promoção cooperativa. No que diz respeito aos professores de 2.º grau em estabelecimentos públicos ou privados, cumprem em alguns casos funções de diretores de colégios ou assessores das secretarias de educação municipal. Os classificados na categoria de assessores ou consultores estão ligados a empresas privadas ou são prestadores de serviços independentes, ou são ligados a ONGs e equipes técnicas como no caso das comissões técnicas da Assembléia Legislativa.

Observando as ocupações dos bacharéis formados entre 1980 e 1984 e confrontando-os com os formados no quinquênio 1985-1990, constatamos uma clara tendência no sentido de uma maior profissionalização, conforme a tabela 4.

TABELA 6: Opções Profissionais dos Bacharéis UFC - comparativo turmas 80/84-85/90

Opções	1980-1984	1985-1990
Comércio / serviços	03	00
Professor 2.º grau	03	01
Professor Universitário	02	12
Funcionários	03	06
Assessores/Consultores	00	03
Não empregados	02	01
Totais	13	23

Fonte: Pesquisa direta.

20.3.1. Motivações na escolha do curso e representações sobre o cientista social e outras representações.

Geralmente os entrevistados colocaram mais de uma motivação; no entanto eu tentei identificar a principal em cada caso confrontando com atividades e ambiente anterior ao início do curso e com as respostas do item “expectativas no curso”. As 3 primeiras categorias indicadas na tabela a seguir fazem referência aos interesses predominantes no momento da escolha do curso, isto é: a) principalmente explicar a realidade social no nível teórico-conceitual; b) compreender e melhorar; c) transformar radicalmente a sociedade. Ilustrarei com respostas dos entrevistados. Entrevistado No 9-83⁶⁸. “Queria saber a estrutura da sociedade e as características das pessoas”. Entrevistado No 23-87 “um documentário que assisti naquela época mostrando umas crianças disputando o lixo com os urubus tocou-me profundamente”. Entrevistado No 35-88 “Como ativista político, decidi fazer o curso”.

TABELA 7: Motivações na escolha do curso (bacharéis Ciências

68. Refere ao lugar na ordem de agrupamento no total de entrevistas e ao ano de colação de grau.

Sociais 1980-1990).

Predominantemente Intelectual	10
Predominantemente Social	07
Predominantemente Política	06
Predominantemente Ocupacional	02W
Alternativa outros cursos Centro de Humanidades	07
Outras, pouco claras	04

Fonte: Pesquisa direta.

Este aspecto também se relaciona com as forças motivadoras nas escolhas e atividades dos sociólogos. Parafraseando Berman (1982) eu diria que o sociólogo por excelência vivencia essa tragédia faústica moderna: a tragédia do desenvolvimento, seja pela via das reformas, seja pela via da revolução política. Esse tópico particular é observável não só na tabela anterior, como nas representações do cientista social no momento de colação de grau e hoje. Contudo a tendência é no sentido da moderação e de uma visão globalizante. A seguir:

Tabela 8: Representações do cientista social no momento da colação de grau e hoje (1999).

A = c. grau		B = 1999	
O Cientista Social deve mudar a sociedade	10	Profissional polivalente	11
O Cientista Social é leitor crítico da realidade social	07	Crítico e agente transformação social	04
Pesquisador – Funcionário Público	04	Somente pesquisador	04
Pouco definido, limitado	07	Educador	06
Polivalente	01	Socialmente importante	05

Não respondem	07	Não respondem	06
---------------	----	---------------	----

Fonte: Pesquisa direta.

20.3.2. Temas das Monografias e área de especialização.

Os diversos temas das monografias estão relacionados com classe trabalhadora, partidos políticos e estado, constituindo a maior parte (37,8%); os problemas de gênero (particularmente sobre a mulher), movimentos rurais, práticas religiosas e saúde aparecem em segundo lugar.

Tabela 9: Monografias de bacharelado segunda linha temática (80-90) ²

Classe trabalhador	10	Saúde	04
Estado e partidos políticos	06	Mov. Rurais	05
Mulher	05	Personagens	02
Mov. Religiosos, Igreja	04	Mídia TV	02
Urbanização, espaço urbano	03	Velhice	01
Profissão sociólogo	01	Indústria	01
		Penitenciárias	01

Fonte: HAGUETTE, T. M. 1991, p. 128.

Segundo respostas dos entrevistados, geralmente a especialização é realizada mantendo uma relação de continuidade com o desempenho profissional (área de atuação). Inclui cursos de mestrado e especialização. No caso dos professores universitários observa-se uma continuidade temática com relação ao tema da monografia na maioria dos casos, ver tabela XII.

Tabela 10: Área de especialização dos bacharéis em Ciências

² Nesta tabela, considerei o total de monografias, isto é, 45.

Sociais (1980-1990)

Sociologia	11	Filosofia, história, antropologia e literatura	04
Educação	05	Marketing	01
Saúde	04	Não fizeram ainda	10

Fonte: Pesquisa direta.

Tabela 11: Titulação acadêmica atual 1999

Bacharéis	10
Especialização	07
Mestrado	16
Doutorado	02
Sem informação	01

Fonte: Pesquisa direta.

Tabela 12: Tema da monografia e tema da dissertação

Isabelle B. Peixoto	Mobilização Camponesa / Reforma Agrária / UFC
Fco. Moreira Ribeiro	Redemocratização do CE. / História / UFRJ
J. Benevides Queiroz	Greve dos Metalúrgicos / Teoria Trabalho / Unicamp
J. Estevão Machado	Capitalismo Monopolista / Teoria Dependência / UFC
Inés S. Vitorino S.	Ação da esquerda nos bairros / Ação Popular Comunitária / UFC.
Heloise Riquet	Viabilizar a utopia (ed.) / Yoga no Brasil / UFC
Andréia B. Leão	Políticas de Saúde / Socialização meninos da rua / UFC
Osmar de Sá Pontes	Estado – Participação Popular/A política da esquerda/ UFC
Geraldo P. da Costa	Catolicismo Popular / Renovação Carismática / UFC
Maria Simone d'Oliveria	Mulher da média / Campanha Eleitoral 1989 / UFC

Maria Auxiliadora Garcia	Mulher Operária / Gênero e saúde / UFC
Preciliana Barreto M.	Ideologia novela TV / Pacientes Terminais / UFC
Kleber C. Amora	Literatura / Filosofia / UFMG
Valmir L. Lima	Classe Social / M. Foucault / Sorbone - França
Eldeny R. da Silva	Eldeny R. da Silva
Maria Neuza Lima	Trabalho familiar / Trabalhadoras a Domicílio / UFC

Fonte: Pesquisa direta.

Dos dezesseis bacharéis que realizaram estudos de mestrado onze o fizeram na UFC e cinco em outras universidades brasileiras e no exterior. Seis (6) deles estão fazendo curso de doutorado atualmente (1999.2).

20.3.3. Avaliação do curso e outros aspectos.

Para finalizar esta apresentação da análise dos dados, vou considerar a avaliação do curso, a mobilidade geográfica, o nível de escolaridade dos pais e a ocupação e participação em política da família.

A avaliação do curso feita pelos entrevistados foi expressa em conceitos gerais sobre o curso como um todo ou em forma de avaliação qualitativa de seus diferentes aspectos. Nove (25%) consideraram que o curso tinha fornecido uma visão crítica da sociedade ou o consideraram excelente, constituindo-se uma “experiência fundante da sua vida profissional”, como afirmou uma entrevistada. Outros nove entrevistados o consideraram como doutrinário e deficiente. Aqueles que o designaram como doutrinário comentaram que as lutas políticas no Brasil da época contra a ditadura e o ambiente de triunfalismo da esquerda levaram a uma forte polarização tanto entre os alunos como

entre os professores. Haguette (1991) também destaca este aspecto quando fala da falência de um modelo, referendo-se ao DSCF da UFC nos anos 80 em que “a sociologia vira doutrina”.

Enquanto a formação teórica recebida é avaliada como boa em geral, a formação técnica operacional relacionada com pesquisa é considerada insuficiente (ver tabela XIII).

Tabela 13: Avaliação do curso no momento de colação de grau

	Excelente	Bom	Regular	Insuficiente	Mau
Formação teórica	4	11	4	1	
Formação Técnica	2	4	3	12	
Formação Ética	1	5	1	2	
Formação Ética		1	2	10	
Formulação de Políticas		2		10	
Ação Comunitária			3	10	3

Fonte: Pesquisa direta.

A tabela sobre residência atual dos bacharéis formados nos anos 80 mostra a predominância dos que moram na cidade de Fortaleza (72,2%), seguido de longe pelos que moram em outros estados e no interior do Estado (25%). Fora do país só um. É necessário anotar que a tabela de residência atual pode variar um pouco considerando que seis bacharéis não foram localizados, um dos quais mora no Acre e outros dois na Alemanha, segundo informações de colegas das turmas respectivas (ver tabela XIV).

Tabela 14: Mobilidade Geográfica - residência atual

Fortaleza	26
Estado do Ceará	4
Outros Estados	5
Exterior	1

Fonte: Pesquisa direta.

Os dados sobre nível de escolaridade e ocupação dos pais diferem um pouco dos resultados apresentados por Vilanova (1994) do total de graduados na UNIFOR e UFC. Na pesquisa realizada pela UECE, os egressos da UFC e da UNIFOR vinham, na sua maioria, da classe média 53,6% e 56,7%, respectivamente, sendo seus pais funcionários médios ou pequenos proprietários na sua maioria 27,0% e 29,7% (UNIFOR-UFC). Filhos de profissionais liberais representavam 14,5%. No que diz respeito ao nível de escolaridade, predominava o primeiro grau (56,5% e 57,9% para pais e mães dos egressos da UFC). Na minha pesquisa sobre os bacharéis da UFC anos 80-90 predomina a formação escolar secundária para os pais e mães. Ficando assim primária: 16; secundária: 20; tecnológica ou universitária: 10.

Tabela 15: Nível de escolaridade dos pais.

Nível	Pai	Mãe
Primário	08	08
Secundário	09	11
Universitário	07	01
Téc. Sup./Normalista	01	01
Não responde	11	15

Fonte: Pesquisa direta.

Tabela 16: Ocupação dos pais nos anos 1980.

Ofício, profissão, atividades	Pai	Mãe
Pequeno-médio comerciante	08	02

Profissional liberal	03	01
Funcionário Federal, Estadual e Municipal	07	02
Empregado do setor privado	02	
Outros: barbeiro, mecânico, costureira	02	03
Aposentado	04	01
Dona de casa		14

Fonte: Pesquisa direta.

Os números relativos à participação política e sindical da família do bacharel não aparece muito expressiva quando se tenta associá-la à opção dos filhos de fazer o curso de Ciências Sociais. Só 3 em dois casos os pais participavam de política. As categorias só o pai, só a mãe, primos e tios, totalizam 11 (36%). O dado mais expressivo desta tabela faz referência ao fato de que o pai (o homem) é mais envolvido na política ou nas atividades sindicais do que a mãe (a mulher).

Tabela 17: Participação de atividades políticas ou sindicais na família

Não participaram pai e mãe	15
Sem participarem pai e mãe	02
Só pai	08
Só mãe	01
Irmãos e tios	02
Não respondem	06

Fonte: Pesquisa direta.

20.4. Considerações Finais

No item anterior relacionado à análise das entrevistas realizadas

com bacharéis em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, egressos entre os anos 80-90, foi possível estabelecer um leque de opções ocupacionais que caracterizam o desempenho profissional dos cientistas sociais da UFC. Também pode-se inferir em termos gerais, através de suas representações sobre os afazeres do cientista social e outras informações coletadas, um processo de profissionalização crescente, a conquista de um espaço profissional diversificado correspondente à representação do sociólogo como profissional versátil e pluralista, em contramão da representação predominante ao finalizar o curso caracterizada como doutrinária e, geralmente, messiânica na sua atuação.

Nestas considerações finais sobre a pesquisa realizada quero partir em primeiro lugar para uma ligeira apreciação teórica do conceito de profissão e carreira profissional e a seguir tentar uma análise das diferentes opções ocupacionais do grupo estudado.

Para Weber (1967) o profissionalismo constitui-se historicamente como um resultado importante do desenvolvimento capitalista associado com o ascetismo cristão. Ele afirmou: El espíritu del ascetismo cristiano fué quien engendró uno de los elementos constitutivos del moderno espíritu del capitalismo, y no sólo de éste, sino de la misma civilización moderna: la racionalización de la conducta sobre la base de la idea profesional.⁷⁰

Nas *Leçons de Sociologie* de Émile Durkheim, citado por Garcia Durand (1973) a categoria profissional aparece como uma comunidade de interesses e idéias definindo uma moral profissional particular, organizada em resposta à necessidade de controle coletivo sobre a produtividade do agente e, portanto, funcional a priori por referência à

70. Weber, Max. La ética protestante y el espíritu del capitalismo. Barcelona: Península, 1979

sociedade inclusiva.

No pensamento marxista o profissional pode ser definido em primeiro lugar com relação ao trabalho intelectual, em oposição ao trabalho manual ou simples. Segundo Yamamoto (1997) o cientista social, sociólogo ou assistente social, na perspectiva marxista, está ligado com a reprodução do capital, como trabalho social especializado, seja na empresa privada ou no estado como parte do processo de gerenciamento das políticas sociais necessárias para manter a ordem capitalista. Marc Maurice, citado por Garcia Durand (1973) no texto *“Propos sur la sociologie des professions”*, coloca o conflito de lealdade que perpassa o cientista social em relação aos requerimentos éticos próprios de sua profissão e as demandas da estrutura burocrática, pública ou privada em que, cada vez mais, os profissionais se situam como assalariados. Essa dualidade é vista por Marc Maurice como uma tipologia de atitudes polares entre orientação profissional e orientação organizacional.

No dicionário de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, define-se assim: “Carreira profissional é virtualmente sinônimo de ocupação ou profissão, encerrando geralmente a ideia de um elevado grau de estabilidade profissional... Uma análise mais detalhada permitiria definir carreira como a série de ajustamentos por que passa o indivíduo para adaptar-se às instituições, às organizações formais e às relações sociais informais em que sua ocupação o envolve ou, mais simplesmente, a sequência de ocupações que constituem o histórico profissional de uma pessoa ou grupo de pessoas. Carreira profissional ou padrão de carreira, segundo MILLER e FORM, significa a sequência de empregos que obedecem a um desenvolvimento ordenado ou, sequência de ocupações na vida de um indivíduo ou de um grupo de

indivíduos.”⁷¹

Minha pesquisa permite-me identificar um processo de amadurecimento ou adaptação criativa da maior parte dos bacharéis estudados.

No que diz respeito às opções ocupacionais aparecem evidentes três tendências: os acadêmicos; os funcionários e os assessores ou consultores. Esta classificação visa a atividade predominante do bacharel. Em alguns casos, os bacharéis desempenham funções e atividades correspondentes a duas ou mais destas áreas ocupacionais.

Um quarto grupo estaria formado por aqueles que se orientaram para outras atividades distintas às consideradas próprias dos cientistas sociais, tal é o caso da atividade comercial ou a criação de empresas comerciais. Neste último caso é importante destacar que um bacharel entrevistado considerou a sua formação profissional em Ciências Sociais como uma fase de seu desenvolvimento tanto pessoal como empresarial. Um pequeno e último grupo estaria representado pelos não ocupados.

20.4.1. Os acadêmicos (18)

Dentre os acadêmicos (14 professores universitários e 4 professores de ensino médio) observa-se como aqueles que fizeram a opção ocupacional pelo magistério superior (universitário) realizaram todos estudos de mestrado, geralmente poucos anos após ter concluído o bacharelado. No entanto, o processo de inserção no mundo acadêmico não se ajusta aos padrões apresentados por Weber (1993) sobre o sistema alemão “Privatdozent” ou o norte-americano “Assistant”.

71. Fundação Getúlio Vargas, Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

Eles são vinculados às universidades através de concurso público e, geralmente, iniciam como professores substitutos. Alguns passaram por uma experiência temporária como funcionários de instituições governamentais de pesquisa ou planejamento ou como professores em estabelecimentos educacionais de 2.º grau. Dois deles já realizaram estudos de doutorado e seis estão em fase de conclusão. Outros quatro pretendem fazê-lo.

No caso dos professores universitários, é importante assinalar que seus pais geralmente são profissionais liberais, funcionários médios ou comerciantes bem-sucedidos, encontrando-se uma proporção menor com escolaridade primária ou 2.º grau. No grupo dos acadêmicos, os professores de 2.º grau geralmente não realizam estudos de mestrado. Só um deles o fez.

Na sua origem familiar não aparecem pais como profissionais liberais. Em alguns casos além de serem professores, eles são vinculados às Secretarias de Educação como assessores. Um deles está vinculado ao tele-ensino, além de ser professor no 2.º grau. Trabalham em colégios públicos ou privados, participando também de projetos de desenvolvimento comunitário. Nas suas representações dos afazeres do cientista social, mudar a sociedade contínua a ser um ideário importante. Nas respostas dos professores universitários esta ideia não é explicitada com a mesma força e clareza.

20.4.2. Os funcionários (08)

Os bacharéis que atualmente são funcionários de entidades governamentais nas esferas municipal, estadual ou federal mostram uma vinculação regular ou contínua com as instituições em alguns casos (Sebrae, FEBEMCE, Comissão Técnica da Assembléia Legislativa, Tribunal Regional do Trabalho) e uma menor estabilidade no caso das

Secretarias Municipais de educação, saúde, desenvolvimento ou cultura onde os cargos dependem mais de mudanças no poder político local. No caso dos funcionários da administração municipal os bacharéis trabalham como assessores, agentes de desenvolvimento ou ação comunitária e também em planejamento. Alguns foram provisoriamente bancários ou professores de 2.º grau. Só um deles concluiu estudos de mestrado e dois o tentaram. Na origem familiar também predomina a classe média, filhos de funcionários e pequenos comerciantes. O nível de escolaridade dos pais situa-se predominantemente no 1.º grau. Agrupando os bacharéis funcionários em dois períodos 80-84/85-90 observamos que eles se concentram em maior número no último quinquênio 6/8 (85-90).

20.4.3. Os assessores ou consultores (03)

Eles estão ligados a empresas privadas como Via de Comunicação, a lideranças políticas (parlamentares) ou são autônomos. No caso da empresa privada, eles desenvolvem principalmente propostas de pesquisas, diagnósticos ou programas de desenvolvimento comunitário e treinamento de recursos humanos. No grupo, um entrevistado definiu-se como consultor autônomo em marketing, prestando serviços a entidades públicas ou privadas. Geralmente os assessores ou consultores realizaram cursos de especialização na área de gestão de recursos humanos ou mercado. Só um deles realizou estudos de mestrado.

Os assessores políticos estão mais ligados à militância e lealdade partidária e desenvolvem atividades como eventos, pesquisas, publicações e relações públicas e inter-institucionais. Um entrevistado é secretário executivo de uma ONG criada para desenvolver uma agenda política para o Brasil do século XXI. Ele teve uma longa militância

partidária iniciada quando fazia o curso na universidade. Os assessores provêm de família de classe média. Nas considerações das expectativas sobre o curso de ciências sociais, eles já identificavam um maior leque de opções ocupacionais diferentes de ser professor ou funcionário. Poderia-se dizer que eles se anteciparam nas suas percepções ao concluir o curso e logo após conquistaram seu espaço profissional como assessores ou consultores.

Considerando as tendências do mercado de trabalho e as políticas do enfraquecimento dos encargos sociais do estado, este grupo junto com os acadêmicos seguramente tendera a crescer no futuro próximo.

20.4.4. Os que não trabalham na área propriamente profissional (03) e os não empregados (03)

Nas entrevistas constata-se que os bacharéis que agem em outras áreas ocupacionais como comércio, sejam eles empresários ou representantes de marcas comerciais mostraram poucas expectativas no início do curso ou tinham optado pelo curso na falta ou impossibilidade de realizar outros cursos (arte, serviço social). Na consideração das representações do cientista social eles acham que ele é pouco valorizado. Só num caso o bacharel expressou que o curso foi uma fase de seu desenvolvimento pessoal e profissional: “fechei minha caminhada pelas ciências sociais mas incorporei elementos da formação social na empresa privada”. Eles tiveram experiências ocasionais ou breves em pesquisa (IBGE) ou ensino no 2.º grau e num caso uma longa experiência como funcionário bancário (15 anos).

Em dois casos os bacharéis que não estão empregados, eles foram afetados profundamente por mudanças na saúde de seus familiares / ou pelo falecimento deles, assumindo responsabilidades familiares que

absorveram todo seu tempo, mostrando desinteresse pelo exercício profissional. É significativo destacar que neste grupo apresenta-se dois casos de renovação ou renascimento religioso muito acentuado (um gnóstico, um evangélico).

Um as palavras para terminar. Assim como as grandes obras literárias refletem a paródia da vida humana, uma pesquisa como esta, em menor grau, mostra também que os indivíduos e grupos humanos não podem fugir do espírito da época em que vivem. Nossa carreira profissional assim como nossa vida particular fazem parte de um processo maior em que está empenhada a humanidade. Iniciamos um novo século de tolerância, de aceitação inspiradora da unidade na diversidade, rumo à uma visão holística das ciências e da tão almejada unidade da humanidade, tal como afirma Bahá u lláh, mestre espiritual da humanidade: “*A terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos*”

Referências

ANDRADE, João Tadeu de. Modernidade, Paradigmas e a Resposta Holística In: **Caderno de Ciências Sociais** Nº 1. 1995. Fortaleza: UECE.

ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. A identidade como representação e a representação da identidade. In: Antônia Silva Paredes Moreira e Denize Cristina de Oliveira (org). **Estudos interdisciplinares de representação social**, Goiânia: AB, 1998.

ARAÚJO, Washington. **Quem está escrevendo o futuro?** Brasília, DF: Letraviva, 2000.

ARBAB, Farzam. **El proceso de transformación social**. Cali: Fundaec, 1986.

ARENDDT, Hannah. **Da Revolução**. São Paulo: Ática - UNB, 1988.

_____. **O Sistema Totalitário**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

ARON, Raimond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

AZEVEDO, Thales. **As Ciências Sociais na Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

BARBOSA LEITE, Arnaldo Parente. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2001.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BETTELHEIM, Charles. **Revolução Cultural e organização Industrial na China**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BETTO, Frei. Neoliberalismo In: **Revista AEC**, nº 98. Brasília. 1996.

BOMENY, H. BIRMAN, P. **As assim chamadas Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

BONELLI, Maria da Glória. **Mercado de Trabalho e identidade profissional dos cientistas Sociais: Os sociólogos nos Estados Unidos**. In: XVI encontro anual da ANPOCS; 20-23, Out., 1992 (29p) GT: Educação e Sociedade.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Contrafogos**. Oeiras (Portugal): Celta, 1998.

BRAGA, Ubiracy de Souza. **Notas sobre o papel do sociólogo na sociedade Contemporânea**. Xerox. Fortaleza: 2002.

BRANDÃO, Dennis M. S. **O Novo Paradigma Holístico**. São Paulo: Summus, 1991.

BUESCU, Mireca e TAPAJOS, Vicente. **História do desenvolvimento Econômico do Brasil**. Rio de Janeiro: A casa do livro, 1969.

CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARDOSO, Fernando H. **Ciencia y Consciencia Social**. In: LasCiencias sociales en América Latina. MORALES, Guillermo B. (org.) México: UNAM, 1979.

CARDOSO, Fernando H. & FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

CARLEIAL, Adelita. O Sociólogo e o Serviço público. In: **30 anos do curso de Ciências Sociais da UFC**. 18-20 Nov. 1998. Fortaleza: UFC.

CARVALHO FILHO, Benedito. A crise de paradigmas nas ciências sociais. In: **Cadernos de Ciências Sociais**, n.º 1, Fortaleza: UECE-DCS, 1995.

CARVALHO, Isabel C. M. Os mitos do desenvolvimento sustentável. In: **Revista Política Ambiental**, nov-dez. 1991. Brasília DF.

CASA UNIVERSAL DE JUSTIÇA. **A prosperidade da Humanidade**. São Paulo: Bahai, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Josué de. **Una zona explosiva en América Latina: el nordeste brasileiro**. México: Grijalbo, 1965.

CEPAL, El financiamiento externo de América Latina. In: **Revista Pensamiento Crítico**, n.o 43. La Habana: Casa de Las Américas, 1970.

CHACON, Vamirén. **História das idéias sociológicas no Brasil**. São Paulo: Edusp - Grijalbo, 1977.

COMUNIDADE INTERNAC BAHAI. **A Cidadania Mundial: uma ética global para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Bahaí, 1995.

COTRIM, Gilberto. **Historia e Consciência do mundo**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça. **Orientações para normalização de trabalho acadêmicos**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1996.

DOSIE, Willem. **Les représentations sociales: definition d'un concept**. Tradução: Angela Terezinha Therrier. Paris: SIE, conexions, n. 45, pp. 243-253, 1985.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

ECO. Umberto. **Como se faz uma tese?** São Paulo: Perspectiva, 1993.

EFFENDI, Shogui. **La meta de un Nuevo Orden Mundial** Bsas: Bahaí, 1973.

ENGELS, Federico. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Rio de Janeiro: Horizonte, 1945.

ESGUERRA PARDO, Nicolás Boris. **La Lectura de la obra intelectual de Pierre Bourdieu**. Xerox. Santafé de Bogotá: D.C. 2002.

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 1995.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**. Petropolis: Vozes, 1977.

_____. **A Condição do Sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1960.

_____. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Francisco Alves, 1970.

_____. Roberto Machado (Org.). Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANK, André Gunder. **Acumulação dependente e subdesenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense. 1980.

FRESTON, Paul. O Instituto Joaquim Nabuco. In: MICELI, Sérgio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. (org.) São Paulo: Vértice, 1989

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV. 1986.

FURTADO, Celso. **La economía latino-americana desde la conquista Ibérica hasta la revolución cubana**. Santiago de

Chile: Universitária, 1969.

_____. **O Capitalismo Global**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, Antonio. **El problema agrario en América Latina**. Santafê de Bogotá: universidad Nacional, 1972.

GARCIA DURAND, José C. O Arquiteto – estudo introdutório de uma ocupação. **Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências Sociais, USP**. São Paulo: 1973.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Fortaleza: Batista Fontenele, 1953.

GOLDENBERG, Miriam. **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONDIM, Linda M. P. **O projeto de pesquisa no contexto do processo de construção do conhecimento**. Fortaleza: UFC, 1998.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Bárbara Freitag (**organizadora**). São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Técnica e Ciência como Ideologia**. Lisboa: Edições 70, s. d.

HAGUETTE, Teresa Maria F. (Org.) **Memória das Ciências Sociais na UFC**. Fortaleza: UFC, 1991. Partes II e III; V e VI.

_____. **A Perspectiva do Mercado de Trabalho em Ciências Sociais**. Fortaleza: NEPS, Série Estudos e Pesquisas, 13 (29p.) UFC: 1988.

_____. Radiografia de um Curso: **O caso de Ciências Sociais**. Revista e Ciências sociais, 12-13 Fortaleza: UFC, 1982.

_____. **Projeto Profissiográfico do Curso de Ciências Sociais**. Fortaleza: UECE, Dpto. C. Sociais, 1989.

_____. **Metodologia Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HENDERSON, Hazel. Locking back from the 21st Century. In: **Futures Bulletin, World Futures Studies Federation**. Brisbane (Austrália): 1997 (Vol. 23, n.º 1).

HIRST, Paul Q. **Evolução social e categorias sociológicas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HOFMAN, David. **Renascimento da Civilização**. São Paulo: Baháí, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IAMAMOTTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: Dimensões Históricas, teóricas e ético políticas**. Fortaleza: CRESS-CE, 1997.

IANNI, Octavio. **Sociologia da Sociologia. Latino-americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. **Sociologia e sociedade no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

_____. **Sociologia da Sociologia**. São Paulo: 1989.

_____. As ciências sociais na época da globalização. In: **revista Brasileira de Ciências Sociais**, N.º 37, Ano 13, São Paulo: ANPOCS, 1998.

INGRAM, David. **Habermas e a Dialética da Razão**. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

KING, Alexander. **The First Global Revolution**. New York: Pantheon Books, 1991.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Os últimos combates**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LARA, Jorge H. **20 años de sociología en Colombia**. Santafé de Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1980.

LENIN, V. I. **El imperialismo, fase superior del capitalismo**. Pekín: Lenguas Extranjeras, 1966.

LOPES, José Leite. **Ciência e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1964.

MANNHEIN, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCHETTI, Maria Lujan. **Universidade: produção e compromisso**. Fortaleza: UFC, 1979. Dissertação Mestrado em Sociologia.

MARTINS, Filho Antônio. **Uma universidade para o Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1949.

_____. **O Universal pelo Regional – definição de uma política Universitária** - Fortaleza: UFC, 1956.

MARX, Karl. Otavio Ianni (org.). São Paulo: Ática, 1984.

_____. **Contribución a la Crítica de la Economía Política**. Medellín: Oveja Negra, 1968.

MARX, Karl & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 1988.

MAYOR MORA, Alberto. **Ética, trabajo y productividad en Antioquia**. Santafé de Bogotá. Tercer Mundo, 1983.

MEADOWS, Dennis. **Limites do Crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Impasses e contradições da formação e atuação dos Cientistas Sociais. In: **Revista Ciência e Cultura**, Vol. 28 (7), São Paulo: SBPC, julho, 1976.

MENEZES NETO, Paulo Elpídio de. **As Ciências Sociais no Ceará**. In: Memória das Ciências Sociais no Ceará. Fortaleza: UFC, 1991.

MERTON, Robert K. **Teoria y estructura sociales**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965.

MESA, Dario. **Neocolonialismo y Sociología: un intento de respuesta**. Santafé de Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1968.

MICELI, Sérgio. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol I, São Paulo: Vértice, 1989.

_____. **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. II, São Paulo: Fapesp, 1995.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

_____. **A nova classe média**. – White collar – Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MINAYO, Maria Cecilia (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília DF: Unesco, 2001.

_____. **O método. A natureza da natureza**. Lisboa: Europa América, s.d.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica**. São Paulo: Ática, 1977.

NAISBITT, John. **Megatendências 2000**. São Paulo: Amana Key, 1990.

_____. **Paradoxo Global**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

OLIVEIRA BEZERRA, Débora de. Representações Sociais da adolescência. **Anteprojeto de Dissertação, Pós-Graduação em Sociologia, UFC**. Fortaleza: 1999.

OLIVEIRA, Manfredo de. **Ética e Racionalidade Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

OLIVEN, Ruben G. **Urbanização e Mudança Social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.

PAULA FILHO, Juárez Ferreira de. Para além do século XX. **In: Revista Século XXI**. Brasília, D. F. Athalaia, 1998, n. 1.

PARSONS, Talcott. **O sistema das sociedades modernas**. São Paulo: Pioneira, 1974.

PEGORARO, Olinto. **Ética é justiça**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

PENA, Maria Valéria J. Fontes pouco convencionais na sociologia brasileira: uma avaliação da produção recente. **In: Revista de Ciências**

Sociais. Vol. 33 N.º 1, Rio de Janeiro: 1980.

POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. Porto: Portucalense, 1971.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

QUIVY, Raymond e VAN CAMPENHOUT, Luc. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RAWLS, J. **A Theory of Justice**. Cambridge: Mass, 1971.

RICTHA, Radovan. **La Civilización en la Encrucijada**. México: Siglo XXI, 1977.

ROJAS A. Pedro A. **A Sociologia na Colômbia Atual**. Projeto de Dissertação, Mestrado em Sociologia, UFC. Fortaleza: 1983.

_____. La enseñanza de la sociología en la Universidad Nacional de Colombia. **III Congreso Nacional de Sociologia**. Santafé de Bogotá: Departamento de Sociologia, 1980.

_____. **Análisis social del sistema pedagógico de Paulo Freire**. Monografia de Grado. Departamento de Sociologia, Universidad Nacional de Colombia, Santafé de Bogotá, 1974.

_____. **Los científicos sociales en el mundo Contemporáneo**. Bucaramanga (Colômbia): UCC, 1992. (mimeo).

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996

SAMPAIO, Inês Silvia Vitorino. **Habermas e o projeto das ciências sociais críticas**. Fortaleza: UFC/NEPS, 1994. (série estudos e pesquisas n.º 27).

SANTOS, Theotônio dos. El nuevo carácter de la dependencia. **Pensamiento Crítico**, n.o 3, La Habana: Casa de las Americas, 1970.

SILVA, Maria Eldeny Rodrigues da. **A sociologia como Profissão: A fábrica de Ilusões**. Monografia de grado. DCSF-UFC. Fortaleza, 1987. 111p.

SIMÕES, Ruth Alves. **Ensino Superior e Mercado de Trabalho**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC-CAEN, 1985.

SINGER, Paul. **O que o Socialismo hoje?** Petrópolis: Vozes, 1981.

SOUZA SANTOS, Maria de Fátima de. Representação social e identidade. In: Silvia Paredes Moreira e Denize Cristina de Oliveira (organizadoras). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**. Brasília: UnB, 2000.

SPINK, MaryJane. Desvendando as Teorias Implícitas: Uma Metodologia da Análise das Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, Sandra e GUARECHI, Pedrinho (orgs.) **Textos em representações Sociais**. Petrópolis: vozes, 1994.

SWEESY, P y BARAN P. **El Capital Monopolista**. México: Siglo XXI, 1973.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TOLEDO, Caio Navano de. **ISEB: fábrica de ideologias**. São Paulo: Ática, 1977.

VEIGA, Laura de. A trajetória de uma geração de cientistas sociais em Belo Horizonte: Imagens de anos nem sempre dourados. **III Congresso Nacional de Sociologia**. Brasília: 1987.

_____. Ciências sociais: dilemas, vocações e contextos de trabalho.

In: Helena Bomeny e Patrícia Birgman (organizadoras). **As assim chamadas ciências sociais**. Rio de Janeiro: UERJ – Relume Dumará, 1991.

VERON, Eliseo. **Imperialismo Lucha de Clases y Conocimiento**. Buenos Aires. Tiempo Contemporáneo, 1974.

VILANOVA, Maria de Fátima. V. E. ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **Diagnóstico do mercado de Trabalho para Cientistas Sociais em Fortaleza**. CE. Fortaleza: UECE, Dito. Ciências Sociais, 1994.

WARE, Caroline. **Historia de la Humanidad. El Siglo XX**. Vol. 10-12. Barcelona: Planeta, 1982.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 19...?

_____. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez-Unicamp, 1992.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

_____. Gabriel Cohn (org.) **Gabriel**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1993.

ZEMAN, Zavis P. Restructuring for the 21st Century. In: **Papers de prospectiva**. N.º 6. Barcelona: Centre Català de Prospectiva, 1997.

ADENDO

PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Dissertação: Os sociólogos -Elementos para uma
tipologia da carreira profissional dos bacharéis
em Ciências Sociais da UFC

Autor: Pedro Arturo Rojas Arenas.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Local e data:

Nome do entrevistado _____

Ano de colação de grau como bacharel _____

Orientador da Monografia _____

Título da Monografia _____

Motivações na escolha do curso em Ciências Sociais

1. _____

2. _____

3. _____

Expectativas com relação ao curso _____

Razões para a escolha do tema de monografia _____

Resumo da monografia (principais descobrimentos teóricos e
metodológicos)

Como avalia o Curso no momento de terminar as disciplinas com
respeito a:

Formação teórica

Formação Técnica – operacional

Formação ética

Gestão de projetos e programas sociais

Formulação de políticas sociais

Ação comunitária

Como seria o seu retrato de bacharel recém-graduado _____

Que representações fazia dos afazeres do cientista social no momento da graduação?

Sua primeira experiência profissional? (cargo, funções, área de atuação, status, salário, entidade; considerar também relatórios, modificação de objetivos e métodos na empresa).

Segunda experiência profissional _____

Outras experiências profissionais _____

Experiência profissional anterior à atual _____

Desempenho profissional atual _____

Suas representações hoje sobre o cientista social _____

Tem escrito algo sobre o assunto? _____

Representações no momento da colação de grau e hoje sobre:

- | | |
|------------|---------------|
| A Família | O Socialismo |
| O Estado | O Capitalismo |
| A Escola | O Brasil |
| A Religião | O Nordeste |

Recomenda outros colegas para entrevistar?

Dados complementares

Data de aniversário:

Data de casamento:

Ambiente Familiar:

Nível de escolaridade dos pais.

Ocupação dos pais nos anos 80.

Os pais participaram de movimentos políticos ou sindicais?

Realizou estudos de mestrado (título da dissertação, universidade, data)

Estudos de Doutorado (Tese, universidade, data).

Endereço atual _____

Planos profissionais até 2005?

ANEXOS

XI World Conference
WORLD FUTURES STUDIES FEDERATION WFSF
Brisbane, Australia 28 Sep – 03Oct 1997

THE LUMINOUS HORIZON
OF THE UNITY OF HUMANITY

By
PEDRO ARTURO ROJAS ARENAS

Bucaramanga, Colombia, September 29 of 1996

ANNIE ELLIOT
World Futures Studies Federation
The Communication Centre
Queensland University of Technology
GPO Box 2434
Brisbane, Q 40001,
AUSTRALIA

Dear Annie:

I'm happy to write you. Thanks you, for your letter of the August, 20. Your nice letter is in my hands with the information about the XV Conference of the WFSF which will take place in Brisbane, Australia in 1997.

I'm sending a copy of the paper that I want to present to this important event, to the doctor Carlos Alberto MALLLMANN from Buenos Aires University. I add to the present summary of my paper. I wait for your opinion.

I wish success in your professional life and happiness.

Sincerely,

Pedro Arturo Rojas Arenas
Sociologist at Universidad Nacional de Colombia.
MSc in Sociology at Universidade Federal do Ceará, UFC,
Brazil.
Individual member of the World Futures Studies Federation,
WFSF and Asociación Colombiana de Sociología, ACS

THE LUMINOUS HORIZON OF THE UNITY OF HUMANITY⁷²

By: PEDRO ARTURO ROJAS ARENAS⁷³

“Only in the Occident have certain cultural phenomena arisen, which seem to mark an evolutionary direction of universal reach and validity. Only in Occident is the “Science” in that phase of its evolution which we currently recognize as valid”

This affirmation of Max Weber, in his book: “Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism”, inasmuch as it asserts that the development of reason only reaches its plenitude in the Occident, expresses a Euro-centrist vision of world history. To a certain degree, this can be explained by the fact that the history of humanity in these centuries has resolved around Europe. Nevertheless, this does not correspond to the present situation.

Undoubtedly, the world of the late 20th century presents mankind with new problems and renewed needs that can barely be perceived in all their complexity. There is a need for a conceptualization that would be adequate for general usage, especially among social scientists. The question should be centered on the emergence, development and constitution of a new world order.

72. Original text in Spanish El luminoso horizonte de la unidad de la humanidad. Special translation of Roben Perskie from Floridablanca, Colombia. September of 1996.

73. Bachelor in Sociologist Universidad Nacional de Colombia. Master Science at Universidade Federal do Ceará, UFC, Brazil. Individual member at World Futures Studies Federation

Some signs indicated the new path humanity will traverse in its never-ending process of development and renovation. In this process, the Nation State, without disappearing, will be formulated within a broader context: the State of all Nations. The shaping of a world State would undoubtedly undergo a preliminary process similar to the formation of regional blocks of nations.

Just as the question of Nation State appeared as a necessity in Renaissance Europe and materialized progressively in diverse Nations State enterprises such as: England, France, Germany and other states in the rest of the world in later centuries; today, humanity begins to perceive, to glimpse, in this cycle of permanent progress, the need for a community of autonomous nations with a common auxiliary language and a global administrative, judicial and executives system.

The advance of science and technology, the progress in communication, the diversified development of national economics, the greater degree of interdependence in the world economy, the establishment of cultural and supranational consultative organisms, the shaping of communities or regional blocks of nations and, particularly, the formation of the United Nations constitute an eloquent expression of the singular process, this wondrous and revolutionary age in which we live, as grandiose as the Renaissance, as new as it is promising.

The perception of this new situation follows a path of reflection which goes beyond the orthodoxy of historical materialism. Through perception, it is possible to recognize and grasp a new focus on the understanding of the development of society, in which the economic, political and military history of nations and the world is considered an integral part of the general history of the development of the human spirit, of culture and of humanity’s religious beliefs.

However, this emerging focus does not pretend to ignore the important of the material development of nations, rather it seeks a different and more complex vision of unity in terms of the unfolding of religion, ethics, and other aspects of culture. Also, this new focus on humanity’s history presupposes the adoption of a broader perspective that surpasses the dominant national interpretation; thereby, contributing in the laying of the groundwork necessary for man to attain this new level of consciousness implied in the concept of world citizenship.

The greatest obstacles in this process are: racism, exacerbated nationalism, excessive social and economic inequality among classes and nations, lack of communication, a universal auxiliary language, religious dogmatism, lack of education, and finally, discrimination

against women.

Nevertheless, even among such great difficulties the 20th century suggests the dawn of a new day, the start of a new era, a new world order that will unfold in the future. As this millennium comes to a close, we have the privilege of being present at the onset of a new springtime in the history of the world.

The idea of a new international order seems to be a the direction of humanity's development. However, the principle of national sovereignty as conceived by certain nations, represent a serious obstacle to this process of constructing a World Confederate State. Yet, the emergence of this new spirit and logic as an expression of a collective need becomes ever stronger and more difficult to undermine.

The application that has been given to the dual paradigm of the development of scientific technology and the strengthening of the nation state – a paradigm which has been the foundation for the development of capitalism and contemporary socialism- begins to appear inappropriate in terms of humanity's future progress and must be reconsidered according to the exigencies of our times.

The unification of diverse regions into one territory, in which one language is common to all, culture and legal standards are shared by all, and one national economy is equally accessible to all, would constitute an invaluable revolutionary leap since the commencement of nation states nearly 500 years ago. The indisputable promoters of this process have been bourgeoisie and the proletariat all over the world.

The extraordinary development of science and technology has laid the groundwork for unprecedented material progress so far-reaching that the thorough satisfaction of the needs of the entire human race could be guaranteed. Similarly, the advance in communications has made possible the transformation of the planet into one great neighborhood.

Nevertheless, the rationale of capital and the rationale of State have reached an extreme of alarming hypertrophy. As a result of this situation, the peoples of the world, subjected to the insatiable voracity of international financial capital and the dictatorship of the proletariat, must bear the most diverse forms of extraordinary violence. Particularly, it is the common man or woman in the great urban centers, who suffers the direct or subtle exercise of this terrible violence in all aspects of his \ her daily life.

Although the paradigm of the Scientific Revolution and the Nation State has been the central axis of an era that is now coming to an

end, it cannot be said to have lost its significance but, rather, it should be examined in the light of a new perspective. Just as, for example, the development of science and technology cannot continue to be based solely on economic gain and military usefulness. There are other fundamental aspects to be considered, such as the right to work and the world ecological system.

In conclusion, the unity of the peoples of the Earth can be the only solid foundation upon which an everlasting peace can be established. 'The well-being of mankind, its peace and security, are unattainable unless and until is firmly established'.⁷⁴

74. Baha u llah, quoted in *The Promise of World Peace*. The Universal House of Justice, p. 35

GLOBAL RESEARCH AND SOCIAL INNOVATION:
TRANSFORMING FUTURES”

Bucharest, ROMANIA, 26th – 28th June 2013

FUNDAEC in Colombia: an unusual experience of participatory
development, social innovation and construction of future

by:

PEDRO ARTURO ROJAS ARENAS¹

Fortaleza, Brazil, March 06 de 2013

¹ MSc in Sociology at UFC, Brazil - Professor Adjunto I DCSP

UERN

Individual member of the WFSF – Ibero-American Chapter-

One of the most innovative in the educational context in the rural areas of Colombia started in 1974 by the Foundation for the application and teaching of science, FUNDAEC, in the municipality of Puerto Tejada, in Colombia. The experience of the creators of Fundaec took into account *the participation* as a basic element of human development, for which a genuine participation were possible, it became necessary for the *organization* and the *training* of human resources, developed, then, the *System of Learning Tutorial*, SAT. The methodology does not follow the standards of traditional schools and the thematic content are treated in an interdisciplinary, taking into account the problems that young people of the field face in real life. The SAT allows them to obtain the level of higher education, without abandoning the rural area. With their knowledge, they help to raise productivity and income of the family farm, significantly improving the level of life and social well-being. Another central element of the vision of Fundaec is the *organization* of the community in various interest groups to consolidate, through the consultation process, the community development by strengthening, on the whole, the local economy. Today, the system of learning tutorial, SAT created by the Foundation for the application and teaching of science, FUNDAEC has achieved a great national and international recognition. Educational initiatives, such as the exemplary case of Fundaec, represent projects successful of participatory development and sustainable, so added efforts in building a prosperous and sustainable future for communities.

Keywords: System of learning Tutorial, Education and rural development, consultation process, participatory development as social innovation and construction of futures.

Carta convite da President do World Futures Studies
Federation - Jennifer Gidley

Pedro Arturo Rojas Arenas (Org.)

PROCURANDO A PAZ



Laura Patricia Rojas Gutiérrez



Série "C" – Volume 1636 – Outubro de 2013

Resenha sobre a Fé Bahá'í

A fé bahá'í é uma religião monoteísta que enfatiza a união espiritual de toda a humanidade. Três princípios básicos estabelecem a base para os ensinamentos e a doutrina bahá'í: a unidade de Deus, que há apenas um Deus que é a fonte de toda a criação; a unidade da religião, que todas as maiores religiões têm a mesma fonte espiritual e partem do mesmo Deus; e a unidade da humanidade, que todos os seres humanos foram criados igualmente e que a diversidade racial e cultural deve ser apreciada e aceita. Segundo os ensinamentos da fé bahá'í, o propósito humano é aprender a conhecer e a amar a Deus através de métodos como orações, reflexões e ajuda aos outros. A fé bahá'í foi fundada por Bahá'u'lláh na Pérsia. Bahá'u'lláh foi exilado da Pérsia para o Império Otomano devido a seus ensinamentos, falecendo enquanto ainda era oficialmente um prisioneiro. Após a morte de Bahá'u'lláh, sob a liderança de seu filho, 'Abdu'l-Bahá, a religião se expandiu de suas origens persa e otomana e ganhou espaço na Europa e nas Américas, além de ter se consolidado no Irã, onde sofre intensa perseguição. Após a morte de 'Abdu'l-Bahá, a liderança da comunidade bahá'í entrou numa nova fase, passando de um único líder para uma ordem administrativa com órgãos eleitos e indivíduos indicados. Há mais de cinco milhões de bahá'ís espalhados por mais de 200 países e territórios. Na fé bahá'í, a história religiosa da humanidade é vista como tendo sido manifestada através de uma série de mensageiros divinos, cada um dos quais estabeleceu uma religião adequada às necessidades de seu tempo e à capacidade das pessoas de então. Esses mensageiros vão de figuras abraâmicas como Moisés, Jesus, Maomé às dárnicas como Krishma e Buda. Para os bahá'ís, os mensageiros mais recentes são o Báb e Bahá'u'lláh. Segundo os ensinamentos bahá'ís, cada mensageiro profetizou sobre os próximos, e a vida e os ensinamentos de Bahá'u'lláh completou as promessas escatológicas das escrituras anteriores. A humanidade é entendida como fazendo parte de um processo de evolução coletiva e a necessidade do tempo atual é o estabelecimento de paz, justiça e unidade a uma escala global.

POSFÁCIO

O autor tende a confundir-se com o texto e o texto com o autor. O escritor expressa-se através de sua obra e, em consequência esta reproduz os elementos essenciais da personalidade do seu criador. A obra como expressão de um ser humano leva-nós a captar os caminhos seguidos e os recusados; as linhas gerais do seu interesse; os acentos e nuances. O autor tem um leque de oportunidades limitado historicamente. A produção humana confronta-se com a alternativa de ser reconhecida como tal ou de ser considerada alheia ao seu criador e como tal não reconhecida. Isto é válido para toda produção humana seja no campo filosófico, científico, religioso, estético ou político.

Em determinadas circunstâncias a origem da obra parece perder-se ficando “nebulosa” sua conexão social e pessoal não entando, uma leitura atenta permite recuperar a conexão da identidade perdida. O livro do professor Arenas revela a personalidade do autor revelando temas do seu interesse acadêmico e vital. O autor se reconhece plenamente neste texto. Aqui o autor e sua obra se fundem. Na minha leitura, três assuntos constituem o cerne do seu texto: a Ciência Social; a Fé e o Compromisso com o desenvolvimento humano. Seu livro: “Textos para um novo contexto” da conta de um entendimento otimista, heterodoxo ao mesmo tempo corajoso da sociedade humana.

Formado em Ciências Sociais, o autor apresenta problemas inscritos na dimensão teórica e prática da sociologia: o papel dos estados nacionais e a revolução científico técnica; uma tipologia do século XX e da sociedade contemporânea; o conceito de desenvolvimento humano; a questão do gênero; o papel dos educadores, entre outros. Nestes assuntos consegue “fundir” criativamente os três aspectos mencionados acima; isto é: ciência; fé e compromisso. Acredita na situação transitória do mundo atual e a possibilidade do estabelecimento da unidade mundial sem desconhecer os sérios obstáculos para tal empreitada.

No que diz respeito à crença religiosa, o autor se identifica com a Fé Bahá'í, a qual define como elementos centrais a existência dum Criador do universo, a unidade essencial das diferentes religiões e da humanidade, a necessidade de eliminar todo tipo de preconceitos e a educação universal. Para esta nomeação religiosa não existe a incompa-

tibilidade de ciência e da religião, se valoriza amplamente o trabalho e a vida saudável e metódica.

De aí podemos compreender que dentro desta religiosidade o autor encontra plena harmonia com o exercício profissional em ciências sociais, com sua prática docente universitária e com seu compromisso com as causas em prol do desenvolvimento e bem-estar humano. Tudo o qual está expresso claramente na sua produção intelectual e no trabalho social como educador e participante dum projeto de construção de uma civilização mundial.

O texto que apresentamos, expressa um claro compromisso com as causas coletivas, em particular com a causa dos pobres e excluídos, porém, não exclusivamente com eles já que sua finalidade é difundir a necessidade do acesso do bem-estar e a prosperidade para toda a humanidade. Trata-se, por tanto, de fazer bem o ofício de cada um e também, envidar esforços para atingir o “luminoso horizonte da humanidade”, segundo palavras do autor. Para isto é preciso utilizar os meios necessários para tal e subordinar o interesse particular em favor da humanidade em seu conjunto.

Em todos esses aspectos o autor se manifesta um espírito otimista, uma atitude heterodoxa e uma coragem pessoal. Do espírito otimista basta sinalizar que pode ser uma motivação subjetiva que estimula o esforço nele investido sem, desconhecer as dificuldades que ele deve confrontar. Da dinâmica desse otimismo deve ser advertida a convergência de uma personalidade que se realimenta criativamente nesse universo de significados religiosos.

Da heterodoxia da conta, especialmente, o fato de não seguir os caminhos trilhados da exegética dos autores e cientistas sociais e do tratamento padronizados na vida acadêmica contemporânea latino-americana e mundial da segunda metade do século XX. Da coragem, fala o fato de fazer isto numa região onde separar-se do dogma científico e religioso era e é motivo de anátema e exclusão.

Os temas aqui apresentados -de forma breve e amena- apontam elementos centrais do seu desenvolvimento deixando aos leitores inquietações que podem ser revistas no futuro. Alguns temas apresentam extensos trabalhos de pesquisa do autor em diferentes cenários da América Latina. No texto: “A terra é um só país” o autor questiona o pa-

radigma do desenvolvimento que é utilizado para descrever a sociedade moderna em função dos estados nacionais e a reconhecida revolução científica técnica; sinalizando a necessidade de um novo paradigma que de conta da sociedade global contemporânea. Em: “Novos horizontes para um mundo em caos” o autor descreve alguns eventos dominantes do século XX. Com algumas variações na linguagem no texto: “Tendências do mundo contemporâneo” volta sobre o mesmo assunto.

No texto: “Uma visão alternativa do desenvolvimento” apresenta uma rica reflexão sobre dito conceito levando em consideração a experiência de algumas ONGs como é o caso da Fundación para la Aplicación y Enseñanza de las Ciencias, FUNDAEC na Colômbia. Na perspectiva dos criadores de FUNDAEC o desenvolvimento humano está ligado a dois fatores cruciais; isto é: a organização e o conhecimento. Só através deles as comunidades do campo e das cidades podem participar na gestão do seu próprio desenvolvimento.

“A mídia e a ética profissional” insiste na importância do compromisso dos comunicadores sociais com a veracidade e a promoção da educação das massas da humanidade. O texto sobre “O homem e a mulher” afirma a igualdade de gênero com respeito às capacidades apesar de sua natureza diversa, propondo um equilíbrio entre os elementos femininos e masculinos da civilização humana. No: “Breve ensaio sobre as diferentes formas do espírito de vida” de forma original mostra como através da Revelação dos grandes educadores da humanidade, os seres humanos podem conectar sua vida cotidiana com um propósito transcendental.

O livro do professor Pedro Arturo é produto e expressão da busca da verdade. Busca moldurada num profundo amor aos seus semelhantes. Dita busca merece o mais absoluto reconhecimento e esse amor é um apelo para todos.

NICOLÁS BORIS ESGUERRA PARDO
Sociólogo da Universidade Nacional da Colômbia
Professor universitário

Bogotá,
Colômbia, 2018.



Sobre o autor:

Pedro Arturo Rojas Arenas é Sociólogo formado pela Universidade Nacional da Colômbia, sendo seu trabalho monográfico intitulado: “Análisis Social del Sistema Pedagógico de Paulo Freire” Trabalhou em várias instituições de desenvolvimento e em universidades públicas e privadas da Colômbia, entre elas, a Universidade Nacional, a Universidade Cooperativa da Colômbia, a Universidade Industrial de Santander e a Universidade de Pamplona. Concluiu o Mestrado em Sociologia pela UFC, com a defesa da dissertação: “Os sociólogos: elementos para uma tipologia da carreira profissional dos Bacharéis em Ciências Sociais da UFC”. Foi professor da Universidade Estadual do Ceará, UECE, por vários anos e atualmente leciona no Departamento de Ciências Sociais e Política da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. Tem publicado vários artigos em revistas de seu país. Também publicou parte de sua Dissertação na Revista de Ciências Sociais da UFC e na Revista de Humanidades da UECE. Tem publicado vários livros entre eles: O amor em tempos de guerra (2000); Textos para um novo contexto (2005); Os sociólogos (2005). Em espanhol publicou o livro: El luminoso horizonte de la humanidad (2005) em memória de sua filha Laura Patrícia Rojas Gutiérrez; Didática, Pedagogia e Sociedade (2009) e As raízes da violência e os caminhos para a paz (2013). Seu endereço postal: Caixa Postal 52730 Agência de correios Aldeota, Fortaleza, CE - CEP 60.150-970.

E.mail: arenaspedro@bol.com.br; arturoarenas@uern.br
Curriculum Lattes.cnpq.br/8360576171057914

Mesmo estando misturados e entrelaçados, os textos dessa coletânea transitam em dois grandes blocos temáticos. Em alguns momentos, o autor traz passagens de sua vida: experiências, afetividades e encontros pessoais como aquele que aconteceu com Paulo Freire, por exemplo, bem como suas visões sobre a vida e espiritualidade. São escritos mais soltos, leves e ensaísticos. Em outros, reflexões intelectuais de cunho mais analítico, conceitual e até mesmo didáticos sobre a realidade circundante.

Nessa nova edição revisada, atualizada e ilustrada, a coletânea reúne as preocupações, interrogações e reflexões de um intelectual e mostra uma concepção filosófica, sensível e poética necessária para enfrentar os desafios do nosso tempo. E deixa, de forma mais forte, a compreensão de que o desenvolvimento da ordem social e mundial deve ocorrer, simultaneamente, com o desenvolvimento da ordem do sujeito e da condição humana.

- Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

